



**UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e
Secundário**

Tiago Emanuel Fonseca Reis

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA DE ANADIA JUNTO DA TURMA DO 9º C N ANO LETIVO DE
2013/2014**

Estudo: A realidade motivacional de um aluno com NEE, nas aulas de
Educação Física e na Escola.

**Coimbra
2014**

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

ESCOLA SECUNDÁRIA DE ANADIA

Relatório para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Orientador: Professor Alan Massart

Tiago Emanuel Fonseca Reis
2009119570

Coimbra
2014

Esta obra deve ser citada como:

Reis, T. (2014). *Relatório Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária de Anadia junto da turma 9^oC no ano letivo 2013/2014*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Tiago Emanuel Fonseca Reis, aluno nº 2009119570 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art.30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de março de 2009).
Coimbra, ____ de julho de 2014

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

É fulcral e extremamente importante para mim, agradecer a quem, indiscutivelmente, esteve presente e me apoiou ao longo deste ciclo de estudos. Quero começar por agradecer aos meus Pais, todo o esforço e dedicação ao longo da minha formação académica, para me dar a possibilidade de ter uma vida profissional qualificada e por estarem sempre do meu lado nos maus e bons momentos, no sucesso e na derrota.

À Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física e todos os docentes que me transmitiram os saberes científicos e as bases necessárias para a construção de uma carreira qualificada.

Agradeço, aos meus colegas de estágio, José Guilherme, Pedro Mendes, Pedro Nascimento e Daniela Osório pelo espírito cooperativo, apoio incondicional, dedicação e amizade. Acima de tudo, guardo o respeito, honestidade e sinceridade que, com eles partilhei.

Aos alunos da turma C do 9º ano da Escola Secundária de Anadia, pela forma entusiasta e dinâmica com que participaram nas aulas.

Agradeço à Encarregada de Educação e ao se Educando por toda a disponibilidade, flexibilidade e empatia, bem como, aceitação da participação do filho no Estudo Caso.

À professora Alexandra Alvim, pela paciência e orientação na turma demonstradas, bem como, à transmissão de experiências relacionadas com os diferentes cargos do professor.

À professora Maria do Céu Castelo-Branco, que através de um espírito irreverente e crítico, me transmitiu conhecimentos / experiências fundamentais à percepção do aluno e às suas necessidades, físicas e psicológicas.

Ao professor Alain Massart pela orientação pedagógica crítica, construtiva e acima de tudo profissional. Sempre presente e sempre pronto a ajudar.

Ao professor Rui Luzio, pelos valores transmitidos e pela enorme capacidade de tornar os erros em sucesso. A sua determinação, paciência e capacidade intelectual, proporcionaram-me uma evolução progressiva e coerente.

A todos eles, o meu sincero e humilde, Obrigado!

RESUMO

O Estágio Pedagógico é o epílogo de todo o nosso processo de formação académica, enquanto profissionais da docência. Este visa a aquisição de competências que permitam um ensino o mais eficaz possível, aliando sempre, a harmonia entre a teoria e à prática. Representando um papel preponderante na evolução do estagiário, a reflexão constante sobre a prática, mobiliza a oportunidade de aplicação dos conhecimentos e saberes científicos e experiências adquiridas ao longo do curso.

Sendo assim, o Estágio Pedagógico desenvolveu-se na Escola Secundária de Anadia, no ano letivo de 2013/2014, com objetivo principal a integração e consolidação, no contexto da prática, no 1º e 2º semestre do Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, através de uma prática docente supervisionada e orientada. Desta forma, nasce a necessidade de relatar as experiências adquiridas, surgindo então, a realização do Relatório de Estágio.

O papel do docente durante o ensino de conteúdos curriculares é fundamental, uma vez que, as estratégias por si confinadas determinam a eficácia de uma aprendizagem coerente e significativa para todos os alunos. Sendo assim, não nos podemos esquecer dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE), pois a inclusão nas aulas destas crianças e jovens exige uma prévia adaptação dos recursos e atividades por parte do professor. Alunos com NEE, necessitam de especial atenção e dedicação acrescidas no papel do docente, enquanto educador. Tendo como pressuposto a inovação e a criatividade das estratégias pedagógicas inerentes aos mesmos, procurei fazer um estudo baseado na *“Realidade Motivacional de um aluno com NEE, nas aulas de Educação Física e na Escola”*. Propõe-se com este estudo, a aplicação de um plano de intervenção ao aluno com NEE (Aluno com Síndrome de Asperger, presente na turma), com o seguinte objetivo: Num plano principal, verificar o seu estado de espírito na escola e nas aulas de EF, (se este se sente feliz, quando se encontra na escola) e num plano secundário, através do plano de intervenção, constatar se o aluno apresentou melhorias relativamente à capacidade de resposta às suas necessidades enquanto aluno com NEE, bem como, melhorias no seu desempenho e capacidades motoras.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico; Formação; Reflexão; Educação Física; Necessidades Educativas Especiais; Capacidades Motoras; Intervenção; Motivação; Síndrome de Asperger.

ABSTRACT

The Pedagogical Internship is the epilogue of our whole process of academic formation, while teaching professionals. This aims at the acquisition of competences that allow the most effective education possible, allying always, the harmony between theory and practice. Representing a leading role in the evolution of the trainee, the constant reflection on practice, mobilizes the opportunity of application of knowledge and scientific knowledge and experiences gained throughout the course.

Therefore, the Pedagogical Internship course was developed in High school of Anadia, in the school year of 2013 / 2014, with main objective the integration and consolidation, in the context of practice, on the 1st and 2nd semester of Master's degree of teaching of physical education in basic and secondary education teachings, through a supervised teaching practice and guided. In this way, rises the need to report the experiences gained, emerging then, the internship Report realization.

The role of the teacher during teaching curricular contents is crucial, since the strategies contained in itself determine the effectiveness of a coherent and meaningful learning for all students. Therefore, we shouldn't forget the students with special educational needs (SEN), because the inclusion in class these children and young people requires a prior adjustment of resources and activities on the part of the teacher. Students with SEN, require special attention and dedication added in the paper of the teacher, while educator. Taking as presupposition the innovation and creativity of the pedagogical strategies inherent in same, I tried to do a study based on "Reality of a SEN pupil Motivation in physical education classes and school". It is proposed in this study, the implementation of a intervention plan to the student with SEN (Student with Asperger Syndrome, present in the class), with the following objective: In a principal plan, check his state of mind in the school and in the classrooms of FE , (if he feels happy, when he're are in school) and a secondary plan, through the intervention plan, verifying if the student has presented improvements concerning the responsiveness to her needs as a student with SEN, as well, improvements in their performance and motor skills.

Keywords: Pedagogical Internship; Training; Reflection; Physical Education; Special Educational Needs; Motor Skills; Intervention; Motivation; Asperger Syndrome.

SUMÁRIO

- ❖ **AGRADECIMENTOS**
- ❖ **RESUMO**
- ❖ **ABSTRACT**
- ❖ **INTRODUÇÃO**
- ❖ **I - ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO**
- ❖ **II - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA**
- ❖ **III- ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**
- ❖ **IV- APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA**
- ❖ **CONCLUSÃO**
- ❖ **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ÍNDICE

Introdução	13
CAPÍTULO I – Enquadramento Biográfico	15
1. Questões Dilemáticas	15
2. Definição das Expectativas Iniciais.....	18
CAPÍTULO II – Contextualização da Prática	20
1. Caracterização da Realidade Escolar.....	20
2. Descrição das atividades desenvolvidas.....	22
CAPÍTULO III – Análise Reflexiva sobre a prática Pedagógica	24
1. Planeamento	24
1.1. Plano Anual.....	26
1.2. Unidades didáticas.....	28
1.3. Planos de Aula.....	30
2. Realização.....	31
2.1. Instrução	32
2.2. Gestão.....	34
2.3. Clima / Disciplina.....	35
3. Decisões de Ajustamento.....	36
4. Avaliação	37
4.1. Avaliação Diagnóstica.....	37
4.2. Avaliação Formativa	38
4.3. Avaliação Sumativa.....	39
5. Aprendizagens Realizadas.....	40
6. Ética Profissional.....	42
CAPÍTULO IV - Tema/Problema – “A realidade motivacional de um aluno com NEE nas aulas de Educação Física e na Escola”	44
1. Contextualização e Pertinência do estudo	44
2. Revisão da Literatura.....	46
2.1. Motivação, satisfação pessoal e bem-estar.....	46
2.2. Autismo	49

2.3. Síndrome de Asperger	51
3. Metodologia.....	54
3.1. Caracterização geral da amostra.....	54
3.2. Instrumentos	55
4. Procedimento de Recolha e Análise dos Dados	56
5. Apresentação, análise e discussão dos resultados	57
5.1. Caracterização do aluno	57
5.2. Resultados com base no Plano de Intervenção e Reflexões do mesmo.	58
5.3. Resultados com base nos Diários (DT, Prof. EE e Enc. Educação).....	64
6. Considerações Finais	67
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS	71
ANEXOS	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FCDEF – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

UC – Universidade de Coimbra

EF – Educação Física

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

PFI – Programa de Formação Inicial

NEE – Necessidades Educativas Especiais

ZSAF – Zona Saudável de Aptidão Física

PA – Plano de Aula

TGFU – Teaching Games for Understanding

UD - Unidade(s) Didática(s)

SA – Síndrome de Asperger

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Clubes e Associações Desportivas existentes no concelho de Anadia.....	21
Figura 2 – Esquema conceptual realizado e utilizado como facilitador na construção de uma Unidade Didática.	28
Figura 3 - Modelo da Hierarquia das Necessidades de Maslow (1970).....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características mais frequentes em pessoas com Síndrome de Asperger....	51
Tabela 2 - Critérios para se poder diagnosticar a Síndrome de Asperger, segundo DSM-IV.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percorso Motivacional do Aluno ao longo do Estudo.....	68
---	----

Introdução

“O Estágio Pedagógico visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.”

(Matos, 2009, p.2).

O atual Relatório Final de Estágio surge no âmbito da unidade curricular do Estágio Pedagógico, inserido no Plano de Estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O presente relatório ambiciona a reflexão das aprendizagens multidisciplinares pelo processo de prática profissional na Escola Secundária de Anadia, com intervenção pedagógica numa turma de 9º ano.

O Estágio estava destinado à escola EB.2.3 de Anadia, no entanto, por questões de logística e organização escolar, os nonos anos de escolaridade passaram a ser lecionados na Escola Secundária.

A realização deste estágio pedagógico, no meu ponto de vista, foi um excelente percurso em termos de experiências pedagógicas, percurso este que, permitiu colocar em prática todos conhecimentos adquiridos durante, toda a licenciatura e o 1º ano do mestrado. Esta oportunidade de intervenção prática e pedagógica, não se apresentou de todo uma tarefa fácil, devido a fatores como; inexperiência e realidades diferentes. Quando refiro realidades diferentes, refiro-me aos pensamentos e às ideias de “escola e alunos” criadas, ao longo de todo o percurso académico, que ao se depararem com a intervenção prática, alteraram toda a perspetiva que tinha do “mundo escolar”.

No entanto, todo este percurso, proporcionou uma grande evolução em termos pessoais e profissionais, transmitindo-me a capacidade de melhor desempenhar todas as funções de docente, inerentes à disciplina de Educação física.

Com a recente reorganização curricular no que diz respeito ao Ensino, atribui-se à escola e ao corpo docente um papel central pela maior autonomia concedida e um maior protagonismo na gestão do currículo. O professor exerce assim um papel

fundamental e de extrema responsabilidade na sociedade, uma vez que representa o elo de ligação entre os alunos e a escola. Não só com os alunos e escola, mas também, na relação entre o aprender e o saber.

O professor deve identificar todas necessidades e as expectativas que os alunos têm relativamente à escola para que, adequa o processo de ensino-aprendizagem de uma forma coerente e oportuna.

Desta forma, este documento representa um ano letivo. Neste mesmo ano letivo, serão abordadas todas as atividades desenvolvidas, analisando pormenorizadamente e criteriosamente todo o processo relativo ao Estágio Pedagógico. Serão abordados elementos importantes à construção pedagógica do ensino, nomeadamente, planeamento, realização e avaliação.

Antes de terminar, interessa salientar e enfatizar, na construção deste documento, a abordagem de um tema (Estudo Caso) que procura a aplicação de um plano de intervenção a um aluno com NEE, inserido na turma - “*A realidade motivacional de um aluno com NEE nas aulas de Educação Física e na Escola*”.

Julgo que, deste confronto entre a motivação e alunos com Necessidades Educativas Especiais, poderão decorrer algumas alternativas de análise e aplicação de métodos mais eficazes no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, com o objetivo de permitir, nas aulas de Educação Física, um sentimento de bem-estar consigo próprio e bem-estar na escola.

De uma forma geral, e para terminar, sinto que este Estágio foi bastante gratificante a nível profissional e pessoal. Dentro do mesmo, foi fascinante poder errar e tirar partido desses mesmos erros, para melhorar. Aprendi bastante com a heterogeneidade dos alunos, as condições espaciais e materiais da escola, bem como, a interação com colegas de trabalho. Tudo isto fez com que, todos os dias existisse uma evolução progressiva e coerente, enquanto agente de ensino, acarretando consigo, uma enorme motivação diária, como complemento.

Todo este meu processo será elaborado ao longo do presente relatório, distribuído em seis grandes áreas fundamentais: Introdução, Enquadramento Biográfico; Contextualização da Prática desenvolvida; Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica; Aprofundamento do tema/problema e Conclusão.

CAPÍTULO I – Enquadramento Biográfico

1. Questões Dilemáticas

“Os professores são profissionais que devem desempenhar um papel ativo na formulação, tanto dos propósitos e objetivos do seu trabalho, como nos meios para os atingir”, Zeichner (1993, p. 16)

Com o desenrolar do Estágio Pedagógico o Professor Estagiário encara um panorama de prática pedagógica mais flexível, ou seja, o alargamento de funções atribuídas ao mesmo, proporciona ao estagiário, situações e experiências práticas de forma a aprimorar a formação e a atuação, nos diversos campos de ação do futuro professor, minimizando assim, os constrangimentos e receios. Estes últimos, são provenientes da noção da complexidade de situações inerentes à lecionação da disciplina de Educação Física.

Segundo (Alarcão, 1998), a formação continua, deve priorizar o desenvolvimento das potencialidades profissionais de cada docente, individualmente, de acordo com a prática educativa, como fonte geradora de conhecimento, saberes e competências, pela qual o professor deve produzir e defender a especificidade dos seus conhecimentos e da sua identidade profissional.

Foi precisamente com o conhecimento desta característica do estágio, que me transferiu a sensação de “flexibilidade”, entregando maior espaço de manobra, no que diz respeito ao processo de adaptação à realidade escolar. O estágio pedagógico entregou-me alicerces essenciais para a formação de um perfil funcional coerente e correto, sendo que, decerto que não viverei de novo à sombra do receio. Todavia a incógnita é alimentada pelo futuro profissional, tendo em conta a realidade docente em que o mundo vive, atualmente.

Posto isto, após ter refletido antes e após o estágio pedagógico na escola, deparei-me abraçado a dois dilemas: Dilema pré-impacto, inerente à inexperiência prática e a incerteza no que diz respeito à realidade escolar e o Dilema pós-impacto, subadjacente ao receio sobre a realidade profissional do cargo docente, no país. Afirmar que o País está em crise na educação e na colocação de novos professores ao ensino, não é novidade, e essa mesma afirmação assombra as minhas crenças. O estágio

ofereceu-me uma excelente bagagem para o mundo do ensino, no entanto, passo o tempo a pensar se realmente, todo esse trabalho, esse crescimento, será útil ou permanecerá consistente, no futuro.

Incidindo no primeiro momento dilemático - dilema pré-impacto - numa primeira fase, deparar-me com um processo gradual de educação e planeamento, suscitou em mim receio em errar, obrigando-me assim, a planificar aulas de forma pormenorizada e coerente, maximizando todos os aspetos inerentes á dimensão organização, sendo que esta, se encontra adjacente ao planeamento. A inexperiência e o “desconhecido”, trouxe aos meus primeiros dias um grande foco no planeamento, que reverteu inconscientemente, num fraco foco nas restantes dimensões (Instrução, Clima e Gestão) dentro do papel funcional do professor. De forma sucinta, planificava tudo ao pormenor, tentava preencher todas as frechas que um plano poderia apresentar, esquecendo-me posteriormente de, conciliar o plano com a intervenção pedagógica e relação com o meio. Esta falta de coordenação entre as dimensões educativas, foi um dos meus maiores desafios.

Numa segunda fase, com o tempo e experiencia adquiridas com as aulas, fui tornando a capacidade de lecionar mais consistente e estável, bem como, a capacidade reflexiva, de forma a responder a fatores como: heterogeneidade da turma; adaptação do ensino às dificuldades no desempenho motor dos alunos; necessidade de maximização do tempo de aprendizagem e à realização de uma avaliação precisa e eficaz através da diferenciação pedagógica, sob critérios de êxito. Através de uma racionalidade prático-reflexiva e trabalho diário, procurei responder às dificuldades de gestão de espaços, numa escola onde as condições para lecionar, estão longe de ser ideais, no entanto, senti-me motivado pois, destes obstáculos surgiu a capacidade de potencializar a gestão e a tomada de decisões de ajustamento de forma autónoma, inerentes ao processo de ensino-aprendizagem. Com tudo isto, senti-me capaz de adaptar o ensino às necessidades do meio e da relação: contexto-escola/ escola-turma.

Relativamente ao segundo momento dilemático – Dilema pós-impacto – Após o término das minhas funções, no que diz respeito, ao processo educativo, senti-me apto e capaz para lecionar qualquer tipo de matéria, a qualquer turma, em quaisquer idades, colocando em prática todas as bases que o estágio me ofereceu. O Dilema, não se encontra aqui, mas sim, no atual estado Escolar do País. Como se depreende, a

Educação Física para ser compreendida, não pode desligar-se do quadro evolutivo cultural ao longo dos tempos. É pertinente lembrar que a Educação Física, é influenciada pelo tempo, pelas tecnologias e como referido anteriormente, pela cultura.

O tempo traz consigo, mudanças, adaptações, novas formas de olhar para o ensino, novas estratégias a utilizar, bem como, novos formatos de ensinar a Educação Física. Quero com tudo isto dizer que, o estágio pedagógico preparou-me para o mundo do trabalho, com competências necessárias para a aplicação correta do processo ensino-aprendizagem, sendo que, sabendo previamente que a colocação de professores em escolas vive uma época infeliz e que, enquanto o tempo passa, a comunidade escolar e o ensino, evoluem e moldam a sua essência, deparei-me com duas grandes questões:

- Será que todo este trabalho e experiência servirão para colmatar esta situação?
- Com as bases científicas e capacidades de lecionação adquiridas e bem enraizadas, conseguirei moldar-me à realidade que enfrentarei no futuro?

Nos últimos anos foi sendo retirado valor e poder à Educação Física. Este fator já é perfeitamente sentido nas escolas, com o completo desprezo e indiferença demonstradas pelos alunos, para com esta disciplina. No entanto, não é por todas estas questões e problemáticas surgirem que o professor se deva deixar abraçar pelo receio, muito pelo contrário, o professor é um construtor de competências, sendo o aluno e as suas necessidades a sua prioridade. O professor é a peça fundamental para gerar conhecimentos pedagógicos e conseqüentemente, promover as modificações necessárias no ensino. A reflexão na ação apresenta-se como um processo significativo e essencial para colaborar na consolidação de mudanças de caráter qualitativo no trabalho pedagógico. Isso permite que o professor elabore e reelabore criticamente sua própria prática.

Pensar a prática pedagógica, segundo (Perrenoud, 2000) significa pensar a profissão a partir de autonomia e de responsabilidade concedidos ao professor, individual ou coletivamente. Segundo o autor, prático-reflexiva deve apresentar-se a formação de professores, capaz de auto-observação, autoavaliação e autorregulação.

2. Definição das Expectativas Iniciais

As minhas expectativas e opções iniciais nasceram de forma precoce. Toda a minha infância fora criada a volta do enorme mundo, que é o Desporto, sendo que, foi desde sempre, uma paixão, uma razão de viver, um caminho que valia a pena percorrer. Toda uma vida pratiquei, estudei e tive a oportunidade de conhecer, grande parte do que o Desporto nos pode facultar. Durante esse tempo, fui constatando que, o que realmente faltava, era precisamente, conciliar o saber fazer com o saber ensinar. Era este equilíbrio, que o ensino me poderia oferecer.

Segundo Fernando (1991), um dos caminhos a seguir para aperfeiçoar o nível-físico-desportivo das populações é a investigação da prática desportiva e o conhecimento das razões e motivos mais profundos que levam a população a praticar desporto.

É com esta vontade de conhecer, investigar, aprender, praticar, ensinar, que a minha paixão surgiu. A Ciência do Desporto e da Educação Física gera em mim, uma grande curiosidade e fascínio. Durante todo o meu percurso académico, olhei para o estágio como o culminar de uma etapa de vida desportiva, de uma vida profissional dentro desta área. Um momento de depreensão do perfil profissional, um elo de ligação entre a teoria e a prática.

O estágio pedagógico, apresenta como matriz orientadora e condutora a profissionalização de novos docentes, o que me parece um dos fatores mais importantes deste ciclo de estudos, fora aquele que me motivou e me condicionou à escolha deste Mestrado - o gosto pelo ensino da Educação Física a crianças e jovens, com o objetivo de marcar a diferença na vida destes mesmos. Confesso que, sou vítima dos meus próprios desejos e pensamentos. Quando o assunto é ensino, o meu pensamento molda-se em três fatores que considero fundamentais: inovação, adaptação e cooperação. (Excerto do PFI – Plano Formação Individual).

Marcar a diferença, de forma ordenada e coerente, bem como, cooperar com todos os intervenientes no processo educativo, fomentando relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, bem como com outras instituições da comunidade, tudo isto com o objetivo de elevar a Educação Física para um novo patamar.

Referidas as minhas perspetivas iniciais e refletindo sobre o início e o fim deste percurso letivo, concluo que a realidade é sempre muito diferente do que perspetivamos aquando da nossa formação. O contexto em que realizamos as situações de aprendizagem na faculdade é muito distinto do contexto que encontraremos agora, onde existe adaptação, organização, reestruturação dessas mesmas situações de aprendizagem, face à nova realidade. O estágio passou a ser um dos maiores desafios que tive hoje, sendo que, me sinto muito bem organizado e preparado para o que o futuro me trazer.

As minhas expectativas em relação ao núcleo de estágio eram boas, não pelo fato de ser uma pessoa otimista e dedicada, mas sim, porque já conhecia os colegas estagiários que iriam pertencer ao núcleo, o que pressuponha, um grupo de trabalho coeso e cooperativo. Relativamente ao orientador da escola, não conhecia e não sabia o que esperar, no entanto, com o tempo e de forma sincera, senti-me afortunado em estabelecer contacto e troca de experiências com um Orientador bastante profissional, culto e com mente aberta em relação ao ciclo, arriscar – errar- aprender.

A turma foi-me atribuída, pois, qualquer horário me era favorável. Numa primeira impressão, a turma era revolucionária, motivada e hiperativa. Grande parte dos alunos, eram divertidos, simpáticos e obedientes. Era notório o bom desempenho motor, mas por outro lado, menos satisfatório, seria o seu comportamento.

Durante o ano letivo, um dos meus objetivos enquanto professor, passava pelo bom desempenho relativamente ao perfil funcional que representava. Tinha como meta, transmitir conhecimento e promover o sucesso educativo, com menos erros possíveis, evoluir através do trabalho, responsabilidade, empenho, motivação e espírito crítico. Organizar as ideias e pensamentos de maneira a que percurso no ensino da Educação Física fosse o mais próximo da excelência possível. A meu ver, a chave está em lutar pela excelência e não pelo satisfatório, mesmo que lá não se chegue.

Decidi, abraçar o Estágio Pedagógico como sendo o desafio final da minha formação académica, onde adquiri competências para lecionar, planificar, realizar e avaliar. A nível profissional, pretendo continuar a alcançar novos patamares, novos horizontes dentro desta grande área que é o Desporto.

CAPÍTULO II – Contextualização da Prática

1. Caracterização da Realidade Escolar

O sucesso no processo de ensino-aprendizagem, não está apenas e só, inerente ao fato de ser um “bom professor”. Adjacente ao bom desempenho do perfil funcional do professor de Educação Física, está também, o meio que o rodeia. É pertinente verificar e conhecer as condições espaciais, físicas e sociais do contexto escolar. Posto isto, é de extrema importância reconhecer e caracterizar todos os agentes envolventes no processo educativo da mesma.

A escola fornece um horizonte mais amplo no qual o jovem ou criança inscreve a sua vida. Estabelece uma educação responsável, decorrente da necessidade de compromisso social. O papel da escola pública perante a cidadania, apresenta um carácter crucial, pois por definição, acolhe todos, sendo parte integrante da vida democrática.

A escola é um *locus*¹ fundamental de educação para a cidadania, de uma importância cívica fundamental, não como uma “ antecâmara para a vida em sociedade” mas constituindo o primeiro degrau de uma caminhada que a família e a comunidade enquadram. (Oliveira Martins, 1992: 41)

Presentemente, as escolas em Anadia, estão inseridas numa rede de vários estabelecimentos (organização estruturada em agrupamentos). Com vista a uma melhor gestão de recursos e a uma intervenção pedagógica do professor mais eficaz, envolvem um conjunto de especificidades que interessa conhecer e caracterizar.

A escola atual é uma instituição social onde é reconhecida a enorme heterogeneidade, no que diz respeito à sua essência de escola de massas, onde alunos, professores, métodos de ensino e os próprios edifícios são distintos de escola para escola, sendo que, importa realizar uma análise atenta das suas particularidades. É de extrema importância conhecer e valorizar a escola, visto que, é vista como um espaço social de formação e desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo.

¹ **Locus**- Significa lugar, em latim, e pode ser usado em diversos sentidos e para várias áreas, como na psicologia, na genética, na matemática, na fonética entre outros.

Enquanto professor estagiário a exercer intervenção pedagógica nesta instituição, é de extrema importância e pertinente, possuir conhecimento da escola e do meio envolvente. Todas as decisões, métodos e estratégias devem estar de acordo com a organização e estruturação da escola, todavia, adotando uma postura consciente e lógica da realidade – Conhecer para agir, e não agir sem conhecer.

Relativamente á caracterização do agrupamento de escolas, a população escolar é bastante diversificada, decrescendo o número de alunos por turma à medida que nos afastamos da área de influência da cidade. Tem uma população escolar de 2649 alunos (2012/ 2013). É de salientar que, que as Escolas Básica nº 2 de Anadia e Secundária com 3º CEB de Anadia, em breve irão ser substituídas por um edifício totalmente novo, que reunirá as condições de excelência para a prática do ensino-aprendizagem.

Anadia é uma cidade pertencente ao distrito de Aveiro, região Centro e sub-região do Baixo Vouga. O atual município foi criado em 1839 pela fusão de vários concelhos, tendo a vila sido elevada a cidade em 9 de dezembro de 2004. É sede de um município com 216,64 km² de área e 29 121 habitantes (2011). O concelho de Anadia possui um conjunto diversificado de clubes e associações desportivas, que permitem a prática de vários desportos/ atividades, nomeadamente:

Futsal	Colombófila	Ténis
Futebol Feminino / Masculino	Rugby	Aeróbica
Basquetebol	Natação	Caça e Pesca
Squash	BTT	Golfe
Desportos Motorizados	Ginásios	Equitação

Figura 1 - Clubes e Associações Desportivas existentes no concelho de Anadia.

Quanto aos espaços desportivos da escola, sendo diversificados, de forma a dar resposta à prática de atividade física, quer no âmbito do desporto federado, quer de recreação e lazer, esta dispõe de quatro espaços: Dois Ginásios (Destinado a: Ginástica, Dança, Atletismo, Voleibol e Basquetebol) e dois campos exteriores (Destinado a: Basquetebol, Andebol, Futebol, Tag-Rugby)

Relativamente á disciplina de Educação Física, existem alguns problemas que se tentam contornar. Apesar das instalações existentes, apresentarem um estado de degradação considerável, em termos de recursos materiais, estes eram suficientes, permitindo a lecionação de todas as áreas programáticas definidas. Todavia, este estado, por vezes, condiciona o regular funcionamento das aulas de Educação Física, sobretudo

em dias com condições climatéricas adversas (chuva e humidade). No entanto, enquanto docente de Educação Física, procurei sempre, encarar estas condições menos favoráveis como um desafio, ajustando o ensino às condições presentes.

Relativamente à turma de 9º ano de escolaridade, que é objeto da presente intervenção, era formada por 21 alunos. Em termos etários, a composição da turma revelou-se bastante homogénea, tanto no género como em idades, oscilando apenas entre os 14 e os 16 anos (11 Raparigas -52% / 10 Rapazes – 48%), com uma média de 14,95 anos. Incidindo sobre o estado de Saúde e aspetos psicopedagógicos da turma, apenas seis alunos, apresentam problemas de saúde, quatro dos mesmos, portadores de doenças como: Asma; Síndrome de Osgood-Schlatter; Instabilidade Emocional e Problemas de costas. Aos restantes deve ser entregue especial atenção. Encontram-se referenciados com NEE ao abrigo do DL n.º 3/ 2008 de 7 de janeiro, beneficiando das medidas de Apoio Pedagógico Personalizado (art.º 17º) e Adequação no Processo de Avaliação (art.º 20º).

Em termos de aptidão física, a turma apresenta resultados minimamente satisfatórios, no que diz respeito, à sua avaliação inicial com base nos resultados obtidos pela Bateria de Testes *Fitnessgram*). As maiores dificuldades físicas sentidas nos alunos, foram precisamente, as capacidades motoras inerente á velocidade e flexibilidade em que muitos se encontravam fora da ZSAF. Apenas dois alunos se encontram fora da ZSAF no que diz respeito ao IMC (Índice de Massa Corporal), ambos, por diferentes razões: Excesso/ Carência.

2. Descrição das atividades desenvolvidas

Ao longo do processo de ensino-aprendizagem, nasce a necessidade de atuar perante as mais variadas dimensões educativas. Cabe ao professor, colmatar esta necessidade, enquanto agente de ensino, transmitir os seus conhecimentos em prol da continuidade regulada da aprendizagem. A necessidade de suscitar uma dinâmica de desenvolvimento do currículo real da disciplina é cada vez mais a questão central à qual o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), procura responder, no sentido de que possam ser criadas, em todas as escolas, as condições materiais e pedagógicas para que cada aluno possa usufruir dos benefícios da Educação Física. Assim, o professor deve ser conhecedor do seu conteúdo e tudo o que lhe é adjacente com o objetivo de

promover a sua prática e intervenção pedagógica de forma coerente e profissional. Sendo assim, para que o professor seja capaz de aplicar metodologias eficazes e coerentes para o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, é crucial que o mesmo, siga as seguintes etapas: planeamento do ensino, condução do ensino-aprendizagem (realização) e avaliação.

CAPÍTULO III – Análise Reflexiva sobre a prática Pedagógica.

1. Planeamento

Para Taba (1972) in Carvalheira (1996), o ato de planificar é delinear de forma estruturada o ato de instruir – Desenhar o ensino. É prever, ordenar e desenhar o ato pedagógico, num processo em que professores e alunos se encontram. Ainda, segundo a UNESCO (1987) in Carvalheira (1996), o planeamento da educação, tinha por finalidade responder às novas exigências sociais face a um fenómeno que as sociedades, não tinham conhecido no passado, isto é, uma mudança sem precedentes.

Planeamento é *“uma reflexão particularizada acerca da duração e do controlo do processo de ensino numa determinada área ou disciplina.”* Olímpio Bento (1998). De uma forma sucinta e resumida, o autor afirma ainda que, o plano é um modelo racional, ou seja, que permite previamente identificar e regular o comportamento de quem atua e que tem como funções, motivar e estimular os alunos para as aulas, transmissão de vivências e experiências, racionalização da ação e também orientação e controlo.

A agilidade das mutações sociais é assinalada por vários sinais, como: a explosão demográfica, o imperativo do desenvolvimento económico, a luta contra a fome, a revolução tecnológica e científica, as consequências e as novas expressões da ideia democrática, e extensão e reprodução dos meios de comunicação. Todos estes fatores têm uma consequência particularmente grave segundo aquela organização, que consiste no facto de que, os conhecimentos que ajudaram as civilizações mais antigas a resolver os problemas do seu meio, correm risco de se tornarem quase inúteis às gerações mais jovens. Posto isto, o planeamento encontra assim a sua principal fundamentação no desenvolvimento.

A meu ver, o Planeamento é condicionado pela capacidade de adaptação que o docente apresenta relativamente às modificações do meio – À constante evolução que o ensino releva com as alterações que a sociedade e a cultura sofrem com o passar do tempo.

Assim, constata-se atualmente, que com estas modificações ao contrário da noção tradicional de Professor - protetor do saber - essencialmente considerado um veiculador e um classificador de conhecimentos, opõe-se à atual noção de Professor, como alguém que deverá estar preparado para um mundo e um saber em constante evolução, e que, para além de um comunicador seja também, um organizador de situações de aprendizagem, um observador, um gestor e um avaliador. (Sousa, 1991)

Segundo Escudero (1982) in Zalbaza (1994), planificar passa por, transmutar uma ideia ou um propósito num curso de ação. Nasce de possíveis antevistas do percurso da ação de um fenómeno e estruturas coerentes. Posto isto, de algum modo as nossas previsões, desejos e metas num planeamento devem ser capazes de apresentar de forma pertinente, as nossas ideias acerca dos objetivos que pretendemos atingir e como chegar ao mesmo, ou seja, um plano consistente para as concretizar.

Januário (1984), afirma que, o planeamento em Educação Física continua a representar uma barreira ao trabalho dos professores, por dificuldades que resultam de diferentes conceções que se manifestam acerca do tema.

Todavia, a planificação ainda pode ser entendida como o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais o professor visualiza o futuro, realiza um inventário dos fins e dos meios, e desenvolve um marco de referência que encaminhe as suas ações. (Clark, 1983 in Piéron, 1999; Clark & Peterson, 1986 in Pereira, s.d.)

Por fim, além do trabalho que se solicite a realizar, o planeamento deve ser sempre, o primeiro degrau para a realização de um qualquer projeto que tenha como objetivo principal o sucesso. O planeamento deverá ser realizado em três momentos, a longo (plano anual), médio (unidades didáticas) e curto prazo (plano de aula). No entanto, deverá apresentar-se como um guia flexível e aberto a todo o tipo de adaptações, devendo os documentos produzidos apresentarem um carácter dinâmico, passível de ser alterado em função das necessidades. Isto deve-se ao fato de existirem permanentemente fatores casos omissos e fatores extrínsecos que condicionam e influenciam o processo de planeamento, propagando assim, a adaptação.

1.1. Plano Anual

“Quem só teoriza, não sabe. Quem só pratica, repete. O saber nasce da conjugação da teoria e da prática.” Manuel Sérgio (1994).

É importante que os professores no início do ano letivo tenham uma visão perceptível de conjunto sobre o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver ao longo do ano. Referido isto, o começo do ano letivo comporta consigo o momento propício para os docentes iniciarem a organização do respetivo ano. (Neves & Graça, 1997)

A elaboração do Plano Anual constitui a primeira fase do planeamento e preparação do ensino. Este traduz uma perceção e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes), bem como reflexões e noções sobre a respetiva estruturação do ensino no decurso do ano letivo. Assim, o Plano Anual deve ser um documento exequível e realista, didaticamente justo e preciso, de forma a promover a parte fundamental do processo de ensino – aprendizagem (Bento, 1998).

O Plano Anual, assumindo um carácter flexível e orientador, é um documento preponderante para a organização e preparação das atividades de ensino-aprendizagem, que se pretendem desenvolver ao longo do ano letivo. Assim sendo, após a atribuição da turma e posteriores reuniões com o Núcleo de Estágio, no início do ano letivo, começou-se então, o processo de construção deste documento. A sua construção delineou um conjunto de pressupostos preparatórios de recolha de informação e estudo do contexto escolar, designadamente: A observação dos documentos internos da escola (Regulamento interno, projetos educativos, propostas educativas, entres outros); Documentos externos – Plano Nacional de Educação física - (PNEF 3ºCiclo do Ensino Básico); Caracterização da Turma (Questionário de caracterização individual), da escola e do meio (Enquadramento cultural, socioeconómico e cultural) no qual faz parte o agrupamento de Educação Física. Por último, o estudo organizacional da estrutura curricular da disciplina de Educação Física na escola (Quais os modelos de ensino: Bloco ou Etapas; Quais os objetivos pretendidos para cada matéria e rotação de espaços).

É de extrema importância referir também que, a construção do plano anual deve ir ao encontro dos recursos presentes na escola (número de alunos, material, carga

horária e Espaços de aulas) em conformidade com o desempenho da avaliação inicial da condição física (Bateria de Testes Fitnessgram – Referência ZSAF).

Assim, plano anual constitui uma base para a nossa organização e orientação do ensino ao longo do ano letivo. Esta orientação deve estar em sintonia com os restantes professores, sendo que, a rotatividade de espaços não sofreu alterações, ao longo do ano letivo. As rotações apenas eram alteradas com a preocupação de proporcionar aos alunos as melhores soluções pedagógicas, para a sua evolução, na disciplina de Educação Física, para isso, através de um acordo, que não envolve-se desorganização na rotação, os professores adaptavam os seus planos anuais trocando de espaços.

Com base no PNEF, prevê-se que, na construção do Plano Anual, se molde e adapte de forma a promover a diferenciação da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário. Ainda segundo o PNEF, o 9º ano, representa um ano alicerçado à revisão, aperfeiçoamento e recuperação de matérias, isto de forma a realizar o transfere e a preparação dos alunos para o ciclo posterior. Assim, após as primeiras reuniões com o Núcleo de Estágio, foram definidas, em conformidade com o professor orientador, as matérias a lecionar na turma, a carga horária e a distribuição dos vários momentos de avaliação. Todos estes fatores interligados em função dos objetivos a atingir em cada matéria. Numa primeira fase, a verificação da carga horária anual disponível, e numa segunda fase, a distribuição de cada uma das unidades didáticas.

Através do conhecimento prévio da organização das matérias a lecionar, adjacentes às sugestões do programa, surge a organização das Unidades Didáticas. Estas, sempre de acordo com o que as instalações da escola de forma a permitir a sua exequibilidade. Colocados todos os elementos para uma boa conduta escolar, foi decidido então, organizar a realização das matérias, por Etapas. Segundo o PNEF, a mais aconselhável, pois resulta num ensino diferenciado e ajustado às necessidades contextuais dos elementos da turma. Este modelo de ensino ficou muitas vezes privado a alterações ou extensões das matérias devido às condições precárias das condições espaciais e à implementação da rotação de espaços, referido anteriormente.

Por fim, previamente definidos e de forma detalhada, foram designadas as formas de avaliação a utilizar e os critérios de avaliação definidos para a disciplina de Educação Física pelo Grupo Disciplinar de Educação Física, bem como, a elaboração do Plano de Atividades onde agrupa todas as atividades a serem realizadas ao longo do ano letivo.

1.2. Unidades didáticas

As Unidades Didáticas são unidades integrais do processo pedagógico, apresentando ao professor e aos alunos etapas distintas do processo de ensino-aprendizagem. São fundamentais ao planeamento honesto e coerente da disciplina. (Bento, 1998).

A unidade didática é detentora de uma estrutura organizacional prática e facilitadora da ação educativa, principalmente da prática docente. Caracterizado por ser um documento flexível e orientador apresenta uma certa plasticidade, sendo que, pode ser modificado quando necessário, devido às alterações e à variabilidade de situações que se podem ocorrer ao longo do processo ensino-aprendizagem. Assume-se como um instrumento facilitador da ação pedagógica, devendo ser estruturado por forma a adaptar o processo de ensino às necessidades e características específicas dos alunos. A conceção da unidade didática, obedeceu à integração dos diversos constituintes curriculares presentes no meio (Fig.2).

PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA		
1ª Fase	Enquadramento da Modalidade - Qual a modalidade?	
	Identificação do Contexto	Turma
		Escola
		Programa
2ª Fase	Avaliação Diagnóstica	Necessidades, Dificuldades e Aptidões Motoras - Alunos.
	Seleção de Conteúdos	Programa da Escola – Programa do grupo de EF.
	Extensão de Conteúdos	Professor
	Exercícios / Estratégias	
	Avaliação Final	
3ª Fase	Reflexão da Unidade Didática	

Figura 2 – Esquema conceptual realizado e utilizado como facilitador na construção de uma Unidade Didática.

De forma mais específica, construída com base numa breve análise à matéria/modalidade em desenvolvimento, aportando a sua história, caracterização e as principais regras. Esta caracterização permite, ao professor, o alargamento do conhecimento de cada modalidade, apresentando como objetivo principal o suporte aos conhecimentos teóricos a transmitir aos alunos, ao longo do desenvolvimento da mesma.

Em todas as Unidades Didáticas lecionadas é realizada uma avaliação inicial (análise da avaliação diagnóstica), com o intuito de identificar quais os conhecimentos dos alunos, quais as principais dificuldades e necessidades específicas dos alunos e a aferição do nível de desempenho motor em determinada matéria. Esta avaliação inicial, condiciona posteriormente todos os elementos respeitantes ao planeamento da matéria em questão

Assim, imediatamente após à avaliação inicial, nasce então a elaboração da extensão e sequência de conteúdos, atribuindo a cada aula, uma função didática, seja ela de introdução, exercitação, consolidação ou de avaliação. Este procedimento revelou ser um processo complexo, exigindo uma reflexão responsável e crítica, acerca dos pressupostos fundamentais de abordagem que permitissem a aprendizagem de forma lógica e progressiva. De forma a responder às necessidades dos alunos, procurou-se distribuir os conteúdos pelas aulas, com o pensamento sempre orientado para uma distribuição pertinente e coerente, facilitando o processo ensino-aprendizagem. Consequentemente a esta ação, foram apresentadas medidas didáticas facilitadoras da experimentação de situações (progressões pedagógicas), antecedendo às estratégias de ensino.

Sucintamente, as Unidades Didáticas foram elaboradas no início do ano letivo, à medida que foram introduzidas as matérias a lecionar, após a avaliação diagnóstica de cada uma delas e de acordo com o desempenho motor dos alunos, como anteriormente referido. As Unidades Didáticas lecionadas integraram as modalidades de Futebol, Ginástica, Andebol, Voleibol, Atletismo, Basquetebol e Tag-Rugby. Esta última modalidade, como matéria alternativa adotada localmente devido à tradição da modalidade no meio. A leção das modalidades coletivas obedeceu ao modelo curricular (TGFU)².

A planificação sofreu, ao longo do ensino das respetivas Unidades Didáticas, algumas alterações conforme o processo de ensino-aprendizagem foi decorrendo. No entanto, as alterações efetuadas deveram-se, na sua maioria, a questões climatéricas, espaciais e à gestão do tempo e organização das matérias devido ao número de aulas.

² *TGFU- Teaching Games for Understanding*

1.3. Planos de Aula

O plano de aula é o instrumento orientador da intervenção do Professor e representa um documento facilitador da sua atividade. Foi desta forma que decidi encarar o plano de aula – Documento facilitador e orientador do processo de ensino-aprendizagem.

Os docentes, alcançam confiança para dar aula através da realização de planos de aula, pois através dessa realização o docente é capaz de clarificar os objetivos do plano de aula e conseqüentemente, sistematizar as atividades e facilitar a sua orientação (Schmitz, 2000). É perspetivado como uma planificação a curto prazo, que resulta como facilitador do processo organizacional do ensino, como anteriormente referido – Organizar, estruturar e moldar as tarefas que o docente pretende propor.

No início do ano letivo, o modelo de plano de aula, foi desenvolvido de forma pormenorizada, maximizando todos os aspetos fundamentais à boa interpretação da aula. Desenvolvido pelo Núcleo de Estágio de Educação física, este foi estruturado através do modelo tripartido referido por Quina (2009), que considera a divisão da aula em três partes, articuladas de forma coerente e coesa, designadamente: Parte inicial, Parte intermédia / Fundamental e Parte Final.

A primeira contava com a descrição das tarefas, objetivos e conteúdos propostos para a aula, de acordo com a respetiva UD e pela análise diagnóstica das necessidades demonstradas pelos alunos, em aulas antecedentes. Na segunda prevalecem as estratégias, as tarefas / situações de aprendizagem, e a organização da turma. Relativamente à terceira parte, esta é formada pelos critérios de êxito de cada exercício, bem como, as suas componentes críticas. Neste modelo (Anexo 1) encontrasse descrito os seguintes aspetos: a UD em questão; o número de aulas UD; o objetivo da aula; a sua função didática; os recursos materiais necessários; o Sumário; a Justificação do plano de aula e por último e de extrema importância, pois representa a base / ponto de partida para as aulas precedentes, a Reflexão final de Aula.

A reflexão é referida anteriormente como, sendo um dos aspetos mais importantes pertencentes ao plano de aula, pois, através da mesma é promovida a capacidade de reflexão crítica, ou seja, um momento onde encontramos a oportunidade de maximizar as aprendizagens conseguidas. Através da análise e questionamento, o

professor é capaz evoluir enquanto profissional, e mais do que evoluir, através da mesma, o professor é capaz de aperfeiçoar a sua ação pedagógica, melhorando a sua capacidade de observação, capacidade de ajustamento do ensino às necessidades recorrentes – tanto da turma, como do que decidiu lecionar- como a melhoria da organização do planeamento.

Os planos de aula consistem assim, na dimensão mais operacional de todo o processo de ensino aprendizagem. Durante todo o estágio pedagógico procurei realizar a ponte entre a teoria e a prática. Para o fazer, tive que apresentar uma correta contextualização na organização, de forma a tornar as aulas no melhor momento de aprendizagem possível, para que no seu término, tudo corresse como planeado. Num ato conceptual orientado para o sucesso, procurei responder às necessidades da turma/alunos em paralelo com conteúdos das aulas.

Segundo Bento (2003), a aula representa a ponte entre as intenções e as ações do professor, sendo o plano de aula uma forma de planeamento pormenorizado da unidade de ensino que se pretende aplicar (Bossle, 2002).

Esta unidade de planeamento é, tal como os restantes documentos deste carácter, passível de ser alterado. Em contexto de aula, as capacidades de observação e reflexão do professor, em função do desempenho dos alunos, determinarão a tomada de decisão em relação ao seguimento, ou não, do que foi planeado previamente. Esta tomada de decisão é facilitada pela sequência de conteúdos e progressões pedagógicas definidas na unidade didática.

2. Realização

No âmbito da realização, ou seja, da intervenção pedagógica na aula de Educação Física, Siedentop (1998), indica que, a ação pedagógica do professor compreende quatro dimensões essenciais, de forma simultânea, designadamente: Instrução, Gestão, Clima/ Disciplina.

Estas dimensões devem permanecer presentes em todos os episódios, inerentes à ação do professor enquanto promotor do processo ensino-aprendizagem. Por sua vez, com especial atenção atribuída às dimensões referidas, o docente deve, de forma eficaz descobrir meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o processo de ensino-aprendizagem.

2.1. Instrução

A instrução reflete os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica referentes à comunicação e transmissão da informação, por parte do docente, nomeadamente no que concerne à preleção, demonstração, posicionamento, questionamento e feedback

Segundo Mesquita et al (2008), a comunicação não é um processo fácil de se realizar. Envolve inúmeras variáveis de difícil compreensão e entendimento. Na realidade é muito complexa e subjetiva, pois cada um de nós assume uma conceção face a uma mesma representatividade do processo informativo real. Como tal, foi nesta perspetiva que encarei esta dimensão de intervenção pedagógica, procurando depositar especial atenção e dedicação à mesma, exigindo-me mais trabalho preparatório.

Para Silva (2010), “*a dimensão da instrução consiste em todos os comportamentos de intervenção pedagógica que fazem parte do reportório do professor para informação substantiva*”. Assim, posto isto, ao longo do processo educativo, procurei orientar a minha intervenção pedagógica de Instrução, a mais clara, precisa e eficaz possível, pois, transmissão de conhecimentos é uma das competências fundamentais dos professores, sendo evidente a sua importância na aprendizagem.

Durante todo o ano letivo, fui sempre à procura da melhor forma, de me dirigir aos alunos, como e quando me dirigir e em que contexto. No entanto, reparei que por vezes, o sucesso, não está implicado apenas e só a uma boa instrução, isto é, com o tempo de lecionação percebi que, é de extrema importância a postura e o posicionamento que o professor deve apresentar, antes, durante e após instrução. Procurei transmitir a informação de forma objetiva e acessível à compreensão dos alunos (não deixando de existir rigor científico) maximizando o controlo no tempo de preleções empregue, geralmente, no início de cada aula, com o objetivo de proporcionar maior o tempo da prática, posteriormente.

Ser conhecedor da tarefa, enfatizando as componentes segmentares mais relevantes para a compreensão e execução da mesma é o objetivo principal da Demonstração, segundo (Sarmiento, 1998). Como tal, durante a lecionação, recorri sempre a esta técnica, sendo um apologista de que, através da observação o aluno assimila e entende a natureza do movimento, bem como, promove a diminuição do

tempo de instrução. Numa fase inicial era executada pelo aluno (Aluno como agente de ensino – Facilitador na detecção de erros/boas performances na execução) e numa fase final por mim, enquanto docente (Nova visão da tarefa para os alunos, bem como, o reforço na credibilidade enquanto docente aos olhos dos mesmos).

Para que consigamos retirar a essência da aprendizagem, construindo pontes entre a dificuldade e o sucesso, não basta só uma boa instrução e demonstração, mas sim, a harmonia e coerência com o Feedback (FB) e o questionamento. O questionamento foi, também, uma técnica muito utilizada. Esta serve para envolver os alunos na aula, estimular a sua capacidade de reflexão e verificar a assimilação dos conteúdos transmitidos.

O feedback pedagógico assume-se como um fator decisivo no aperfeiçoamento das performances dos alunos, devendo a sua transmissão ser frequente, orientada e pertinente, ao longo de toda a aula e em todas as aulas, relaciona-se também, com a dimensão disciplina e clima. Podemos intervir com os alunos, assumindo um caráter informativo, afetivo, descritivo, prescritivo ou/e interrogativo. Procurei sempre, refletir de forma precisa e rápida no movimento ou ação do aluno, atuando sempre da forma mais adequada ao contexto da execução ou ação. Utilizei bastantes feedbacks prescritos, sentindo apenas necessidade de utilizar informativos, apenas para referir pormenores inerentes às aulas.

Siedentop (1998), define Feedback como sendo *“uma informação relativa a uma resposta que se utilizará para modificar a resposta seguinte”* O Feedback é crucial no processo de evolução psicológica e percetiva do aluno, pois, incentivando ou corrigindo, conduz o aluno para o sucesso - Quanto mais preciso e claro for o professor, maior é a velocidade e capacidade de aprendizagem. Inerente a este fator nasce o questionamento. Não só é crucial a existência de Feedback como é imprescindível o uso do questionamento, de forma a verificar a compreensão e as aquisições, mas, sobretudo, para envolver os alunos na sua aprendizagem. Esta técnica de ensino é extremamente importante no que diz respeito à autorreflexão do aluno sobre o que fez de errado ou o que fez, eventualmente, bem. Procurei em todas as aulas utilizar o questionamento, antes, durante e depois, aproveitando o feedback dirigido à turma como condutor da reflexão. Após a utilização de questionamento, fechava o ciclo de feedbacks, mantendo a harmonia de informação transmitida aos alunos.

2.2. Gestão

“Aulas eficazes têm um ritmo rápido durante o qual o encadeamento da prática se sobrepõe aos episódios de organização”.

Siedentop (1998, p. 271)

A gestão apresenta um carácter fundamental na condução e controlo da aula de educação física. O professor para atingir os conteúdos e objetivos propostos para aula, deve saber organizar, formatar e gerir a mesma com o propósito de maximizar a cooperação, envolver os alunos e diminuir o comportamento desviante. Desta forma, reparti a gestão da aula em vários momentos.

Num primeiro momento, o espaço. Aspetos como o controlo inicial da atividade; verificação da disponibilidade de todo o material necessário. Num segundo momento, o tempo. A utilização de um processo de chamada rápida da turma, pontualidade; estabelecimento de condutas e regras perante qualquer modalidade e local de aula; Reunião dos alunos e transições; Supervisão da prática dos alunos (Forma como circula pelo espaço de aula; Interação com os alunos); Utilização de FB positivo, relacionado com a tarefa, motivando e reforçando as aprendizagens, promovendo um clima propício ao aumento da motivação – Gestão do Clima Emocional. Por último, a estrutura. Com base no planeamento, gerir o que é programado na prática, ou seja, capacidade em gerir o fluxo da aula; Capacidade de ajustamento a casos omissos; Adaptação e reajustes na organização dos recursos humanos e lógica na contextualização nas adaptações.

De acordo com Quina (2009), uma boa capacidade de gestão entrega ao docente um papel facilitador nas condições de ensino-aprendizagem e é indispensável ao sucesso pedagógico. Outros autores definem ainda que, uma supervisão ativa da prática dos alunos é extremamente essencial na produção de aprendizagens – O docente dever ser capaz de dirigir os seus alunos de modo a diminuir as perturbações e a aumentar o tempo reconhecido à aprendizagem, isto tendo em conta, o aumento dos índices de concentração e empenho na tarefa proposta. (Siedentop, 1998).

É possível referir que os professores mais eficazes na dimensão da gestão são aqueles que, repartem o tempo de aula de modo a criar um contexto de ensino que proporciona ao aluno mais tempo de empenhamento motor e exercitação.

2.3. Clima / Disciplina

De acordo com Piéron (1996), o professor deve centrar a sua preocupação e disponibilidade ao conjunto de comportamentos específicos, tais como o aumento da frequência de Feedback produzidos, valorizando as interações e priorizando sempre o desempenho e prestação do aluno .

Na aula de Educação Física, estão sempre presentes alterações emocionais, que por sua vez, podem ou não, condicionar o clima de aula de forma positiva ou negativa. Para potenciar o normal funcionamento e produtividade da aula, bem como, um bom clima de aula, devem estar presentes, capacidades de intervenção pedagógica relacionadas com interações pessoais, relações humanas e ambiente. Neste sentido, esta dimensão de realização do ensino está intimamente ligada à dimensão de Disciplina. O professor deve ser consistente e ser capaz de colmatar os comportamentos desviantes, intervindo no momento em que estes comportamentos se verificam; Estabelecer elos de ligação entre interação-tarefa e interação-emoções e deve demonstrar entusiasmo, controlando as suas emoções, sempre com um carácter positivista e exigente.

. Ambas as dimensões, Clima e Disciplina pretendem maximizar comportamentos responsáveis nos alunos, com base num clima positivo na sala de aula. Hoje em dia, na escola atual, o tema indisciplina encontra-se bastante acentuado, prejudicando cada vez mais, o processo de ensino-aprendizagem atual. Concretamente na minha turma a indisciplina era sentida todas as aulas, sendo que, no momento em que me apercebi deste fator, procurei sempre responder às necessidades emocionais dos alunos, adaptando-me ao contexto da emoção, bem como, à intervenção e antecipação relativamente aos comportamentos desviantes.

Assim, procurei durante as aulas criar um ambiente favorável às aprendizagens dos alunos interagindo com eles e criando desafios e momentos de motivação. Posso afirmar que esta dimensão me proporcionou um dos maiores momentos de reflexão inerentes à atuação do professor, na sala de aula. De professor assertivo e sério, passei a um professor flexível e perspicaz (sempre de sorriso na cara, sempre motivado – De forma a transportar essa energias aos alunos), no que diz respeito ao controlo emocional da turma. Procurei ser consistente nas interações e negociar condutas comportamentais com os alunos.

3. Decisões de Ajustamento

“O conhecimento prático do professor está fundamentado no pensamento prático e reflexivo; no conhecimento na ação; na reflexão na ação; na reflexão sobre a ação”.

Segundo Mercado (1999)

No decorrer deste ano letivo, as tomadas de decisão de ajustamento foram uma constante, no que concerne à adaptação do processo de ensino-aprendizagem, face à enorme diversidade de situações apresentadas. O professor deve apresentar um papel ativo e reflexivo no que diz respeito ao planeamento e fundamentalmente, à sua fase posterior. Assim, procurei sempre ser dinâmico, relativamente à diferenciação das aprendizagens e à inclusão de todos os alunos, de forma a proporcionar igualdade de oportunidades no alcance do sucesso na aprendizagem. No entanto, apesar de definida a extensão e sequência de conteúdos, estamos sempre sujeitos a efetuar alguns ajustamentos com base na resposta e evolução dos alunos aos exercícios propostos. Quando falamos em decisões de ajustamento, estas podem não se caracterizar apenas de forma negativa (Dificuldades de adaptação), mas sim e também, de forma positiva (Evolução positiva superando as expectativas iniciais).

Relativamente a decisões de ajustamento no desenvolvimento da aula procurei estar atento à adequação dos objetivos, conteúdos, meios e formas metodológicas propostas, assumindo que as aulas podem não seguir o rumo traçado. Assim procedi a ajustamentos, maioritariamente, nos grupos, no tempo atribuído às tarefas e no grau de dificuldade das tarefas e progressões pedagógicas. Como já referido anteriormente, a escola onde lectionei, está longe de apresentar as condições ideais para o ensino, sendo que, senti muitas vezes a necessidade de ajustar o que planeava face às condições existentes, por exemplo: As Condições atmosféricas. Sentia a necessidade de passar de uma aula prática para uma aula teórica (Condicionando o normal alinhamento da extensão de conteúdos propostas – Praticamente falando – pois abordava os conteúdos propostos para aquela aula, teoricamente.)

Segundo (C. Costa et al, 1996), os Professores competentes são aqueles que possuem um vasto repertório de habilidades de ensino e que apresentam competências técnicas, de modo a que sejam capazes de alcançar os objetivos da Educação Física e de saberem como enfrentar e superar os problemas da prática quotidiana .

4. Avaliação

“A função nuclear da avaliação é ajudar o aluno a aprender e ao professor, ensinar” Perrenoud (1999)

Para Bratfische (2003), avaliar em Educação é reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão individual – Quando se refere valorização, debruça-se sobre a cultura própria e a manifestação de afetividade, aproveitando um meio para a aprendizagem e formação integral do educando.

A avaliação é um processo que visa o acompanhamento, da forma mais precisa e coerente, do progresso do aluno, ao longo do seu processo de aprendizagem. Este processo visa a identificação do que já foi alcançado e conseqüentemente ir a procurar e descobrir as melhores soluções para as dificuldades sentidas, podendo-se reformular o ensino e aumentar a sua qualidade (Ribeiro,1999). Assim, a avaliação incide sobre o desempenho e qualidade de aprendizagens do aluno, assumindo um papel fundamental e intrinsecamente ligado, ao planeamento e ação do professor. Através disto procurei dirigir o meu foco de atenção, às seguintes questões avaliativas: o que avaliar? Como? Para quê? Porquê? Quando? Quem avaliar?

De acordo com o Despacho Normativo n.º 1/2005, reformulado pelo Despacho Normativo n.º 6/2010 de 19 de fevereiro, *“A avaliação, enquanto parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, constitui um instrumento regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico.”* Ainda de acordo com o Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho verte no art.º 25 2) refere que *“a avaliação diagnóstica visa facilitar a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional e o reajustamento de estratégias de ensino”*.

4.1. Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica, deve ser entendida, para os alunos, como aprendizagens inseridas no seu processo ensino/aprendizagem, pelo que os alunos devem passar por elas várias vezes ao longo do período de avaliação inicial. Esta avaliação tem como objetivo a aferição do nível de desempenho em que o aluno se encontra, numa fase

inicial. Essa aferição passa pela constatação das capacidades motoras e conhecimentos (práticos e teóricos) que o aluno demonstra na prática de uma determinada matéria.

Segundo Ribeiro (1989), a *“Avaliação Diagnóstica tem como objetivo essencial proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.”*

Sendo que, se trata de uma avaliação de características prognósticas, deve ser um processo em que possam ser reorganizados vários ritmos de aprendizagem. Assim, procurei, nesse sentido, além da recolha de informação necessária, acompanhar as situações de aprendizagem facultando feedbacks, no sentido de melhorar a prestação dos alunos (Anexo 2). Considero esta a aplicação da avaliação, igual à de uma aula normal, isto é, nunca me dirigi aos alunos dizendo que seria a aula de avaliação, simplesmente, lecionava a aula. A aula de avaliação deve ser entendida como uma aula “normal”, como as outras, simplesmente assume um carácter apreciativo.

Debruçando sobre a sua realização e implementação, em reunião de Núcleo de Estágio, definiram-se os objetivos fundamentais e os critérios de êxito, tendo por base o PNEF, definição das situações de observação e de como seriam organizadas as mesmas nas restantes UD's. A observação /avaliação era realizada na primeira aula de cada UD, em situação de jogo. Após a análise dos dados recolhidos procedemos à elaboração da extensão e sequência de conteúdos.

Para melhorar é importante, relativamente às questões que vão surgindo, que o professor dedique semanalmente tempo para as ler e refletir, sobretudo para extrair delas ilações acerca da modificação do processo de ensino. (Bento, 1998.)

4.2. Avaliação Formativa

A Avaliação Formativa sucede o primeiro momento de avaliação referido anteriormente. Este segundo momento avaliação, segundo Ribeiro & Ribeiro (1989) *“acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem-sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam”*.

Assim, é possível afirmar que, a Avaliação Formativa apresenta a função de regularização dos processos de aprendizagem, sendo que, procurei sempre aplicar esta avaliação ao longo de todas as unidades didáticas. Dividi-a em dois momentos: *avaliação formativa informal* - Diariamente, identificar situações problemáticas emergentes - e *avaliação formativa formal* - Realizada a meio e no final de cada UD. Esta divisão tinha como objetivo o registo da evolução dos alunos até ao momento. (Anexo 3).

Avaliação Formativa, são os processos utilizados pelo professor para adaptar a sua ação pedagógica em função dos progressos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos. O objetivo principal é precisamente demonstrar uma boa e eficaz estratégia de pedagogia da mestria, pois só assim é possível adequar o processo de ensino-aprendizagem ao aluno – Representa uma componente essencial na concretização. Mais tempo de repetição da tarefa e apoio complementar ao aluno (Bloom, 1971).

4.3. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa tem uma função classificatória e o seu objetivo é atribuir uma nota definitiva, tendo por base os níveis de aproveitamento que foram anteriormente estabelecidos, ao sumariar o desempenho de um determinado aluno, num conjunto de objetivos de aprendizagem.

(Citado por R. Pires, 2012; Arends, 1995).

A avaliação sumativa tem, como todas as antecedentes avaliações, o papel refletivo sobre o processo evolutivo do aluno. No entanto, esta avaliação insere todo o trabalho realizado na unidade de ensino, tendo como referência, os objetivos e os dados obtidos nas avaliações diagnóstica e formativa, regulados ao longo da aprendizagem pelo professor. Esta avaliação, que tem carácter final e pontual. À semelhança das avaliações já referidas, esta tem lugar, no final de uma UD através de observação direta, caracterizada pelo somatório das informações obtidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, adota um carácter classificativo. (Anexo 4)

As aulas de Avaliação Sumativa foram idênticas às aulas de consolidação para que os alunos não passassem por processos de adaptação aos exercícios, como por

exemplo, exercícios critério e situação de jogo. Esta Avaliação não engloba só a classificação final do desempenho do aluno numa determinada UD, mas também todo o processo didático adjacente ao aluno, mais especificamente, englobando o nível de aptidão física dos alunos.

Antes de terminar o ano letivo, no final no 3º período, para verificar onde se encontravam os alunos relativamente ao seu crescimento físico e capacidades físicas, foram realizados testes de condição física, através da bateria de testes FitnessGram³

5. Aprendizagens Realizadas

Segundo, Perrenoud (1993), a formação pedagógica deve permitir aos futuros professores um bom domínio teórico dos conhecimentos, capacidade para estruturar atividades didáticas tendo em conta as oportunidades, os meios disponíveis, as necessidades e as exigências dos alunos. Aproveitando esta referência, começo por reconhecer que, aprendi mais do que estava a espera, sendo que, por mais que tente descrever tudo, ficarei sempre á quem da realidade.

Com a intenção de tornar explícitas, claras e coerentes as minhas aprendizagens e experiencias vivenciadas, dividirei este tópico em quatro momentos: *Planeamento; Intervenção; Trabalho Extraescolar e Coesão de grupo.*

O *Planeamento* foi um dos momentos, na globalidade da prática pedagógica, que fez com que despendesse mais tempo de trabalho e reflexão. A conceção do plano de aula, apesar de flexível em termos estruturais, nem sempre foi tarefa fácil, pois assim que pensava que já estava, completamente conceptualizado e bem estruturado, faltava sempre, algum pormenor relevante. Desde cedo que comecei a compreender o rigor da realização e da ligação entre o Plano Anual, UD e Plano de Aula – Longo, médio e curto prazo. Dentro das matérias, as modalidades coletivas eram o meio onde, apresentei mais clareza e tranquilidade na lecionação, optando sempre por ensinar o jogo, jogando. Utilizando, maioritariamente o modelo de ensino TGFU. Por outro lado, senti necessidade de aumentar os conhecimentos científicos relativamente às modalidades individuais, expecto Ginástica de Solo – modalidade que me sinto extremamente a vontade.

³ **Bateria de Testes Fitnessgram** - Programa educativo, desenvolvido para auxiliar o Professor de Educação Física na avaliação e educação da aptidão e atividade física de crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. (Welk, G. J. & Meredith, 2008)

Relativamente à Intervenção, com o passar do número de aulas, fui conceptualizando o meu pensamento, capacidade de antecipação e reflexão. Nem sempre é desvantajoso ter uma turma com um comportamento instável, isto, para quem está em fase de crescimento relativamente ao perfil funcional do docente (Estagiário). Sou apologista de que a instrução inicial é preponderante, não só no processo de integração, mas também na imposição do professor face à prestativa inicial dos alunos.

Naturalmente, consegui manter uma postura inicial, coesa e assertiva e só depois é que me fui tornando um pouco mais flexível, conseguindo controlar bem a turma, assim como, o clima de aula adjacente à mesma. Para conseguir fazer chegar os objetivos e conteúdos de forma clara, aos alunos, permitindo promover o bom desenrolar do processo ensino-aprendizagem, devemos ter em conta a capacidade de tornar o discurso audível e perceptível. Confesso que, apresentei algumas dificuldades neste aspeto, no início do ano letivo que, posteriormente, se revelaram bastante satisfatórias. Dentro ainda da Intervenção, percebi que é necessário ter sempre especial atenção pelos alunos com necessidades educativas especiais (NEE). Mais do que nunca, e atualmente, devemos representar o elo de ligação destes alunos, para com a inclusão no grupo e na escola. Procurei sempre atender as suas necessidades sem condicionar o processo de ensino, adaptando o planeamento e organização do mesmo a estes alunos – Diferenciação pedagógica.

Enorme é a evidência de que o professor deve ser um bom condutor do ensino e ter uma capacidade excecional de planear e antecipar o ensino às necessidades e dificuldades dos alunos. Sendo este perfil funcional, bastante complexo, o professor deve procurar aprofundar os seus conhecimentos científicos, tanto dentro, como fora da escola – *Trabalho Extracurricular*. Assim, durante a prática pedagógica, e fora da mesma, senti necessidade de aprofundar os meus conhecimentos. Ao formular várias questões, pretendi com elas, debater e procurar respostas às necessidades do professor, como:

- ❖ O que fazer, como ser, e como atuar, de maneira a representar de forma coerente, este perfil funcional;
- ❖ Investigar – descobrir – imaginar e criar: exercícios de forma a melhorar a estrutura e fluxo da aula;
- ❖ De que forma posso otimizar o ensino?

- ❖ Investigação sobre os problemas dos alunos com NEE;
- ❖ Como motivar?
- ❖ Qual a altura certa para intervir com Feedback individual / Feedback à turma?
- ❖ Que técnicas devo / posso utilizar para economizar o tempo de preleção?

Todas estas questões e muitas mais, nasceram com a intenção de melhorar cada vez mais, o meu desempenho enquanto docente. É de extrema importância referir, que grande parte dessa aprendizagem se deveu, ao trabalho / partilha de um grupo coeso e de um Orientador pertinente, crítico e reflexivo.

6. Ética Profissional

“Se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética.”

Saramago

Encarei desde cedo o Estágio Pedagógico, como uma etapa da minha vida em que tinha a obrigação de demonstrar de forma exigente, sob grande responsabilidade o desempenho correto do papel funcional do docente. Não só enquanto docente, mas enquanto detentor de uma turma e de todas as atividades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem da mesma, assumindo um papel preponderante na evolução e modificação de comportamentos dos alunos – Promotor do Ensino.

O professor, enquanto educador pode beneficiar com o debate sobre os valores fundamentais da sua profissão. Através disto, a crescente e coerente consciencialização das normas e da ética da profissão pode colaborar para aumentar a satisfação profissional dos professores e de potenciar o seu prestígio e autoestima, que consequentemente aumenta o respeito que a sociedade sente por estes profissionais.

Durante este ano procurei sempre seguir os princípios éticos definidos para esta profissão. No meu entender, estes princípios são de extrema importância no desempenho de qualquer cargo de docência. A ética e o profissionalismo de qualquer trabalhador na sua área são pilares essenciais para o seu sucesso. No desempenho de um professor, são possíveis de analisar no cumprimento diário, as seguintes capacidades:

- ❖ Competência em trabalhar individualmente e coletivamente;
- ❖ Constante construção do seu conhecimento científico;

- ❖ Responsabilidade;
- ❖ Assiduidade e pontualidade;
- ❖ A capacidade de comunicação e sociabilidade;
- ❖ Capacidade de análise crítica, autocrítica e iniciativa;
- ❖ Cumprimento dos compromissos comuns e individuais dentro dos prazos;
- ❖ Compromisso ético com as aprendizagens e necessidades dos alunos,
- ❖ Apresentação e conduta pessoal adequadas perante todos os intervenientes envolventes no meio: Alunos, professores, encarregados de educação e funcionários.

CAPITULO IV - Tema/Problema – “A realidade motivacional de um aluno com NEE nas aulas de Educação Física e na Escola”

“Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também, possas observar melhor qual a disposição natural de cada um.”

Platão

1. Contextualização e Pertinência do estudo

O presente tema do problema suscitado durante o Estágio Pedagógico, insere-se no âmbito da investigação e intervenção aplicada a um aluno com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E). Este aluno pertence à turma que me foi atribuída no início do ano letivo (9º Ano; Turma C). Na sequência da revisão bibliográfica abordarei neste estudo considerações que julguei pertinentes, relativas à motivação para a realização das tarefas e atividades escolares e à teia em que se entretete a sua atividade profissional. Este estudo tem como objetivo a monitorização e observação do estado motivacional do aluno com N.E.E. Esta monitorização será realizada através de um plano de intervenção sobre os desejos e necessidades do aluno em causa, para que, com base nos resultados observados, se consiga perceber se realmente, o aluno se sente bem, motivado ou feliz na escola. Adjacente a esta motivação, tiro partido também, da consciencialização da sua motivação dentro das suas disciplinas (Inerentes ao seu PIT⁴), com especial ênfase à disciplina de Educação Física.

Este Plano de Intervenção, visa dar a conhecer o trabalho a ser desenvolvido pelos docentes da Educação Especial e Educação Física, com o aluno. É flexível e terá em conta as necessidades específicas do educando, ao longo do ano letivo.

As escolas, ao longo dos anos, apresentam uma constante necessidade em realizar, programar ou predefinir métodos de avaliação e organização de competências educativas - sociais, afetivas, físicas, psicológicas, entre outras – para alunos com N.E.E, sendo que, o tema nasce da principal dificuldade sentida, por mim, enquanto

⁴ - **PIT**: Plano Individual de Trabalho.

Professor de Educação Física, no decorrer deste ano letivo. Esta dificuldade, prende-se com a diferenciação pedagógica em Educação física e o trabalho com grupos de nível.

Nestes primeiros tempos de lecionação verifiquei que, por vezes, os exercícios não se encontravam ajustados às necessidades de alguns alunos e por outro lado às potencialidades de outros. Esta inadequação dos processos de ensino-aprendizagem faz com que os alunos desmotivem e percam o interesse na prática desportiva, o que pode resultar na instabilidade do controlo da turma, inexistência de aprendizagens ou até mesmo, insucesso escolar.

O aprofundamento deste tema, permitir-me-á adquirir competências teóricas e práticas, para que, no futuro, consiga melhorar a intervenção pedagógica e assim promover o sucesso escolar a todos os alunos. Este movimento, será um reflexo da execução dos vários objetivos e conteúdos a trabalhar dentro de cada matéria promovendo sempre, a inclusão e a motivação dos alunos. Deste modo será mais fácil consentir a todos os alunos uma igualdade de oportunidades no desenvolvimento das suas capacidades colmatando as dificuldades e medos dos mesmos.

Este estudo nasceu da vontade que tenho em estudar temas como: Psicologia, N.E.E e motivação em ambiente escolar. Desta forma, da vontade, nasce a necessidade em aprofundar os meus conhecimentos e experiencias. Assim, decidi trabalhar com o aluno, um dos meus alunos preferidos, pois, mesmo com NEE consegue de forma irreverente e dedicada entregar-se de corpo e alma a tudo o que faz. Através dos fatos constatados e após a reflexão feita sobre este tema, propus duas questões com planos de aprofundamento distintos, neste estudo (*Primeiro plano* - objetivo principal do estudo; *segundo plano* – objetivo secundário do estudo):

Primeiro Plano

- ✓ Aplicando um plano de intervenção com o que aluno deseja intrinsecamente realizar, fará com que este se sinta motivado na escola?

Segundo Plano

- ✓ Sendo um aluno com N.E.E, será que desta intervenção sairão melhorias inerentes às suas limitações?

A motivação é um fator essencial no que diz respeito ao ato de ensinar. A esta estão inerentes, fatores psicológicos agregados à personalidade de cada um, assumindo extrema importância, pois o estado motivacional do aluno pode condicionar todo o processo educativo, de forma positiva ou negativa.

Para Maggil (1984), a motivação é importante para a inteligência da aprendizagem e do desempenho de habilidades motoras, pois tem um papel importante na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento. Sem a presença da motivação, os alunos em aulas de Educação Física, não exercerão as atividades, ou então, farão mal o que for proposto.

Referido isto, é possível constatar que o bem-estar dos alunos na escola, influencia o seu processo educativo, bem como, se torna um facilitador para o trabalho pedagógico dos docentes. Daí a pertinência deste estudo sobre a importância da motivação do aluno nas diferentes atividades que integram o seu horário escolar, e outras que poderá identificar, e perceber as suas implicações na satisfação e no bem-estar do discente.

2. Revisão da Literatura

2.1. Motivação, satisfação pessoal e bem-estar.

A motivação é entendida como o principal estimulador do processo ensino-aprendizagem, dependendo sempre da atitude psicológica do aluno – atitude positiva ou negativa. Os alunos / estudantes que manifestem uma atitude negativa, encontram um desinteresse total pela escola, por outro lado, os que manifestem uma atitude positiva aproveitam o estudo e o ensino como um meio para alcançar o sucesso.

A motivação é fundamental para o desenvolvimento intrínseco, sendo mesmo o maior impulsionador para a aprendizagem. Todos os fatores que nascem da motivação, fatores motivacionais, responsabilidade e evolução, estão intimamente relacionados com o sucesso / insucesso escolar. Portanto, todos estes fatores são preponderantes e permitem-nos propulsionar para um determinado objetivo, saciando um motivo subjacente. (Dias e Nunes, 1998).

Por vezes a ideia que se tem de motivação, não é de todo a mais correta. Não é um conceito exato e previsível, mas sim relativo e dependendo dos fatores intrínsecos de cada indivíduo. A motivação é entendida como um comportamento ou traço geral interno que varia com as tarefas a realizar e não como sendo um traço geral influenciável perante todas as situações – É vista como uma conceção / conceito multifacetado (Fontaine, 1997).

Steers e Porter (1991) epilogaram que a motivação é algo que estimula ou inicia o comportamento humano, que o orienta, que o conduz e o mantém. Maslow (1970), criou uma Pirâmide de forma a perspetivar a priorização das necessidades. Na sua Pirâmide das Necessidades, parte do pressupõe que a motivação dos sujeitos é determinada pela realização de cinco níveis de necessidades que formam uma hierarquia:

- ✓ **Necessidades fisiológicas** (fome, ar, sede, alimentos, repouso);
- ✓ **Necessidades de segurança** (segurança e proteção de danos físicos e emocionais);
- ✓ **Necessidades sociais** (desejo de pertença, amizade e de aceitação no grupo);
- ✓ **Necessidades de autoestima**, que englobam:
 - Fatores internos, como a autoconfiança, o sentido de realização pessoal e a autonomia;
 - Fatores externos, como o reconhecimento, o prestígio e a atenção por parte dos outros, a que Maslow assinala como reputação;
- ✓ **Necessidades de autorrealização** (necessidades de crescimento e de realização pessoal) (Fig1).

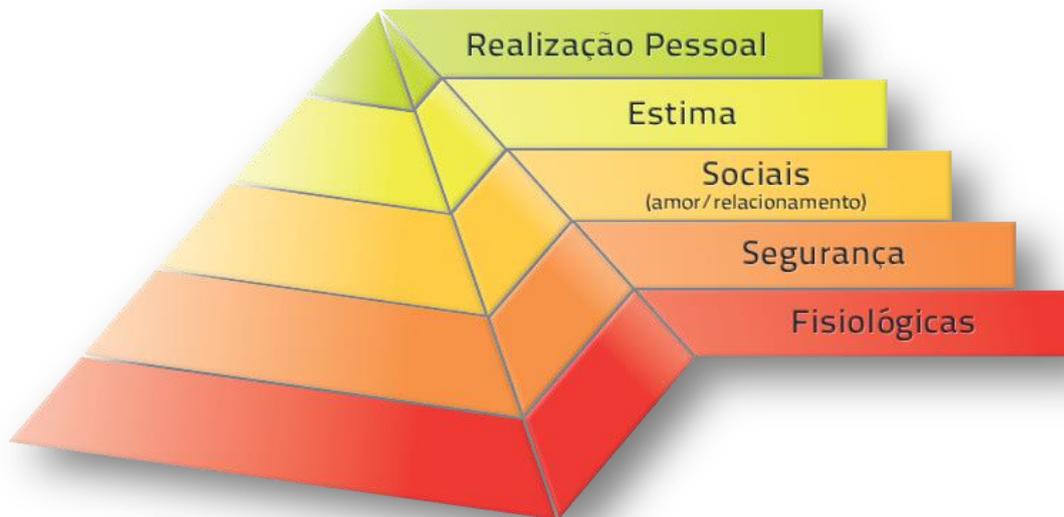


Figura 3 - Modelo da Hierarquia das Necessidades de Maslow (1970)

Ainda segundo, Maslow (1970), as necessidades fisiológicas, estão intimamente ligadas com a conservação / preservação, sendo por isso designadas por primárias ou necessidades de estatuto inferior - Satisfeitas através de fatores externos. Todas as outras, apontadas por necessidades secundárias ou de estatuto superior, porque visam mais especificamente identidade psicossocial - Satisfeitas através de fatores internos. Para que as de estatuto superior se manifestem é necessário que as de ordem inferior se encontrem satisfeitas – Esta relação é fundamental para a harmonia do estado motivacional. As diferenças individuais são menores no patamar das necessidades primárias, relativamente às necessidades secundárias, em que o período motivacional é mais rápido no primeiro patamar do que o do segundo. À medida que as necessidades, que se situam hierarquicamente mais abaixo, se satisfaçam, as mais elevadas surgem com grande destaque, e é aqui, que demonstram a capacidade de influenciar o comportamento dos indivíduos.

No âmbito da Teoria de Deci (1975), que pretende esclarecer porque é que o indivíduo realiza e persiste em determinadas tarefas apenas pela satisfação que estas lhe proporcionam, é estabelecida a diferença entre motivação intrínseca e a motivação extrínseca. A primeira é determinada pelo interesse do sujeito na tarefa. A segunda é estimulada por um incentivo externo (Estimulo Externo) associado ao resultado na tarefa. Para este autor, os seres humanos apresentam duas necessidades fundamentais:

- ✓ A necessidade de competência - Conduz o indivíduo na procura de desafios que otimizem as suas competências;

- ✓ A necessidade de autodeterminação - Independentemente da capacidade de antecipação de qualquer resultado, a entrega de decisão pessoal quanto ao comportamento a realizar.

A necessidade de autodeterminação envolve a capacidade de escolha do indivíduo e a percepção de um *locus* de causalidade interno - um sentido de escolha na iniciação e regulação das suas próprias ações.

Decy e Ryan (1985) definem o comportamento intrinsecamente motivado como o comportamento selecionado pelo indivíduo de forma a sentir-se competente e autodeterminado. Tudo isto faz com que o indivíduo tenha necessidade de procurar e escolher situações que lhe permitam dar uso às suas capacidades. Estas necessidades de competência e de autodeterminação mantêm as pessoas envolvidas em ciclos contínuos de procura de desafios adequados ao seu nível de competências.

2.2. Autismo

O Autismo é um termo geral usado para descrever um grupo de transtornos de desenvolvimento do cérebro, conhecido como “Transtornos do Espectro Autista” (TEA). O TEA, são um conjunto de manifestações que afetam o funcionamento social, a capacidade de comunicação, implicam em um padrão restrito de comportamento e geralmente vem acompanhado de deficiência intelectual. O TEA é constituído pelo Autismo, a síndrome de Asperger e pelo transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação

O autismo é o tema mais fascinante e controverso da Psiquiatria Infantil. A realização do seu diagnóstico oferece uma grande dificuldade, sendo passível de discussões, uma vez que engloba, dentro dos atuais conceitos, um leque bastante variado de doenças com diferentes quadros clínicos e matrizes de gravidade, que têm como fator comum o sintoma autístico.

Começou-se a chamar de "Autismo Infantil Precoce", em 1949, descrevendo o mesmo, como uma dificuldade profunda no contato com outras pessoas, desejo obsessivo de preservar as coisas e as situações, ligação aos objetos, presença de uma fisionomia inteligente e alterações de linguagem, variando do mutismo a uma linguagem sem função comunicacional, refletindo as dificuldades no contato e na comunicação interpessoal. Esta síndrome foi citada por Kanner, como sendo um padrão psicopatológico com uma possibilidade diagnóstica inequívoca. A partir desta

constatação, ficou determinado que o autismo seria uma síndrome bem definida, perceptível de ser observada e constatada com pequenas dificuldades nos dois primeiros anos de vida, sendo intimamente relacionada com a Esquizofrenia Infantil, podendo apresentar-se como uma manifestação precoce (Assumpção, 1995).

Encontra-se ainda distante a perfeita compreensão sobre a sua patogênese (Autismo), relativamente aos últimos sessenta anos de estudos, sendo que, durante este tempo não foram pré-estabelecidos aspetos biológicos, nem psicológicos especificamente distintos para confirmar o diagnóstico. Apesar da substancial evidência de fatores neurobiológicos implicados na sua patogênese, os mecanismos etiológicos precisos não têm sido, completamente reconhecidos. Os aspetos neurobiológicos variam de caso para caso e podem ser delicados.

O autismo pode ser definido pela descrição de características anormais de comportamento, no entanto, não se tem certeza sobre quais são os padrões de importância primordial, embora algumas formulações tenham maior relevância em relação a outras. Atualmente o autismo é visto como uma síndrome definida na intervenção comportamental com défices neurológicos de etiologias, que por vezes, nem sempre se apresentam bem definidas.

Pérez (2001) descreve, que a partir do final dos anos setenta, ocorre uma grande inclinação à utilização do conceito "síndrome autística". Refere, ainda que, em 1979, Wing e Gould estudaram a incidência do autismo na população. O estudo encaminhou a consequências importantes, dentro das quais, a ideia de se considerar o autismo como um "contínuo", ou seja, defini-lo como um conjunto de dimensões alteradas.

As particularidades essenciais do Transtorno Autista pelo DSM-IV⁵, comportam a presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação, bem como, um reportório extremamente ajustado de atividades e interesses, observados antes dos três anos de idade. Estas manifestações variam intensamente e constantemente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo em causa. Interação social, Linguagem comunicativa e Jogos simbólicos ou imaginativos, são as áreas onde a manifestação e o funcionamento anormal surge com mais frequência, no autismo, sendo que, por definição, o início ocorre antes dos três anos de idade.

⁵ DSM- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) IV – Versão do Manual

2.3.Síndrome de Asperger

A síndrome de Asperger (SA), incluída nas classificações dos Transtornos Abrangentes do Desenvolvimento, foi descrita por Hans Asperger, em 1944, quando estudou quatro crianças com dificuldades na interação social denominando esta condição de "psicopatologia autística", indicando um transtorno de personalidade estável e marcado por isolamento social. Foi oficialmente reconhecido como critério de diagnóstico no DSM-IV, em 1994.

Segundo o DSM-IV as informações sobre a prevalência do transtorno de Asperger são limitadas, mas parece ser um transtorno mais comum no sexo masculino. O transtorno de Asperger parece ter um início um pouco mais tarde do que o transtorno autista, ou pelo menos é reconhecido mais tarde. Atrasos no desenvolvimento motor podem ser observados no período pré-escolar. Dificuldades na interação social podem tornar-se mais aparente no contexto da escola.

Quem é detentor deste transtorno pode apresentar interesses fortificados, por exemplo e no caso concreto do aluno (Desejo em ser Dj; Desejo em fazer Parkour).

A SA é Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, caracterizado por prejuízos severos e invasivos em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação, ou presença de comportamento, interesses e atividades estereotipadas (classificada pelo DSM-IV). Segundo o DSM-IV, as características mais marcantes da SA são:

Falta de Empatia
Interação Inapropriada, ingénuo ou Unilateral
Pouca ou nenhuma habilidade de estabelecer amizades
Linguagem pedante ou repetitiva
Comunicação (não verbal) precária
Fixações
Movimentos desajeitados, pouco coordenados e postura estranha

Tabela 1 – Características mais frequentes em pessoas com Síndrome de Asperger.

O diagnóstico da síndrome de Asperger é penoso, pois pode gerar confusão com o autismo, deficiência mental e retardo do desenvolvimento global da linguagem.

Apesar de existirem algumas semelhanças com o Autismo, as pessoas com Síndrome de Asperger geralmente apresentam grandes habilidades cognitivas (pelo menos Q.I. normal, às vezes indo até às faixas mais altas) e por funções de linguagem normais, se comparadas a outras desordenas ao longo do espectro. Independentemente de poderem ter um extremo comando da linguagem e vocabulário elaborado, estão incapacitadas de o usar em contexto social e geralmente têm um tom monocórdico, com alguma inflexão na voz. Crianças com Síndrome de Asperger, podem ou não, procurar uma interação social, sendo que, apresentam sempre dificuldades em interpretar e aprender as capacidades da interação social e emocional com os outros.

Segundo Bauer (1995), muitos dos melhores estudos que têm sido construídos até agora propõem que SA é consideravelmente mais comum que o Autismo clássico. **O Autismo tem tradicionalmente sido visto à taxa de 4 a cada 10.000 crianças, estima-se que a Síndrome de Asperger esteja na faixa de 20 a 25 por 10.000, sendo que, isto significa que para cada caso de Autismo, as escolas devem esperar encontrar diversas crianças com o quadro SA.**

De acordo com o DSM-IV (1994) os critérios para se poder diagnosticar a Síndrome de Asperger são:

A. Prejuízo qualitativo na interação social, manifestado por pelo menos dois dos seguintes quesitos:

- (1) Prejuízo acentuado no uso de múltiplos comportamentos não-verbais, tais como contato visual direto, expressão facial, posturas corporais e gestos para regular a interação social.
- (2) Fracasso para desenvolver relacionamentos apropriados ao nível de desenvolvimento com seus pares.
- (3) Ausência de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas (por ex., deixar de mostrar, trazer ou apontar objetos de interesse a outras pessoas)
- (4) Falta de reciprocidade social ou emocional

B. Padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos um dos seguintes pontos:

- (1) Insistente preocupação com um ou mais padrões estereotipados e restritos de interesses, anormal em intensidade ou foco
- (2) Adesão aparentemente inflexível a rotinas e rituais específicos e não funcionais
- (3) Maneirismos motores estereotipados e repetitivos (por ex., dar pancadinhas ou torcer as mãos ou os dedos, ou movimentos complexos de todo o corpo)
- (4) Insistente preocupação com partes de objetos

C. A perturbação causa prejuízo clinicamente significativo nas áreas social e ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento.

D. Não existe um atraso geral clinicamente significativo na linguagem (por ex., palavras isoladas são usadas aos 2 anos, frases comunicativas são usadas aos 3 anos).

E. Não existe um atraso clinicamente significativo no desenvolvimento cognitivo ou no desenvolvimento de habilidades de autoajuda apropriadas à idade, comportamento adaptativo (outro que não na interação social) e curiosidade acerca do ambiente na infância.

F. Não são satisfeitos os critérios para um outro Transtorno Invasivo do Desenvolvimento ou Esquizofrenia.

Tabela 2 - Critérios para se poder diagnosticar a Síndrome de Asperger, segundo DSM-IV.

O mais óbvio marco da Síndrome de Asperger e a característica que faz dessas crianças tão únicas e fascinantes, é a sua peculiar idiossincrática área de “interesse especial”. Em contraste com o mais típico Autismo, onde os interesses são mais para objetos ou parte de objetos, na SA os interesses são mais frequentes por áreas intelectuais específicas. (Bauer, 1995)

3. Metodologia

Antes de iniciar este ponto, é de extrema importância referir que este estudo nasce com a autorização da Enc. De Educação do Aluno para a realização da intervenção. (Anexo 6) *“Claro que autorizo e agradeço pelo fato de querer trabalhar com o meu filho. Hoje em dia não é fácil encontrar alguém, que queria descobrir mais, sobre estes casos. Só tenho que agradecer, e pode contar comigo sempre que precisar”* (Enc. Educação do Aluno.)

Esclarecido isto, neste ponto, será indicada a metodologia utilizada, tendo em vista os objetivos a atingir com o presente estudo de caso:

1. Verificar se a aplicação do plano de intervenção promove a motivação do aluno na escola (Equilíbrio motivacional nas disciplinas que integram o seu horário escolar), e na sua vida pessoal.
2. Verificar se a aplicação do plano de intervenção promove a melhoria do desempenho motor, bem como, a melhoria das dificuldades sentidas pelo do aluno.

Serão também indicados os instrumentos aplicados, nomeadamente o questionário ao aluno e os diários realizados e entregues à encarregada de educação, Diretora de turma e à professora de Educação Especial. Será também efetuada uma referência aos procedimentos utilizados na recolha de dados, bem como ao tratamento dos mesmos. No seguimento da formulação do problema anterior surgiu as seguintes questões:

- ✓ **Questão 1** – A aplicação do plano de intervenção, alterou intrinsecamente a satisfação do aluno na escola, bem como, nas disciplinas que integram o seu horário escolar?
- ✓ **Questão 2** – A aplicação do plano de intervenção, poderá promover a melhoria das capacidades motoras e dificuldades sentidas pelo aluno?

3.1. Caracterização geral da amostra

Participaram no estudo cinco pessoas, nomeadamente:

- O Aluno: 16 anos de idade | Perfil de funcionalidade: Aluno com Síndrome de Asperger.
- Encarregada de educação

-Três professores de disciplinas diferentes (Educação Física; Inglês e Educação Especial)

3.2.Instrumentos

No estudo foram utilizados três instrumentos de avaliação:

- ❖ Questionário “O que te motiva na escola?”;
- ❖ Diários de motivação ao diretor de turma, encarregado de educação e Prof. Educação Especial;
- ❖ Diário de Motivação realizado ao aluno, durante o presente ano letivo;
- ❖ Plano de Intervenção;

3.2.1. Caracterização dos instrumentos:

Questionário “O que te motiva na escola?”

- ✓ Este questionário pretende perceber quais são as disciplinas, áreas específicas e outras modalidades que aumentam ou reduzem a motivação do aluno e proporcionam satisfação e bem-estar na escola.

Diários de motivação (Prof. EE; DT e Enc.E)

- ✓ Este instrumento pretende perceber como se encontra o estado de espírito do aluno diariamente. É realizado consoante o contato diário que tenham com o aluno.

Diários de motivação (Prof. EF)

- ✓ Este instrumento pretende perceber como se encontra o estado de espírito do aluno diariamente, durante todo o ano letivo. Foi realizado através do contato que tive com o aluno nas aulas de E.F.

Plano de Intervenção

- ✓ Este instrumento pretende expor todas as atividades que o aluno irá realizar, bem como, a recolha de dados inerentes ao seu estado de espírito e reações comportamentais observadas.

4. Procedimento de Recolha e Análise dos Dados

A metodologia experimental (ação no terreno) é a que melhor se adequa ao meu estudo. Os dados recolhidos pelo questionário, diários e pela intervenção no terreno foram analisados numa perspetiva simplesmente descritiva dos resultados.

Comecei por me dirigir ao Enc. Educação, solicitando e recolhendo a autorização para posteriormente, dar início ao estudo. (Anexo 6) O questionário foi aplicado ao aluno com NEE da turma 9°C (Turma proposta para lecionação), na Escola Secundária de Anadia. (Anexo 7)

Para aproximar o estudo, o mais possível do contexto real da motivação, numa primeira fase: Realizei um diário de motivação ao aluno, ao longo de todas as aulas lecionadas no 1º e 2º Período; Numa segunda fase, construí um diário do estado de espírito do aluno, que foi facultado ao resto dos intervenientes deste estudo e posteriormente realizado (Diretora de Turma; Professora de Educação Especial e pela Encarregada de Educação). (Anexo 8)

O plano de intervenção teve por base:

- ✓ Exercícios de motricidade fina, grossa e geral;
- ✓ Exercícios de condição física
- ✓ Exercícios adaptados às modalidades que o aluno deseja (Baseado nos resultados do questionário)
- ✓ Exercícios de expressões artísticas.

Este Plano de Intervenção, não foi previamente programado, devido aos seguintes motivos:

- ✓ **1º Motivo: Condições Espaciais** (Só na semana em causa, é que tinha conhecimento da disponibilidade de locais para a prática.)
- ✓ **2º Motivo: Condições climatéricas** (Considerarei que programar previamente, sem estar a contar com este fator, seria prejudicial e condicionante, visto que, estaria também atento ao 1º motivo.)

A recolha de dados foi efetuada ao longo do ano letivo, desde da minha experiência com o aluno no início do ano, até ao término da lecionação e do plano de intervenção. Sendo assim, a observação consta com um total de três momentos – *Nos*

dois primeiros momentos, apenas e só, observação e experiências obtidas através do contato com o aluno nas aulas. Anexo (9); *e um último momento*, através de um plano de intervenção individual. (Anexo 10)

Importa referir que as intervenções foram efetuadas, durante a hora que o Orientador apresenta disponível para trabalho desportivo/lúdico com o aluno. Esta hora é distribuída no horário letivo do professor, no âmbito do Plano Individual de Transição (PIT) do aluno – **Quartas-Feiras: 10h – 11:45h.**

5. Apresentação, análise e discussão dos resultados

5.1. Caracterização do aluno

O aluno é portador de Síndrome de Asperger. Revela problemas no domínio emocional e cognitivo. Apresenta dificuldades acentuadas na aquisição de competências, concentração da atenção, na realização de ações e tarefas relacionadas com as interações com os outros.

O aluno encontra-se abrangido pelo Regime Educativo Especial com a Medida Currículo Específico Individual (CEI) ao abrigo da alínea e) do ponto 2 do artigo 16º do Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro. Dentro da turma frequenta as disciplinas de Educação Física, Educação Visual e Inglês.

No âmbito da Educação Especial desenvolve um programa funcional nas disciplinas de Português e Matemática. Em Português. No âmbito do Plano Individual de Transição (PIT) participa em atividades de aprendizagem laboral, na área da pintura, frequenta, igualmente, as áreas específicas de Educação Visual (escultura), Educação Visual (expressão dramática), Eletrotécnica (Oficina Eletricidade), Informática, Cidadania. Desenvolve o projeto “CriArte” para reforço das suas aprendizagens. Nas disciplinas de Educação Física, Educação Visual e Inglês, a avaliação sumativa é expressa numa classificação qualitativa, acompanhada de uma apreciação descritiva sobre a evolução do aluno tendo por base o programa específico elaborado para cada uma das disciplinas.

5.2. Resultados com base no Plano de Intervenção e Reflexões do mesmo.

O plano de intervenção é constituído, como referido anteriormente, por exercícios de motricidade geral, grossa e fina, de condição física, exercícios de expressões artísticas e jogos lúdicos e de raciocínio / lógica. Praticamente todos os exercícios foram adaptados às modalidades e aos gostos intrínsecos do aluno, designadamente:

- ✓ Música;
- ✓ Basquetebol;
- ✓ Ginástica de Solo e Aparelhos;
- ✓ Orientação;
- ✓ Badminton
- ✓ Ping-Pong (Ténis de Mesa);
- ✓ Futebol
- ✓ Jogos de Computador.

Durante toda a investigação houve a preocupação de proteger e adaptar os desejos e vontades do aluno. Todo este planeamento teve como objetivo, a contribuição para a felicidade do aluno. Tendo como base a realização de um diário dos dois primeiros períodos e após a aplicação do plano de intervenção, com a avaliação do estado físico e psicológico do aluno realizada através de observação direta, dividi a minha avaliação em dois níveis (Nível motor e Nível Psicológico) e constatei o seguinte:

A Nível Motor

Capacidades físicas do aluno / Condição Física – Fitnessgram (Anexo 11):

- ✓ **Coordenação:** O aluno numa primeira fase do aluno letivo (1º e 2º Períodos), evidenciava ligeiras dificuldades relativamente á coordenação do gesto para com o corpo, no entanto, a sua coordenação apresentava-se satisfatória tendo em conta as suas dificuldades. Após a intervenção, o aluno melhorou um pouco alguns aspetos, relativamente à dinâmica corporal – fluidez dos movimentos corporais – bem como, à capacidade de entendimento da relação gesto-corpo.

Nota: Não esquecendo o fato de apresentar algumas limitações inerentes à síndrome de asperger.

- ✓ **Flexibilidade:** Durante a avaliação da condição física, o aluno evidenciou de forma satisfatória, melhoria relativamente à extensão do tronco (Aumento de

33% relativamente ao seu desempenho inicial) e flexão do tronco (Seat and reach - aumento de 100%). Após a intervenção, não posso afirmar que teve efeitos positivos para uma contínua evolução da flexibilidade, mas posso constatar que a modalidade ginástica, sobretudo, com a insistência e frequência no alongamento corporal e nas repetições constantes de gestos trouxe um bom alicerce de trabalho à flexibilidade.

- ✓ **Perceção Espacial:** O aluno sempre evidenciou boa capacidade de perceção do meio, objeto e alvo. Esta capacidade apenas se condicionava, devido às dificuldades presentes nas restantes.

- ✓ **Força e Resistência:** O aluno durante todo o ano letivo, incluindo a intervenção, manifestou dificuldades nesta capacidade apesar de ter aumentado 8% do seu desempenho inicial. Apresenta pouca força e resistência nos membros superiores. Evidenciou dificuldades de execução na realização de flexões, bem como, transposição da bola. (Em todas as modalidades que se exerça força nos membros superiores, na movimentação da bola). O impacto da intervenção, não trouxe grandes melhorias, sendo que, na minha opinião o seu Índice de massa corporal (IMC) condiciona em parte o desempenho do aluno. (Aluno com 1,80 de altura e 58 kg | IMC ligeiramente fora da ZSAF⁶ - 17,90.)

Capacidades associadas à modalidade (Anexo 12):

- ✓ **Basquetebol:** Nesta modalidade o aluno revelou, assim como nos primeiros dois períodos, um bom desempenho motor nos vários níveis: Coordenação, equilíbrio e velocidade. Sabe coordenar a força com a distância, apesar de apresentar défices de força como anteriormente descritos. Os gestos técnicos, passe, lançamento e drible estão perto de estarem consolidados, com base na intervenção que foi realizada.

- ✓ **Ginástica de Solo e Aparelhos:** Esta é de longe, a modalidade que o aluno mais prefere e deseja. Sempre que entreguei liberdade de escolha ao mesmo, ele preferiu ginástica. Revela um bom desempenho motor, no entanto, apresenta

⁶ ZSAF- Zona Saudável de Aptidão Física.

dificuldades na coordenação de alguns movimentos, como por exemplo: Na roda, rodada e apoio facial invertido – Existe pouca coordenação do movimento do corpo e da chegada ao solo e posterior finalização.

- ✓ **Badmínton e Ping-Pong (Ténis de Mesa):** O aluno revela um bom domínio e capacidade de percepção da sensibilidade, no manuseamento das raquetes. Estas modalidades, não foram abordadas nas aulas, apenas na intervenção, no entanto, o aluno já as conhecia e não verifiquei dificuldades de realização mas sim pouco controlo da força. É conhecedor das regras, embora tenha tendência para as ignorar em certos momentos.
- ✓ **Futebol:** Esta modalidade não foi abordada no plano de intervenção da mesma forma que as anteriores. Sendo que foi lecionada nos primeiros dois períodos e voltando a incidir sobre a mesma nos exercícios de precisão adjacentes à intervenção, pude constatar que, o aluno melhorou ligeiramente a técnica dos gestos técnicos do passe e do remate.

A Nível Psicológico

Estado Emocional relativamente a:

Lançar	Muito divertido
Correr	Estável /Normal
Saltar	Excitado
Imposição de Regras	Pensativo / Reticente em relação à dualidade Regras – Execução Proposta
Liberdade	Bastante entusiasmado
Imitação ao professor	Sorridente, embora tenha tendência a realizar o que deseja
Imitação ao aluno	Muito empolgado, e muito observador.
Feedback Corretivo	Empolgado. Muito recetivo.
Feedback Positivo	Feliz – É nestas alturas que o desejo em fazer mais, aumenta
Feedback Negativo	Pensativo. Reage de forma estável, sabe reconhecer e acalmar

Tabela 3 – Estado Emocional relativamente às várias ações motoras /atividades físicas.

O plano de intervenção construiu uma ponte entre docente e o aluno, permitindo que conhecesse um pouco mais o “eu” do aluno e as suas necessidades. A minha ligação afetiva com o aluno aumentou o dobro, apesar da mesma ter sido sempre bastante positiva. A aplicação desta intervenção, aproximou-nos aos dois. Como é evidente, ao me aproximar do aluno, consegui reparar em pormenores e aspetos distintos da personalidade e comportamentos do aluno, que não fora capaz de constatar no período normal de aulas, sobretudo, a nível emocional.

Durante todo o processo de intervenção educativa, permaneci com uma postura flexível e um olhar bastante atento. Assim que entregava / propunha tarefas ao aluno, enquanto este as realizava, eu observava as suas reações, os seus medos, as suas expressões faciais e as suas atitudes perante um cenário diversificado de ações promotoras de tomadas de decisão. Posto isto, através dessa observação pormenorizada, constatei os seguintes aspetos emocionais e comportamentais no aluno:

Aspeto Emocional e Comportamental

Isolamento

O aluno demonstrou de forma ligeira, tendência para descartar todos os seus receios e dificuldades assim que se depara com os mesmos, não os combatendo. Mesmo que o faça de forma inconsciente, distrai-se e de imediato volta aos seus desejos. Se não o apoiar / insistir em alguns casos, transmite a sensação que, talvez, nem sequer possa ter assimilado a informação, pois não é aquilo que realmente quer realizar. Em situações de stresse, chamadas de atenção ou ambientes fora da sua zona de conforto, tem tendência para se retrair e isolar-se (Este fator verificava-se mais vezes na presença da turma.).

Quando se isola, não procura nenhum colega em específico, nem nenhum espaço, mas sim outro desejo. Esta atitude nem sempre modifica o seu estado de espírito – Por exemplo: Encontra-se com os colegas a executar montes e desmontes de uma figura, em ginástica Acrobática. Se não se sentir bem / não gostar do que está a fazer, distancia-se e vai realizar saltos e “cambalhotas” para outro colchão.

Aspeto Emocional

Hiperatividade e Exitação

Quando está a realizar algo que gosta, perde a noção e perceção de esforço, levando o seu desempenho ao extremo, com constantes repetições. A meu ver apresenta um lado positivo, pois é capaz de se entregar completamente ao que está a fazer,

elevando a fasquia da probabilidade de sucesso, mas por outro, apresenta um lado negativo pois esgota a capacidade do seu organismo em pouco tempo, deixando-o no limite.

Aspeto Comportamental

Auto-Reflexão e Memória

Este é um dos aspetos que me suscitou mais interesse em observar, visto que a meu ver é um dos fatores mais importantes tanto para evolução psicológica como evolução do desempenho. **O aluno demonstrou em certos momentos, um processo de reflexão autónomo e em outros momentos, precisou da minha ajuda.**

- ✓ Quando o faz de forma autónoma, não é perfeitamente perceptível ao olho do docente, mas é notória a atitude que o aluno demonstra – Atento, fica estático e olha para o seu corpo. Após ter feito isso, olhava para mim e constatava o que tinha que fazer (Por vezes, apesar de saber o que fazer, chegava ao momento e voltava a cometer o mesmo erro – Quase como se aquela memória, tivesse sido apagada).
- ✓ Quando o faz com ajuda, é tudo mais simples e deixa o aluno mais motivado para continuar o seu processo de evolução.

Apesar desta adaptação momentânea se apresentar um tanto instável, o aluno tem uma característica especial dentro deste aspeto – **Assim que executa bem, mais do que uma vez, consolida o gesto e é capaz de se lembrar depois de um longo período de tempo sem o realizar. (Aconteça isto, em modalidades desportivas, ou mesmo, em jogos no computador)**

Aspeto Emocional e Comportamental

Alegria e Observação

A alegria do aluno é um dos fatores fundamentais para que, durante o processo ensino-aprendizagem o aluno se mantenha motivado. Com o plano de intervenção, consegui constatar de uma forma geral quais os melhores momentos para encorajar, apoiar, corrigir e elogiar o aluno.

O meu feedback / Intervenção foi sempre condicionado pelo estado de espírito do aluno. Assim, com o objetivo de me ligar ao aluno e entender o que, realmente, o deixava triste ou incomodado, decidi aplicar a imitação nas aulas.

A imitação passava por ser um elemento de ligação para a promoção de um sorriso, de bem-estar ao aluno. Através da imitação, adaptei várias variantes como:

- ✓ Imitação dos Gestos técnicos;
- ✓ Imitação dos sons vocais;
- ✓ Imitação dos movimentos corporais.

Relativamente à observação, apresentava uma particularidade em comum para com a imitação. O aluno quando prestava atenção á informação transmitida ou quando se encontrava sentado comigo à espera de começar a aula (Aluno muito pontual), evidenciava tendências para “imitar” várias das minhas atitudes, por exemplo:

- ✓ Se estava sentado de braços cruzados em silêncio, o aluno olhava para mim e adotava a mesma postura corporal, proferindo após esboçar um sorriso “É preciso silêncio, temos que esperar pela aula”, palavras que tinha transmitido em momentos antecedentes.

Ou

- ✓ Quando me encontrava em situação de jogo com o aluno, se me dirigia ao aluno com a execução do gesto de uma determinada maneira, assim que chegava a sua vez, imitava precisamente o que realizei.

Destaque: O mesmo acontecia perante questões às quais tinha dificuldade em responder, ou seja, enquanto docente promotor de aprendizagem, ia questionando o aluno na prática. O aluno respondia de forma acertada a algumas perguntas, no entanto, as que tinha dificuldade em responder, esperava que eu iniciasse a resposta (Como uma letra, por exemplo) e respondia ao longo da mesma – **Fez-me constatar, que sente receio em errar.**

O momento propício ao perfeito entendimento e promoção de felicidade ao aluno, é precisamente na altura em que imita o Docente – Foi nesta fase que constatei, que de fato, o aluno imitava não apenas por imitar, mas sim porque queria abraçar o que era correto.

5.3. Resultados com base nos Diários (DT, Prof. EE e Enc. Educação).

O plano de intervenção demonstrou ser uma mais-valia para a evolução do processo de ensino-aprendizagem e crescimento pessoal do aluno. A importância de fazer interagir as dimensões cognitiva e afetiva na aquisição de conhecimentos será pertinente na modificação de atitudes e valores, que por sua vez, potenciam qualquer desenvolvimento e aprendizagem.

Todavia, (sendo objetivo deste estudo o reconhecimento do estado de motivacional do aluno na escola e dentro das disciplinas que fazem parte do seu plano individual de trabalho) para verificar se, realmente, com aplicação da intervenção se revelaram melhorias relativamente ao estado emocional do aluno no seu dia-a-dia, dentro e fora das escola., utilizei os diários motivacionais realizados pela Encarregada de Educação, Diretora de turma e pela Professora de Educação Especial – **Com a análise dos mesmos será possível afirmar se surtiram efeitos emocionais positivos da intervenção.**

5.3.1. Professora de Ensino Especial (Anexo 13)

A professora de Ensino Especial, é a docente que mais próxima se encontra do aluno, pois já trabalha com o mesmo há muito tempo e é conhecedora das necessidades, dificuldades e tendências do aluno. Enquanto docente preocupado com o bem-estar do aluno, encontrei-me e assisti várias vezes ao contato entre a Professora e o aluno - A relação é muito próxima e muito emocional. Existe um excelente clima de aula.

Sendo assim, a professora apesar das adversidades do seu trabalho, com o contato que teve com o aluno, constatou o seguinte:

- O aluno aumentou o seu nível de autoestima e continua a melhorar a sua criatividade e imaginação nos trabalhos que elabora.

“ (...) demonstrou uma grande alegria e bem-estar consigo próprio. Continua a revelar desempenho evolutivo no que diz respeito à sua criatividade.”

- O aluno demonstra mais agitação e excitação, aparentemente devido aos seus desejos momentâneos (Realizar sons com a boca – “Beatbox” ou “Sons de instrumentos musicais”)

“O aluno chegou à sala um pouco agitado e excitado. A razão aparente deste estado de espírito, segundo o mesmo, deveu-se aos novos sons vocais que conseguia fazer (...)”

- O aluno sente-se feliz e motivado. Cada vez mais expressivo e com melhorias nas suas capacidades criativas e intelectuais. O aluno encontrava-se entusiasmado com o plano de intervenção, ou seja, com as aulas que tinha comigo.

“ (...) Cada vez mais expressivo, o aluno demonstra um progresso no que diz respeito à capacidade de expressão do que imagina no papel. Esteve particularmente contente (...) Enquanto as realizava, falava muito sobre as experiências e exercícios que fizera na aula com o Professor Tiago. Música e “Parkour” eram o assunto preferido do aluno”.

Concluindo, a professora de Ensino Especial, constatou que, apesar de se encontrar um pouco mais excitado, o aluno está a conseguir atingir melhorias nas suas capacidades. As suas capacidades de resposta às necessidades, embora um pouco déficas, estão mais fáceis de se moldar com o bem-estar do aluno. Sente-se bem com o trabalho que estava a realizar comigo.

5.3.2. Diretora de turma (Anexo 14)

A diretora de turma, é professora de Inglês, uma das disciplinas presentes no PIT do aluno. Segundo o contato diário nesta disciplina a Diretora de turma constatou que apesar de se apresentar mais motivado nas aulas, o nível de excitação aumentou, verificando posteriormente que o aluno é influenciado, por vezes, por colegas que apresentam tendências para comportamentos desviantes nas aulas. (E vice-versa – Tenta chamar a sua atenção.)

“Acompanhou, com agrado, os colegas num exercício de audição (...) No final da aula já esteve mais irrequieto, batendo com as mãos na carteira para chamar a atenção dos colegas mais irrequietos.”

Sendo música uma das aulas abordadas na plano de intervenção, bem como, uma paixão para o aluno, além de o deixar entusiasmado a diretora de turma voltou a constatar a necessidade que o aluno apresenta em se “mostrar” aos alunos mais problemáticos.

“Hoje o aluno esteve muito barulhento, insistia em bater comos lápis na parede e no seu estojo (...) ele fazia esses barulhos, olhava para trás para os colegas para se certificar que estes o estavam a “observar” e a gostar do barulho”

Concluindo, segundo a perspetiva da Diretora de turma o aluno está mais motivado, mas em contrapartida, mais agitado e excitado. De qualquer das maneiras, consegue estar concentrado assim que é repreendido ou avisado.

5.3.3. Encarregada de Educação (Anexo 15)

A E.E é o maior pilar educativo e a promotora da educação do aluno. Neste caso, é a mãe, apoiando o filho no seu percurso escolar e educativo. Com o contato que tive com a mesma, é uma mãe extremamente reflexiva e sempre presente.

Com uma “mente aberta” em relação à sociedade, faz de tudo para que o filho consiga atingir os seus objetivos e sonhos de forma independente e autónoma, suportando e ajustando a sua vida às necessidades do filho. A meu ver, é um fator essencial perante crianças com NEE, o apoio incondicional dos pais.

Segundo a E.E. o filho está cada vez mais feliz e motivado no seu dia-a-dia. Chegava muitas vezes a casa entusiasmado com as aulas realizadas e com as posteriores que se realizavam comigo, referindo alegremente os novos aspetos que aprendeu e os aspetos que melhorou nas mesmas aulas. Este contentamento, segundo a mãe, deixava o filho mais ativo em casa.

“O meu filho, veio da Escola muito feliz, sempre a falar na aula com o Prof. Tiago e com expetativas para a próxima já combinada com o professor. Esteve muito mais participativo, mesmo nas tarefas de casa.”

As aulas de Educação Física, representam para o aluno, além de ser uma das suas zonas de conforto, uma grande importância na sua vida – Condicionam a sua motivação: Feliz ao realizar / Triste ou incomodado se não as realiza.

“Hoje, não teve aula de E.F. e veio um pouco agitado (...) percebeu que, mais uma vez não levou o saco para o Desporto e deixou-o um pouco perturbado por isso, mas veio feliz.”

Através deste diário, verifiquei que o plano de intervenção que construí para o aluno teve sucesso perante o seu nível emocional. O objetivo era deixar o aluno feliz na escola e nas disciplinas, sendo que, não só o deixou feliz como também mais ativo psicológica e fisicamente.

“O meu filho como tem vindo a ser hábito, vem muito feliz (...) Hoje, chegou muito feliz com o que fez com o professor.”

“Hoje, disse-me que a aula de ginástica foi “brutal”. Muito bem.”

Com o diário da E.E, constatei também que, não são só as atividades letivas que o deixam feliz, mas também a boa relação que tem com os seus pais.

“Hoje está muito feliz pois foi o Pai que o foi buscar a escola”

Concluindo, segundo a E.E o seu filho está muito feliz e o plano de intervenção apresentou grandes melhorias no seu estado emocional.

“Muito contente, o nosso menino.”

6. Considerações Finais

A realização deste estudo revelou ser para mim e para todos os intervenientes ativos no processo de ensino do aluno, bastante gratificante. Demonstrou ser bastante produtivo, pois não só perspetiva novas formas de abordar o aluno, como também, evidencia um apoio para novas conceções do ensino a este tipo de crianças.

Não foi a primeira vez que tive em contato com crianças com N.E.E, todavia, não de uma forma tão pormenorizada e focada como esta. Proporcionou-me uma nova visão das necessidades que estes alunos apresentam, que devem ser entendidas como uma prioridade na intervenção educativa.

Desta forma, com a aplicação deste plano de Intervenção pedagógico consegui promover um bom estado emocional ao aluno, que se refletiu durante o tempo em que esteve em contato comigo (como demonstrado no gráfico1, abaixo disposto), bem como, nas suas disciplinas e meio envolvente. O aluno apresentou melhorias no seu desenvolvimento motor e psicológico, embora com um nível de agitação maior do que até ao momento tinha demonstrado – Na minha opinião, o nível de excitação no aluno, aumenta quando ele está feliz e realiza o que deseja, pois é durante esse tempo em que o aluno é genuíno.

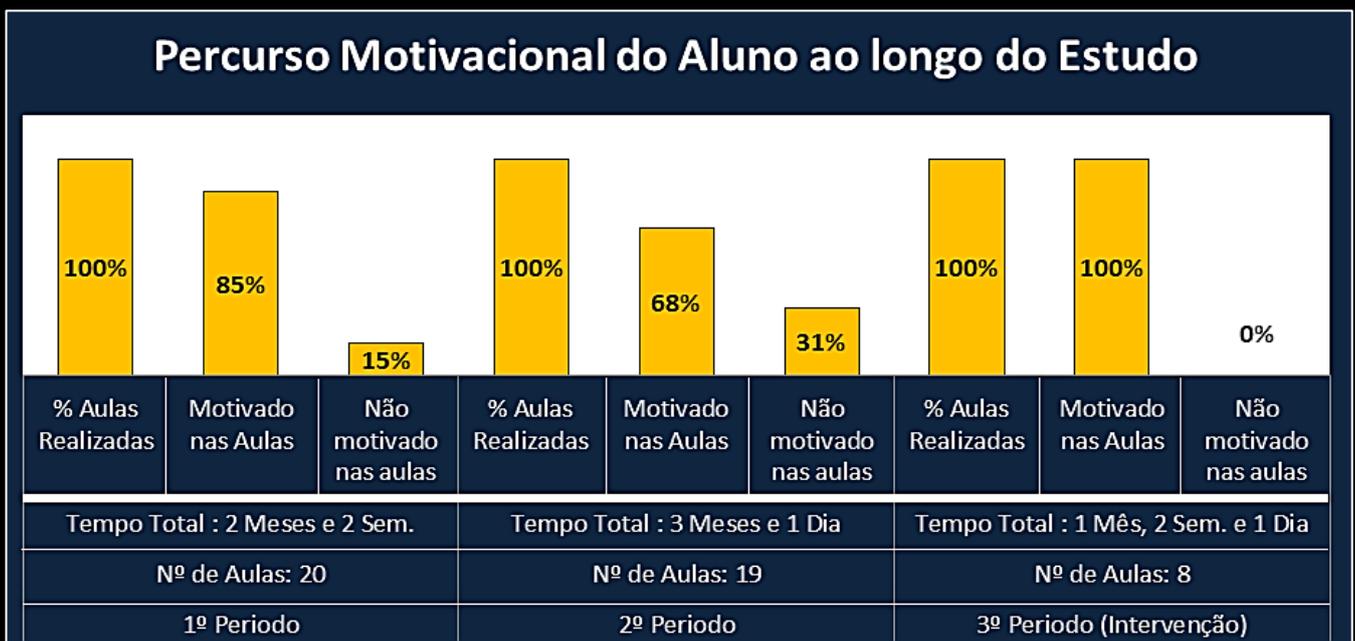


Gráfico 1 – Percurso Motivacional do Aluno ao longo do Estudo

Com todo este estudo, e de forma a responder às questões iniciais colocadas, constatei o seguinte:

O estado emocional influencia o crescimento psicológico e físico do aluno.

A motivação é um facilitador do processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Trabalhar sobre os desejos do aluno, faz com o que o mesmo, crie novas perspectivas e metas a atingir no futuro.

Se o aluno se sentir bem na escola, isso reflete-se em ambiente extraescolar (Por exemplo: Em casa)

Promoção de Auto-reflexão em crianças com N.E.E é fundamental. Sobretudo, em crianças com Síndrome de Asperger.

Estas crianças, na minha opinião, devem ter mais horas ligadas ao Desporto e Atividade Física - É um dos maiores promotores de saúde e de bem-estar físico e psicológico

➤ Momento final do Plano de Intervenção

Aluno: Professor, vou ter mesmo muitas saudades. Muitas mesmo.

Professor: Um dia volto para ver como te andas a safar, não te preocupes.

Aluno: (...) sim? e vamos poder voltar a jogar ping-pong os dois?

Professor: Tudo o que quiseres.

“Crianças com NEE (Necessidades Educativas Especiais), são os melhores seres humanos que alguma vez tive o prazer de conhecer e trabalhar. Basta olhar nos olhos de uma, para perceber que o mundo para elas, é totalmente diferente do nosso mundo. Duvido que volte a ver um sorriso tão genuíno e sentido. Pensem nisto, não as desprezem, dêem-lhes motivos para lutar neste mundo.” Tiago Reis

Termino o meu estudo com a seguinte questão:

Porque não poderá ser inserida a felicidade na Educação?

Constato com o estudo que, por si só, a felicidade / bem-estar, influencia muito o processo de ensino-aprendizagem. Se um dia me perguntassem, como construirias um novo ensino, sem dúvida que a minha perspetiva em relação ao futuro seria: **Deixar fluir os desejos dos alunos e adaptar o ensino.** Quanto melhor se sentir o aluno, melhores resultados teríamos.

CONCLUSÃO

Nem todos os finais, representam um fim – Este representa, o início. Traçado todo o meu percurso relativamente à concretização do Estágio Pedagógico, chega o momento de refletir sobre o caminho percorrido.

Constatei com esta grande experiência que, aprendemos a enquadrar o perfil funcional do Docente à nossa personalidade, à nossa maneira de ver as coisas, de refletir sobre o ensino. Não existe um modelo de Professor, mas sim, boas práticas e intervenções educativas que promovam a harmonia entre o passado e o futuro – a tradição e a inovação. Tendo como ponto de partida o conhecimento do papel do docente enquanto promotor de um processo de ensino-aprendizagem eficaz e coerente, procurei aplicar tudo o que tivera aprendido até hoje, todas as minhas práticas educativas e capacidade reflexiva, com o objetivo de ir ao encontro de uma correta aplicação do perfil funcional. Ao dedicar mais tempo à planificação das aulas e consequentemente a refletir sobre as metodologias utilizadas, conseguimos melhorar a qualidade das mesmas, e conjuntamente, o processo de ensino aprendizagem.

Cheguei a conclusão que o docente apresenta um papel flexível e preponderante na formação dos alunos. A a seu favor, encontram-se as experiências e práticas observadas, ao longo de toda a sua formação. Com tudo isto o docente deve ser capaz de refletir e aplicar uma prática educativa e pedagógica, respeitando sempre as necessidades e dificuldades dos alunos, bem como, o contexto escolar onde se encontra inserido.

Vivi o Estágio não só como um ano de término do meu percurso e formação académicas, mas também, como um ano de aprendizagem, em que cada erro cometido era um novo obstáculo a ultrapassar – Nunca considerei o erro como um problema, mas sempre como um desafio. A meu ver, só assim, se consegue formar grandes docentes, sem o erro não existe reflexão, sem se reconhecer o “mau” não se conhece o “bem”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ❖ **ALARCÃO, ISABEL.** *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 4 ed São Paulo, Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época; 103).
- ❖ **ARENDS, R. (1995).** *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- ❖ **ASSUMPÇÃO, JR. F. B. (1995).** *Conceito e Classificação das Síndrome de Aspergers Autísticas*. In J. S. Schwartzman, F. B. Jr. Assumpção (Orgs.), *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon.
- ❖ **BAUER, S. (1995).** *Asperger Syndrome – trough the lifespan*. New York, The developmental unit, Genesee Hospital Rochester.
- ❖ **BRATIFISCHE, S. (2003).** *Avaliação em Educação Física: um desafio*. Revista de Educação Física/UEM.
- ❖ **BENTO, J. O. (1998).** *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- ❖ **BENTO, J. O. (2003).** *Planeamento e avaliação em educação física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte, Coleção Cultura Física, Lisboa.
- ❖ **BLOOM, BENJAMIN S.** et al. *Handbook on formative and summative evaluation of student learning*. USA: MacGraw-Hill, 1971.
- ❖ **BOSSLE, F. (2002).** *Planejamento de ensino na Educação Física – Uma contribuição ao colectivo docente*. Movimento, 8 (1).
- ❖ **CARVALHEIRA, GUILHERMINA (1996).** *Uma reflexão sobre elementos de Planificação do processo ensino-aprendizagem*. O Professor, nº 50, III série.

- ❖ **COSTA, F. C., CARVALHO, L., ONOFRE, M., DINIZ, J. E PESTANA, C. (1996).** *Formação de professores em educação física - concepções, investigação, prática.* Lisboa: Edições FMH.
- ❖ **DECI, E. (1975).** *Intrinsic motivation.* New York: Plenum.
- ❖ **DECI, E. L.; RYAN, R. M.(1985)** *Intrinsic motivation and sel-determination in human behavior.* New York: Plenum Press,
- ❖ **DIAS. M., & NUNES., M (1998).** *Manual de Métodos de Estudo.* Lisboa. Edições Universitárias Lusófonas.
- ❖ **FERNANDO, M. (1991).** “*Planificação social e procura desportiva*”. Horizonte, vol. VIII, nº 44; 69-72.
- ❖ **FONTAINE, A. M. (1997).** *Motivation pour la réussete scolaire.* Porto: Instituto Nacional de Investigação Ciêntifica.
- ❖ **FORGRAD, Plano Nacional de Graduação: um projeto em construção.** In: FORGRAD.
- ❖ **JANUÁRIO, CARLOS (1984).** *Planeamento em Educação Física – Conceção de uma unidade didática.* Revistas Horizonte, Vol. I, nº 3.
- ❖ **MAGGIL, R. A. A (1984)** *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações.* São Paulo: Edgard Blucher.
- ❖ **MASLOW. A (1970)** *Motivation and Personality* . First edition, 1954, and second edition, 1970.
- ❖ **MATOS, Z. (2009).** *Regulamento da unidade curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de mestre em ensino da Educação Física nos ensinios básico e secundário da FADEUP.* Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- ❖ **MERCADO, LUÍS PAULO LEOPOLDO. (1999)** *Formação continuada de professores e novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL.
- ❖ **NEVES, EDUÍNO & GRAÇA, MARINA (1987)**. *Princípios Básicos da prática Pedagógico-didáctica*. Coleções Estruturas de Trabalho, Porto, Porto Editora.
- ❖ **OLIVEIRA-MARTINS, G. (1992)**. *Europa – Unidade e diversidade, educação e cidadania*. Colóquio: Educação e Sociedade, 1:41-60.
- ❖ **PÉREZ, J. M. (2001)**. *Autism Definición: Instrumentos de evaluacion y diagnóstico*. In D. Valdez (Org.), *Autismo: enfoque actuales para padres y profesionales de la salud y la education* (pp. 15-50). Buenos Aires: Fundec.
- ❖ **PERRENOUD, Philippe. (2000)**. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Chiltoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- ❖ **PIÉRON, M. (1996)**. *Formação de professores - Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.
- ❖ **PIÉRON, Maurice (1999)**. *Para una Enseñanza Eficaz de las Actividades Físico-Deportivas*. 1ª Edição, Colección La Educación Física en..Reforma, Barcelona, Edições INDE.
- ❖ **QUINA, J. (2009)**. *A organização do processo de ensino em educação física*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- ❖ **RIBEIRO, A & Ribeiro L. (1989)**. *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Universidade Aberta. Lisboa.
- ❖ **RIBEIRO, L. (1999)**. *Tipos de Avaliação. Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora. (pp. 75-92).

- ❖ **SCHMITZ, EGÍDIO. (2000)** *Fundamentos da Didática*. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos.
- ❖ **SÉRGIO, M. (1994)**. *Motricidade humana contribuições para um paradigma emergente*. Lisboa: Instituto Piaget.

- ❖ **SIEDENTOP, D. (1998)**. *Aprender a ensinar la educación física*. INDE.

- ❖ **SILVA, E. (2010)**. Slides de apoio à unidade curricular de Prática de Ensino. *Estratégias e Técnicas de Intervenção*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

- ❖ **SOUSA, Jorge (1991)**. *Pressupostos, Princípios e Elementos de um Modelo de Planeamento em Educação Física*. Dossier, Revista Horizonte, Vol VIII, nº 46.

- ❖ **STEERS, R. M.; PORTER, L. W (1991)**. *Motivation and work behavior*. New York: McGraw-Hill.

- ❖ **WELK, G. J. E MEREDITH, M.D. (Eds.). (2008)**. *Fitnessgram / Activitygram Reference Guide*. Dallas, TX: The Cooper Institut.

- ❖ **ZABALZA, Miguel A. (1994)**. *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. 2ª Edição, Coleção Perspetivas Atuais, Rio Tinto, Edições ASA.

- ❖ **ZEICHNER, KENNETH M. (1993)**. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educação.

Diplomas Legislativos

- ❖ Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro, Artigo 16.º. Medidas Educativas. Adequação do processo de ensino e de aprendizagem
- ❖ Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. Princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário.
- ❖ Despacho Normativo n.º 1/2005 de 5 de janeiro. Diário da República n.º3/05 – I Série-B. Ministério da Educação. Lisboa.
- ❖ Despacho Normativo n.º 6/2010 de 19 de fevereiro. Ministério da Educação. Lisboa.

Manuais Legislativos

- ❖ DSM-IV: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais.

Referência Bibliográfica: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fourth Edition. Washington, DC, American Psychiatric Association, 1994

-Pagina Web para consulta Online – *Versão (Inglês)* - Páginas 66 – 78 |
Pág. 66 – Autismo; Pág.75- Síndrome de Asperger.

Disponível em: <http://justines2010blog.files.wordpress.com/2011/03/dsm-i>

Anexos

Anexo 1 – Plano de Aula.

Anexo 2 – Grelha de Avaliação Diagnóstica.

Anexo 3 – Grelha de Avaliação Formativa.

Anexo 4 – Grelha de Avaliação Sumativa.

Anexo 5 – Parâmetros e Critérios de Avaliação.

Anexo 6 – Autorização do Encarregado de Educação á realização do Plano de Intervenção.

Anexo 7 – Questionário “o que te motiva na escola?”

Anexo 8 – Diário de Motivação (Prof.EE; DT; Enc.E).

Anexo 9 – Anexo 9 – Diário de Motivação (Professor).

Anexo 10 – Plano de Intervenção.

Anexo 10.1 – Plano de Intervenção (Motricidade Geral - Basquetebol).

Anexo 10.2 – Plano de Intervenção (Circuito: Ginástica de Aparelhos).

Anexo 10.3 – Plano de Intervenção (Mapas e Envelopes - Orientação).

Anexo 10.4 – Plano de Intervenção (Circuito: Ginástica de Solo).

Anexo 10.5 – Plano de Intervenção (Jogo de Raciocínio e Lógica).

Anexo 11 – Evolução da Condição física do Aluno com base na bateria de testes - Fitnessgram

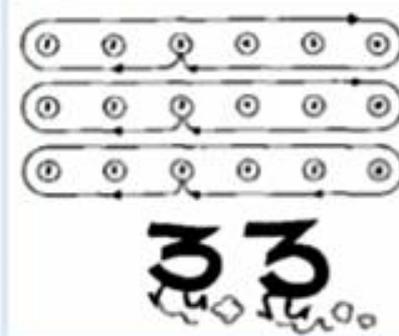
Anexo 12 – Reflexões e Conclusões do Plano de Intervenção.

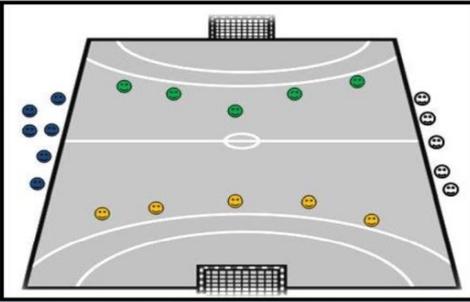
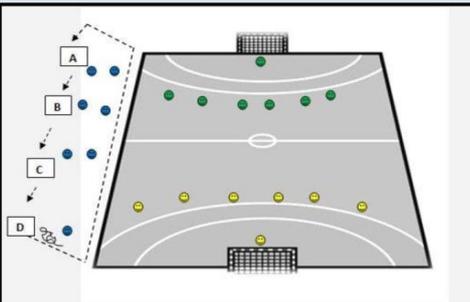
Anexo 13 – Diário Realizado pela Prof. Ensino Especial.

Anexo 14 – Diário Realizado pela Diretora de Turma.

Anexo 15 – Diário Realizado pela Encarregada de Educação.

Anexo 1 – Plano de Aula

Tempo		Tarefas / Situações de Aprendizagem	Organização/ Estratégias de Ensino / Estilos de Ensino	Objetivos Comportamentais / Critérios de Êxito
○	Parc.			
P. Inicial				
8:30	10'	<input checked="" type="checkbox"/> Contextualização e introdução da aula (descrever brevemente o que será realizado e trabalhado com vista atingir os objetivos de aula). <input checked="" type="checkbox"/> Verificação de presenças e exposição dos conteúdos da aula.	<input checked="" type="checkbox"/> Estilo por Comando <input checked="" type="checkbox"/> Alunos à frente do professor em meia-lua. 	<input checked="" type="checkbox"/> Os alunos ouvem atentamente o professor;
8:40	10'	<input checked="" type="checkbox"/> Aquecimento <input checked="" type="checkbox"/> Os alunos formam várias colunas com igual número de alunos. A cada um dos jogadores é dado um número de ordem, igual para os jogadores das outras colunas que se encontram na mesma posição. <input checked="" type="checkbox"/> As equipas estarão já formadas para o próximo exercício, sendo que, são 3 equipas de 5 e uma de 6. <input checked="" type="checkbox"/> Todos os alunos, em grupo, ouvem atentamente o professor de forma a conseguir ouvir o número que é chamado, e lhes é atribuído. <input checked="" type="checkbox"/> Ganha a equipa que no final, tiver mais pontos.	<input checked="" type="checkbox"/> Estilo por Tarefa  <input checked="" type="checkbox"/> Quando o professor chama por um número, os jogadores que lhe correspondem deverão correr rapidamente a volta do grupo, voltando a sua posição inicial. <input checked="" type="checkbox"/> A equipa marca um ponto de cada vez que um dos seus jogadores chega em primeiro lugar. <input checked="" type="checkbox"/> Variação: podem utilizar-se diferentes posições de partida: de pé, sentado, deitado, em execução de flexões, abdominais, entre outros a escolha do professor.	<input checked="" type="checkbox"/> Ativação geral do organismo para o esforço físico da aula; <input checked="" type="checkbox"/> Desenvolver a velocidade de execução e de reação. <input checked="" type="checkbox"/> Promover cooperação entre competição. <input checked="" type="checkbox"/> Normalização da respiração, preparação dos grupos musculares para o resto aula.
8:50	2'	<input checked="" type="checkbox"/> Transição para o próximo exercício		

<p>P. Fundamen.</p> <p>8:52 20'</p>	<p>Exercício 1</p> <p>Jogo reduzido 5x5 (vagas)</p> <p>Organização</p> <p>São realizadas 3 equipas de 5 elementos e 1 uma com 6 elementos. Enquanto duas equipas jogam 5x5 sem condicionantes, as restantes executam trabalho físico fora do campo.</p> <p>O aluno, em situação de jogo 5x5 (vagas), coopera com os companheiros, realizando as ações técnico-táticas:</p> <p>Defesa</p> <ul style="list-style-type: none"> -Recuperação defensiva; -Ocupação racional de espaços. <p>Ataque</p> <ul style="list-style-type: none"> -Ocupação racional de espaços; -Desmarcação; -Finalização; <p>Ações Técnicas</p> <ul style="list-style-type: none"> -Passe; -Receção; -Drible; -Remate; <p>Transição para o próximo exercício</p>	<p>Estilo por: Descoberta Guiada</p>  <p>Jogo reduzido</p> <ul style="list-style-type: none"> Existe uma equipa de 6 elementos, pois é uma turma com 21 alunos. É realizado Jogo sem restrições, sendo que, assim que uma equipa, marca ou perde a bola, de imediato sai e entra outra, neste caso concreto, para defender o ataque da equipa que recuperou a bola/sofreu. <p>Equipas previamente organizadas no final do plano de aula.</p> <p>Rotação – Entrada/Saída</p> <p>-Na rotação, a saída do campo é realizada para o lado em que próxima equipa entra, e assim, sucessivamente.</p>	<p>OS ALUNOS EXECUTAM, tendo por base a modalidade em causa, as seguintes determinantes técnico-táticas:</p> <p>Ataque</p> <ul style="list-style-type: none"> Conquista e definição das posições adequadas no ataque (explorar o espaço vazio); Ações ofensivas, tendo como principal objetivo provocar desequilíbrios na defesa; Aproveitamento das situações de eficácia; Organização da transição da defesa para o ataque; Realizam situações de finalização; <p>Defesa</p> <ul style="list-style-type: none"> Deslocamentos e colocações tendo em vista a máxima eficácia; Intencionalidade das ações defensivas; Pré-dinamismo constante dos jogadores; Equilíbrio defensivo; <p>Dinâmica coletiva</p> <ul style="list-style-type: none"> Aumenta devido a uma maior eficácia das ações de jogo; Consciencialização das funções entre jogadores; Organização ofensiva e transição do ataque conquistando e definindo posições adequadas ao desenvolvimento das ações; Ações de equilíbrio tático; Movimento na tentativa de recuperar a posse de bola;
<p>9:12 2'</p>	<p>Exercício 2</p> <p>Jogo reduzido 7x7 + Circuito de Exercícios para complemento à condição física.</p> <p>Organização</p> <p>São realizadas 3 equipas de 7 elementos. Enquanto duas equipas jogam 7x7 sem condicionantes, as restantes executam trabalho físico fora do campo. (Circuito de exercícios complementares à condição física)</p> <p>O aluno, em situação de jogo formal 7x7, coopera com os companheiros, realizando as ações técnico-táticas:</p>	<p>Estilo por: Descoberta Guiada</p>  <p>Jogo Formal</p> <ul style="list-style-type: none"> É realizado Jogo sem restrições. Cada jogo tem a duração 5 minutos. A equipa que fica de fora, encontra-se a realizar exercícios de complemento à condição física, num mini circuito ao lado do campo. Para não ocorrer situações de manutenção constante de uma equipa em jogo, começa por sair a equipa que perdeu, e posteriormente sairá sempre quem está á mais tempo. Os alunos rodam, entre si, a posição de 	<p>Os alunos devem procurar</p> <ul style="list-style-type: none"> Ocupar de forma racional o espaço de jogo, tanto, defensivamente, como ofensivamente. Procurar desmarcações e linhas de passe. Procurar interceptar a bola. Procurar finalizar sempre que possível.

9:34 42'	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Defesa -Recuperação defensiva; -Ocupação racional de espaços. <input checked="" type="checkbox"/> Ataque -Ocupação racional de espaços; -Desmarcação; -Finalização; <input checked="" type="checkbox"/> Ações Técnicas -Passe; -Recepção; -Drible; -Remate; <input checked="" type="checkbox"/> Rotação – Entrada/Saída -Na rotação, a saída do campo é realizada para o lado do circuito, e não para o oposto 	<p>Guarda-Redes, a cada golo que sofrerem.</p> <ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Cada equipa, terá um capitão. Este aluno, terá a função de orientar e se responsabilizar pela execução dos exercícios completos à condição física, enquanto esperam para jogar: <input checked="" type="checkbox"/> Legenda do Circuito A- 10 Saltos de Joelhos ao peito. B- 10 Flexões + 10 Abdominais C- Corrida Rápida até a zona seguinte. D- 10 Saltos a Corda e volta a fazer o circuito de novo. <input checked="" type="checkbox"/> Os alunos devem procurar -Ocupar de forma racional o espaço de jogo, tanto, defensivamente, como ofensivamente. - Procurar desmarcações e linhas de passe. - Procurar intercetar a bola. - Procurar finalizar sempre que possível. <input checked="" type="checkbox"/> Equipas previamente organizadas no final do plano de aula. 	
P. Final 9:34 6'	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Retorno à calma. - Arrumo do Material <input checked="" type="checkbox"/> Questionamento O que foi abordado? Que dificuldades sentiram? Como chegar ao objetivo? <input checked="" type="checkbox"/> Transmissão de informações; reflexão da aula; esclarecimento de dúvidas. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Os alunos encontram-se dentro do seu campo de visão do professor. Metade da turma arruma o material, o resto fica com o professor; <input checked="" type="checkbox"/> Os alunos encontram-se de frente para o professor dentro do seu campo de visão; <input type="checkbox"/> Estilo por Comando 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Os alunos ouvem atentamente o professor e em silêncio. Se necessário, os alunos questionam o professor, de forma ordeira e apenas quando forem solicitados.
9: 40			

<input checked="" type="checkbox"/> Reflexão Crítica:

EQUIPAS

5x5 (vagas)		Capitão
Equipa 1		
Equipa 2		
Equipa 3		
Equipa 4		

7x7 (Formal)		Capitão
Equipa 1		
Equipa 2		
Equipa 3		

Avaliação Diagnóstica - Andebol

Situação de jogo reduzido



N.º	Fases do Jogo		Gestos Técnico-táticos (1,2 ou 3)	Dinâmica Colectiva	Média	Nível
	A	D				
1	4	3	4	4	4	E
2	4	3	3	3	3	I
3	4	3	4	4	4	E
4	4	3	3	3	3	I
5	4	3	4	4	4	E
6	4	3	4	4	4	E
7	4	3	4	4	4	E
8	4	4	4	4	4	E
9	3	3	3	3	3	I
10	4	3	3	3	3	I
11	4	3	4	4	4	E
12	5	4	4	4	4	E
13	3	3	4	4	3	I
14	4	3	4	4	4	E
15	4	3	3	3	3	I
16	4	3	3	3	3	I
17	4	4	3	3	4	E
18	4	4	4	4	4	E
19	4	4	4	4	4	E
20						
21	5	4	4	4	4	E

Núcleo de Estágio - FCDEF [2013-2014]



Legenda	
A- Ataque	
D- Defesa	
DC- Dinâmica Coletiva	

1- Não executa	
2- Realiza com muita Dificuldade	
3- Realiza realiza com alguma dificuldade	
4- Realiza bem	
5- Realiza muito bem	

DC	
1 e 2	Nível 1
3 e 4	Nível 2
5	Nível 3

Nível dos alunos	
1	Não Introdutório
2 e 3	Introdutório
4	Elementar
5	Avançado

Anexo 2- (Continuação- 2º Página – Grelha de Avaliação Diagnóstica)

NÍVEL 1	
<p><u>Dinâmica Coletiva:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ausência de relações entre colegas de equipa; ✓ Monopolização do jogo por 1,2 ou 3 elementos (ações individualizadas); ✓ Utilização inadequada do drible (driblar sistematicamente em cada receção); ✓ Jogo sem estrutura elementar; ✓ Todas as ações convergidas para a bola; ✓ Elevadas percentagens de faltas técnicas; ✓ Jogo centrado na bola – aglomerações; ✓ Transição defesa ataque desadequada; ✓ Não há progressão; ✓ Inexistência do conhecimento de colocação tática defensiva/ofensiva; ✓ Não cria situações de finalização; ✓ Falta de organização nas transições ataque/defesa e defesa/ataque; ✓ Ausência na definição do objetivo do jogo (finalização); ✓ Não ocupação racional do espaço de jogo. 	<p><u>Ataque:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ausência de Domínio do gesto técnico utilizado; ✓ Não exploram o 1x0 e 2x1; ✓ Grandes dificuldades nas ações ofensivas; ✓ Poucos ou nenhuns remates (golos); ✓ O jogador de posse de bola ficando sujeito a múltiplos estímulos não consegue organizar uma resposta a nenhum deles; ✓ Precipitação no remate e incapacidade de reconhecer os momentos de finalização; ✓ Não cria situações de desmarcação, não criando rutura na linha defensiva adversária. <p><u>Defesa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Não existe intencionalidade na ação defensiva; ✓ Inexistência de enquadramento defensivo; ✓ Desequilíbrio defensivo; ✓ Pouca colaboração na ação conjunta da equipa, não cria oposição ao adversário direto.
NÍVEL 2	
<p><u>Dinâmica coletiva:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Estabelecem-se relações entre jogadores; ✓ Descongestionamento em relação à bola; ✓ Uso adequado do gesto técnico; ✓ Libertação do jogador com a bola; ✓ Ocupação racional do espaço; ✓ Exploração das linhas criadas abertas por desmarcações; ✓ Definição de uma posição entre a bola e a baliza; ✓ Oscilação sobre o sentido da bola. 	<p><u>Ataque:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ligação das duas fases da organização ofensiva – transição defesa/ataque e ataque propriamente dito; ✓ Conquista e definições das posições adequadas no ataque; ✓ Conhecimento da disposição tática; ✓ Explora com frequência o 1x0 e o 2x1; ✓ Procura de linhas de remate e o uso de desmarcações. <p><u>Defesa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Intervenções defensivas frequentes; ✓ Pré-dinamismo dos jogadores surge com mais frequência; ✓ A rutura do jogo é pouco frequente; ✓ Procura marcar um adversário.
NÍVEL 3	
<p><u>Dinâmica coletiva:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aumenta devido a uma maior eficácia das ações de jogo; ✓ Integra o compromisso da comunicação com os companheiros e a intervenção dos adversários; ✓ Consciencialização das funções entre jogadores; ✓ As ações de jogo contemplam o momento presente e o subsequente; ✓ Organização ofensiva e transição do ataque conquistando e definindo posições adequadas ao desenvolvimento das ações; ✓ Ações de equilíbrio tático; ✓ Movimento na tentativa de recuperar a posse de bola; ✓ Basculação sobre o sentido da bola; ✓ Equilíbrio defensivo. 	<p><u>Ataque:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conquista e definição das posições adequadas no ataque (explorar o espaço vazio); ✓ Ações ofensivas, tendo como principal objetivo provocar desequilíbrios na defesa; ✓ Reposições corretas das posições ofensivas (enquadramento ofensivo); ✓ Aproveitamento das situações de eficácia; ✓ Organização da transição da defesa para o ataque; ✓ Realizam situações de finalização; ✓ Finalização resultante de fintas, ou situações coletivas de rutura defensiva; ✓ Liberta-se do seu adversário direto para finalizar, ou “fixa” mais um defesa e liberta um companheiro. <p><u>Defesa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Deslocamentos e colocações tendo em vista a máxima eficácia; ✓ Intencionalidade das ações defensivas; ✓ Pré-dinamismo constante dos jogadores; ✓ Equilíbrio defensivo; ✓ Realização de marcação ao adversário direto.



Avaliação Formativa - Andebol



Turma: 9º C

N.º	1	2,3	4	5-6	7	8	9	10	Observações (juízo de valor)	Legenda
1			FI(D): +			DC: -	F		1- Melhorar as transições e deslocamento para receber a bola. Muito estática.	FI(D): Fases do jogo (Defesa); FI(A): Fases do jogo (Ataque)
2			FI(D): ++			F	SI: ++		2- Melhorou bastante. Melhorar a fase de ataque.	DR: Desloca-se para receber a bola. Plp: Procura linhas de passe.
3			FI(D): +/-			DC: +/-	SI: +		3- Melhorar na dinâmica coletiva. Demonstara individualidade.	DC: Dinâmica Coletiva; SI: Situação de jogo
4			FI(D): ++			DC: ++	SI: +		4- Melhorou bastante. Deve a transição ataque - defesa.	+ → Evolução Positiva.
5			FI(D): --			F	SI: -		5- Aluna mais estática em campo. Deve melhorar a atitude na aula.	- → Dificuldade de execução.
6			FI(D): ++			DC: ++	SI: ++		6- Demonstra dedicação e empenho. Melhorar o ataque (finalizado)	++ → Evolução bastante positiva.
7			FI(D): ++			F	SI: ++		7- Melhorar a transição ataque - defesa.	-- → Grandes dificuldades de execução.
8				DR + Plp: +/-		DC: +	SI: +		8- É bom na transição defesa - ataque. Melhorar a dinâmica coletiva (lugar mais em equipa)	+/- → Evolução com alguma dificuldade.
9				DR +/- Plp: -		DC: +	SI: +/-		9- Muito estática. Prefere sempre ir para a baliza. Deve participar mais.	
10				DR + Plp: +/-		DC: +/-	F		10- Demonstra dedicação e empenhamento do que se deve fazer.	
11				DR + Plp: ++		DC: ++	SI: +		11- Bom nas transições e recuperação, no entanto, precisa por se desorientar defensivamente.	
12				DR ++ Plp: ++		DC: ++	SI: ++		12- Executa muito bem. Melhorar a cada aula que passa.	
13				DR + Plp: -		DC: +/-	SI: +		13- Muito estática. Melhorar as transições.	
14						DC: +	SI: ++		14- Executa muito bem as transições. Melhorar defensivamente.	
15						DC: +	SI: +		15- Executa bem. Melhorar a recepção da bola, bem como, posição base.	
16						DC: ++	SI: +		15- Melhorar defensivamente.	
17						FI(A): +	SI: +		17- Ataca muito, por vezes de forma exagerada e emusianada de mais.	
18						FI(A): ++	SI: +		18- Joga com os colegas e ocupa bem a equipa. Desempenho positivo.	
19						FI(A): +/-	DC: +		19- Deve melhorar as transições. Bom defensivamente. Lento nas transições.	
20						FI(A):	DC: +		20- Muito estático. Deve melhorar as transições.	
21						FI(A):	DC: ++		21- Executa bem os gestos técnicos e é bom taticamente. Melhorou o comportamento.	

Aula	Data	Conteúdo(s)	Alunos observados	Tomada de decisão
4	17/mar	Fases de jogo - Defesa (6x0)	1 a 7	Fraço sentido de jogo coletivo. Feedback's corretivos - defesa em linha - 6x0
5-6	20/mar	Desloca-se para receber a bola- Procura linhas de passe.	8 a 15	Incentivo verbal para procurar linhas de passe. Participação do professor na aula, promovendo o mesmo.
7	26/mar	Fases de jogo - Ataque (3x3)	16 a 21	Reformula equípos, definir corredores e posições - Ataque organizado.
8	01/abr	Dinâmica coletiva	Todos	Todos tem que passar o meio campo tanto defensiva e ofensivamente. Só podem marcar, dessa forma.
9	22/abr	Situação de jogo 6x6	Todos	Melhorar nas posições e características essenciais ao jogo.

F (Falta) FM (F material) D (Dispensa) AM (atest médico)

Anexo 4 – Grelha de Avaliação Sumativa



Turma: 9ºC

Avaliação Sumativa - Tag-Rugby

Situação de jogo reduzido



25 de Março de 2014

N.º	Gestos Técnicos				Gestos Técnico-fáticos						Média	
	P	R	F	PBD	Def	Ata	Def	Ata	Def	Ata		
1												
2	4	4	4	5	5	5	4	5	4	5	4,5	
3	3	4	4	4	3	5	4	5	5	5	4,2	
4	5	4	4	4	4	5	5	5	4	5	4,5	
5	4	3	3	4	3	3	4	3	3	4	3,4	
6	5	4	5	5	4	5	4	5	5	5	4,7	
7												
8	5	4	5	5	4	5	4	5	5	5	4,7	
9	4	3	3	4	3	4	4	4	4	4	3,7	
10	4	4	3	4	3	4	3	4	3	4	3,6	
11												
12	5	5	5	4	5	5	4	5	5	5	4,8	
13	4	4	3	4	4	3	3	4	4	4	3,7	
14	5	5	5	5	4	5	4	5	4	4	4,6	
15	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	3,8	
16	4	4	4	5	5	4	5	4	5	4	4,4	
17												
18	5	4	5	5	5	4	5	5	5	5	4,8	
19												
20												
21	5	5	5	4	5	5	4	5	5	5	4,8	

Núcleo de Estágio - FCOEF (2013-2014)



	ATAQUE	AVANÇAR	DEFESA
1º PRINCÍPIO			
AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> -Correr com a bola nas mãos -Mudar de Direcção -Fimar -Firma de Passe 	<ul style="list-style-type: none"> -Saltar em defesa -Marcar o adversário directo -Reitar a fira 	
2º PRINCÍPIO		APOIAR	
AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> -Correr atrás do portador da bola (Eixo) -Colocar-se atrás do portador da bola -Comunicar com o portador da bola -Passar e receber em corrida 	<ul style="list-style-type: none"> -Manter a linha defensiva -Apoiar a acção defensiva -Colocar-se atrás da linha de fora de jogo 	
3º PRINCÍPIO	CONTINUIDADE		
AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> -Recolocar-se atrás do portador da bola -Criar situações de superioridade numérica (2x1) -Passar antes, durante e depois do TAG -Manter o sentido de jogo 	<ul style="list-style-type: none"> -Manter a linha defensiva de forma continuada -Recolocar-se atrás da linha de fora de jogo -Ganhar terreno colectivamente -Utilizar a defesa individual por canais e deslante 	

Média		
1	Não Introdutor	
2 ou 3	Introdutor	
4	Bom	
5	Muito Bom	

1 - Não Realiza	2 - Realiza com grande dificuldade	3 - Realiza com alguma dificuldade	4 - Realiza bem	5 - Realiza muito bem
-----------------	------------------------------------	------------------------------------	-----------------	-----------------------

Anexo 4 – (Continuação – 2º Página - Grelha de Avaliação Sumativa)

Critérios e Parâmetros de Avaliação- Departamento de Expressões_Gupo Disciplinar de Ed. Física

Nível Introdutório/Critérios de Avaliação

Na Posse de Bola

Avançar no terreno quando dispõe de espaço sem oposição;
Utiliza técnicas de evasão para ultrapassar o adversário mais próximo (1x1)
Passa quando não tem condições para avançar no terreno.

Quando não tem a bola mas é da equipa que a possui:

-Apoia sempre o portador da bola.

Quando é da equipa que não tem bola:

-Impede a progressão do adversário através do TAG.

Nível Elementar/Critérios de Avaliação

Na posse de bola

-Avança no terreno de forma objectiva;
-Utiliza técnicas de evasão para ultrapassar a oposição ou evitar o TAG;
-Passa correcta e oportunamente (antes ou depois de haver TAG) a um companheiro em melhor posição.

Quando não tem a bola mas é da equipa que a possui:

-Apoia o portador da bola, criando opções de passe;
-Comunica com os companheiros de equipa para organizar as acções.

Quando é da equipa que não tem bola:

-Pressiona quando a sua equipa perde a posse de bola, impedindo a progressão.

Nível Avançado/Critérios de Avaliação

Na posse de bola

-Utiliza, adequada, oportuna e eficazmente, técnicas de evasão variando a sua forma de jogar, de modo a iludir o adversário;
-Passa correcta e oportunamente (antes, durante ou depois de haver TAG) a um companheiro em melhor posição.

Quando não tem a bola mas é da equipa que a possui:

-Apoia interior ou exteriormente, de acordo com o posicionamento da defesa;
-Cria situações de superioridade numérica de modo a dar continuidade ao jogo;
-Comunica com os companheiros de equipa para organizar/reorganizar, em movimento, a acção colectiva e criar incerteza na oposição.

Quando é da equipa que não tem bola:

-Pressiona quando a sua equipa perde a posse de bola, impedindo a progressão do adversário através do TAG;
-Varia adequadamente o tipo de defesa (individual, por canais ou deslizante), dificultando a adaptação do opositor à defesa.

Anexo 5 – Critérios de Avaliação

Domínio: Saber Fazer	Execução de habilidades e gestos técnicos em situação de exercício / situação de jogo	40%
Domínio: Saber Ser	Assiduidade/ pontualidade	8%
	Perseverança	8%
	Autonomia	8%
	Sociabilidade	8%
	Responsabilidade	8%
Domínio: Saber	Teste escrito no final da UD	20%

Alunos que ao longo da UD realizem menos de 75% das aulas práticas dadas pelo professor	Domínio: Saber fazer	20%
	Domínio: Saber ser	60%
	Domínio: Saber	20%

Alunos com atestado médico	Domínio: Saber ser	40%
	Domínio: Saber	60%

Classificação dos testes escritos e trabalhos

Teste ("Saber")		
%	Nível	Qualitativo
0-19	1	Muito Insuficiente
20-49	2	Insuficiente
50-69	3	Suficiente
70-89	4	Bom
90-100	5	Muito Bom

Anexo 6 – Autorização do Encarregado de Educação á realização do Plano de Intervenção.

 Ministério da Educação e Ciência
Agrupamento de Escolas de Anadia
Código - 160910
Avenida 25 de Abril - 3780-205 Anadia

 PORTUGAL

AUTORIZAÇÃO

Estudo Caso

Eu, abaixo assinado, Encarregado de Educação do/a aluno/a _____, declaro que autorizo que o meu educando seja interveniente principal e observado pelo Professor Tiago Reis, no estudo "*A realidade motivacional de um aluno com NEE nas aulas de Educação Física e na Escola*". Declaro também saber que os resultados dessa avaliação / Observação são confidenciais e que me serão fornecidas, informações dos mesmos.

20 de Abril de 2014

O(A) Encarregado(a) de Educação,

Anexo 7 – Questionário “o que te motiva na escola?”

Ano letivo | 2013/2014



QUESTIONÁRIO

Tema: O que te motiva na escola?

Este questionário pretende perceber quais são as disciplinas, áreas específicas e outras modalidades que aumentam ou reduzem a tua motivação e proporcionam satisfação e bem-estar na escola. Nas perguntas que coloco, responde, de forma sincera e verdadeira, com base nas tuas preferências.

Com uma cruz, seleciona as disciplinas e áreas específicas que mais gostas:

Disciplinas	
Educação Especial	<input type="checkbox"/>
Educação Física	<input type="checkbox"/>
Educação Visual	<input type="checkbox"/>
Inglês	<input type="checkbox"/>
Cidadania	<input type="checkbox"/>
Educação Visual (Expressão dramática)	<input type="checkbox"/>
Educação Visual (Escultura)	<input type="checkbox"/>
Eletrotecnia (Oficina Eletricidade)	<input type="checkbox"/>
Oficina "CriArte" (Expressões Artísticas)	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela colaboração "*Temos sempre espaço e tempo para sermos melhores*"

Anexo 7 – (Continuação) Questionário “o que te motiva na escola?”

Ano letivo | 2013/2014



Em baixo encontram-se as modalidades que foram abordadas nas aulas de Educação Física, bem como, as modalidades que já fizeste na tua escola.

Com uma cruz, seleciona as modalidades que mais gostas:

Modalidades		
Futebol		
Tag-Rugby		
Ginástica de Solo		
Ginástica de Aparelhos		
Andebol		
Basquetebol		
Voleibol		
Natação		

Obrigado pela colaboração *“Temos sempre espaço e tempo para sermos melhores”*

Anexo 7 – (Continuação) Questionário “o que te motiva na escola?”

Ano letivo | 2013/2014



Com base no desportos que mais gostas, que novas modalidades gostarias de praticar em Educação Física? Porquê?

Gostas da tua Turma? _____

Porquê? _____

Dentro das seguintes atividades, seleciona apenas as que mais gostas de fazer:

Eu gosto de...	
Correr	<input type="checkbox"/>
Saltar	<input type="checkbox"/>
Chutar	<input type="checkbox"/>
Lançar	<input type="checkbox"/>
Dar cambalhotas	<input type="checkbox"/>
Fazer flexões	<input type="checkbox"/>
Fazer abdominais	<input type="checkbox"/>
Saltar a corda	<input type="checkbox"/>
Subir e descer escadas	<input type="checkbox"/>
Ler	<input type="checkbox"/>
Desenhar	<input type="checkbox"/>
Ouvir Música	<input type="checkbox"/>
Cantar	<input type="checkbox"/>
Jogar jogos (Consola ou Computador)	<input type="checkbox"/>
Ajudar os meus pais	<input type="checkbox"/>
Estar com a família	<input type="checkbox"/>
Estar com os amigos	<input type="checkbox"/>
Estar sozinho	<input type="checkbox"/>
Ver filmes	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela tua participação 😊 😊 😊!

Obrigado pela colaboração *“Temos sempre espaço e tempo para sermos melhores”*

Anexo 8 – Diário de Motivação (Prof.EE; DT; Enc.E)



Ministério da Educação e Ciência
Agrupamento de Escolas de Anadia
Código - 160910



Avenida 25 de Abril - 3780-205 Anadia

ESTUDO CASO Diário Motivacional do Aluno

Como sabemos, nem todos os dias conseguimos ter a mesma energia ou a mesma disposição, sendo que, este fator irá condicionar ou criar um leque de variações à nossa motivação diária. O presente documento, apresenta um carácter livre, flexível e funcional.

Objetivo: Realizar um diário com base na motivação do aluno, no seu dia-a-dia. Assim que acorda para ir para a escola, bem como, quando chega da escola. Este diário, não necessita pormenorizadamente todos os detalhes do estado emocional do aluno, apenas, de uma forma geral e sucinta, como se sente, que aspetos acha que serão importantes redigir – **por exemplo** – *O aluno, no dia “x”, com base na interação que teve com o mesmo, deu a entender que estava contente / feliz/ empolgado/ Excitado/ Zangado / Revoltado/ Triste entre outros, porque (...). O aluno não está interessado sobre (...) ou gostava mais de (...) ou mesmo, não parava de falar de (...).*

De uma forma geral um resumo das emoções diárias do aluno.

Nome: _____ Enc. Educação / Professor: _____

Dia: _____

Diário: _____

Dia: _____

Diário: _____

NOTA: Este Diário continua com mais 4 a 5 páginas descrevendo o que acima se verifica: Dia e Diário

Anexo 9 – Diário de Motivação (Professor)

DIÁRIO - Motivação do Aluno com NEE, nas aulas de Educação Física.				
Modalidade - Futebol				
Dia	Hora	ME	M	Reflexão da Aula
1.10.13	15:30 - 16:15	TI	☒	O aluno isolou-se. Não esteve ativo coletivamente, preferiu ficar sozinho com uma bola.
3.10.13	08:30 - 9:40	IC	☑	Apresentou uma postura diferente, divertiu-se. O aluno parece escolher um colega com quem sente mais confiança. Participa com o mesmo e com o grupo.
8.10.13	15:30 - 16:15	IC	☑	O aluno estava muito alegre, e verifiquei contentamento naquilo que estava a fazer. Mais uma vez, escolheu um colega, pedindo para fazer parte da equipa do mesmo.
10.10.13	08:30 - 9:40	IC	☑	Com base na aula anterior, organizei as equipas, colocando-o com o colega que ele se sente mais a vontade. Estava entusiasmado.
17.10.13	08:30 - 9:40	IC	☒	Não teve mais tendências para se isolar com esta modalidade, no entanto, senti um certo "cansaço" em continuar a praticar com esta modalidade. Não parava de falar da Acção de formação de Surf.
Modalidade - Ginástica de Solo				
22.10.13	15:30 - 16:15	TI	☑	O aluno não interage com o grupo, mas sente-se completamente excitado e feliz no que está a fazer, de uma forma geral. Parece adorar a modalidade. Nem sempre realiza o estipulado, mas está sempre com constante empenhamento motor, mesmo quando lhe peço para acalmar, ele continua a realizar rolamentos, e outros gestos técnicos, com uma intensidade incrível. (Continua a falar de Surf. O aluno adorou a modalidade).
24.10.13	08:30 - 9:40	TI	☑	
29.10.13	15:30 - 16:15	TI	☑	
31.10.13	08:30 - 9:40	TI	☑	
7.11.13	08:30 - 9:40	TI	☑	
Modalidade - Salto em Altura				
12.11.13	15:30 - 16:15	IC	☑	O aluno foi apoiado pela turma, sentindo-se motivado e feliz. Confessa "gostar muito de saltar".
14.11.13	08:30 - 9:40	IC	☑	O aluno adora saltar, sendo que, por momentos se excede nos saltos, saltando ao mesmo tempo que os colegas. Parece perder a noção do que o rodeia por momentos.
Modalidade - Basquetebol				
19.11.13	15:30 - 16:15	IC	☑	O aluno em situação de jogos reduzidos, parece ficar excitado em jogar, e desta vez, não escolhe nenhum colega em especial.
21.11.13	08:30 - 9:40	IC	☒	O aluno hoje não esteve de todo alegre, muito menos motivado, no entanto, participou e interagiu com os colegas.
26.11.13	15:30 - 16:15	IC	☑	O aluno estava particularmente feliz, e com vontade de praticar. Por momentos, perde a noção das condições de jogo e toca a bola com o pé. Por vezes, faz-me pensar que, talvez, seja um desejo intrínseco do aluno, uma necessidade de executar movimentos explosivos de contacto com a bola, ou que lhe proporcione um grau mais elevado de adrenalina. Ao que parece, tudo aquele momento, é excitante para o mesmo.
28.11.13	08:30 - 9:40	IC	☑	O aluno pediu para estar fazer parte da equipa de um colega, e manteve-se ativo e em constante prática durante a aula toda.
3.12.13	15:30 - 16:15	TI	☑	Nestas últimas aulas reparei que, embora motivado e excitado com a modalidade, o aluno preferiu isolar-se com uma bola, e marcar pontos, descolando-se de campo em campo. Sempre que era proposto jogo, em que o mesmo fazia parte de uma equipa, interagia com os colegas, até se distrair e andar de novo, de campo em campo. (Enquanto o fazia, sorria e estava feliz. Não perturbava a aula, nem a sua fluidez.)
5.12.13	08:30 - 9:40	TI	☑	
10.12.13	15:30 - 16:15	TI	☑	
12.12.13	08:30 - 9:40	TI	☑	

Legenda	
ME - Meio Envolve	
Interação com os Colegas	IC
Tendência para se Isolar	TI
M- Motivação	
O Aluno esteve motivado	☑
O Aluno não esteve motivado	☒

1º PERÍODO

Anexo 9 – (Continuação) Diário de Motivação (Professor)

Modalidade - Voleibol				
Dia	Hora	ME	M	Reflexão da Aula
7.1.14	15:30 - 16:15	IC	☒	Numa primeira fase da aula senti o aluno um pouco desorientado, no entanto, os colegas tiveram a iniciativa de colocar no lugar certo, sem que eu tivesse que intervir. Não pareceu motivado de todo.
9.1.14	08:30 - 9:40	IC	☒	Embora um pouco mais orientado, o aluno não apresentou grande animo em realizar a aula.
14.1.14	15:30 - 16:15	IC	☑	O aluno estava mais alegre. Voltou a escolher um colega para realizar a aula com ele.
16.1.14	08:30 - 9:40	TI	☑	Estas quatro aulas restantes, o aluno apresentou-se de uma forma geral motivado. Este sempre divertido e com um empenhamento motor bom e dinamico, no entanto, preferiu isolar-se com uma bola e jogar contra a parede. Por vezes, queria juntar-se ao grupo, sendo que, esta fase passava e voltava a isolar-se. O tempo de transição de interação para isolamento rondava, sensivelmente, os 10 minutos.
21.1.14	15:30 - 16:15	TI	☑	
23.1.14	08:30 - 9:40	TI	☑	
30.1.14	08:30 - 9:40	TI	☑	
Modalidade - Tag-Rugby				
4.2.14	15:30 - 16:15	IC	☑	Na ultima aula de Voleibol, foi-lhes transmitido que modalidade que iriamos trabalhar em aulas posteriores. Assim que os notifiquei, o aluno em causa, ficou extremamente radiante. Depois de me ter deparado com aquele fato, perguntei-lhe se gostava de Tag-Rugby ao qual o mesmo, respondeu: "Sim professor, é para correr-mos com a bola na mão até a linha final".
6.2.14	08:30 - 9:40	TI	☑	O aluno esteve completamente eufórico e alegre, no entanto, mais tarde percebi que, toda aquela motivação se devia à adrenalina que o jogo trás consigo, da forma da bola, e as direcções que ela toma, assim que entra em contato com o solo. O aluno praticou em equipa durante a primeira parte da aula, sendo que, na segunda isolou-se. O fato de o ter feito não o deixou pouco motivado, muito pelo contrário, sozinho e feliz, correu atrás da bola sempre que a chutava, sem olhar para o tempo ou espaço.
13.2.14	08:30 - 9:40	IC	☒	Nesta aula o aluno pareceu bastante em baixo, sem motivação, no entanto, com a minha insistência (de uma forma calma) participou com os colegas.
Modalidade Ginástica de Aparelhos				
18.2.14	15:30 - 16:15	TI	☑	De todas as modalidades abordadas, esta foi sem dúvida, a modalidade que o aluno mais gostou. Em todas as aulas, o aluno manifestou um grau de excitação fora do normal. Não parava um segundo, realizava a maior parte dos elementos e dos saltos de forma satisfatória, no entanto, de forma isolada. Por momentos, era como se esquecesse que estava ali com a turma e com o professor. Foi gratificante ver o aluno com tal felicidade, no entanto, foi constrangedor para os colegas, pois o aluno perdia a noção do espaço, e interrompia o processo de aprendizagem dos outros alunos, em alguns casos.
20.2.14	08:30 - 9:40	TI	☑	
25.2.14	15:30 - 16:15	TI	☑	
27.2.14	08:30 - 9:40	TI	☑	
Modalidade- Andebol				
11.3.14	15:30 - 16:15	TI	☒	O aluno manifestou interesse com o contacto com a bola, mas não com a modalidade. Motivado com o fato de rematar a bola, mas isolou-se de novo.
17.3.14	15:30 - 16:15	TI	☒	O aluno, não parece motivado com esta modalidade, nem parece adaptar-se ou querer adaptar-se ao jogo da mesma.
20.3.14	08:30 - 9:40	IC	☑	O aluno, este mais interativo com o grupo e com o professor. Interagir com o professor fez com que estivesse mais motivado.
26.3.15	08:30 - 9:41	TI	☒	O aluno, esteve muito isolado na aula. Mesmo quando intervinha com o mesmo, manifestava um interesse precário.
01.4.16	15:30 - 16:15	IC	☑	O aluno, chegou a aula, entusiasmado. Mesmo sendo desconhecido o motivo, demonstrou motivação e dedicação.

2º PERÍODO

Anexo 10 – Plano de Intervenção

Plano de Intervenção					
Dias Úteis para Trabalho Específico					
Atividades	Quarta-Feira 23/abr	Quarta-Feira 30/abr	Quarta-Feira 07/mai	Quarta-Feira 14/mai	Quinta-Feira 15/mai
	MÚSICA	MOTRICIDADE GERAL (Basquetebol)	GINÁSTICA SOLO e APARELHOS	ORIENTAÇÃO	GINÁSTICA ACROBÁTICA E SOLO
Descrição	<p>Criar uma lista de cantores preferidos, assim como, músicas preferidas.</p>	<p>1ºs 45 min: Coordenação Bilateral Equilíbrio Corrida de Velocidade e Agilidade Coordenação dos Membros Superiores. <u>(Exercícios anexados ao Plano de Intervenção)</u></p> <p>2ºs 45 min: Jogo 1vs1 com passividade do Professor. Lançamentos e Trabalho Perceptivo e capacidade de resposta (Imitação- O aluno imita o professor e vice-versa)</p>	<p>1ºs 45' min: Aquecimento Articular - Sequência Gimnica de Ginástica de Solo. 2ºs 45' min: Mini Circuito de Ginástica de Aparelhos <u>(Circuito Anexado ao Plano de Intervenção)</u></p>	<p>Foi criado através do mapa da escola, um percurso com 10 pontos a percorrer. Cada ponto contém um envelope com uma questão, sendo tema, desporto. Dentro do mesmo, encontra-se uma letra. Assim que encontra o envelope, o aluno guarda as letras e responde às questões na altura. No final forma a frase mistério com as letras, e posterior correção das suas respostas. <u>(Mapa Anexado ao Plano de Intervenção)</u></p>	<p>1ºs 45' min: executa a aula com os colegas. 2ºs 45' min: executa um mini circuito de ginástica de solo, planificada e organizada pelo professor. <u>(Circuito Anexado ao Plano de Intervenção)</u></p>
Objetivo	<p>Entrega de liberdade de expressão e escolha ao aluno.</p>	<p>Trabalhar e melhorar os padrões motores do aluno. Facultar meio propicio a tomadas de decisões e respostas comportamentais.</p>	<p>Promover o conhecimento e percepção dos gestos técnicos. Liberdade para criação de uma sequência Gimnica (Limitada - De forma a promover a capacidade de memória do aluno)</p>	<p>Promover a Orientação Espacial, a realização de multi-tarefas com vários objetivos, tomadas de decisão e autonomia ao aluno. Permitir que o mesmo estabeleça um contacto mais consistente com o meio envolvente.</p>	<p>Promover a interação e o gosto, já existente, pela modalidade.</p>
Motivo	<p>O aluno gosta de música. Adora a ideia de ser DJ.</p>	<p>O aluno gosta de Basquetebol.</p>	<p>Adora Ginástica. Gosta de "Dar cambalhotas".</p>	<p>O aluno gosta de correr, jogar jogos, saltar, subir e descer escadas.</p>	<p>Adora Ginástica. Gosta de "Dar cambalhotas".</p>
Interação	<p>Professor - Aluno</p>	<p>Professor- Aluno</p>	<p>Professor - Aluno</p>	<p>Professor - Aluno</p>	<p>Professor - Aluno Aluno - Turma</p>

Anexo 10 - Plano de Intervenção (Continuação)

Plano de Intervenção		
Dias Úteis para Trabalho Específico		
Quarta-Feira 21/mai	Quarta-Feira 28/mai	Quarta-Feira 04/jun
BADMINTON / PING-PONG	JOGO DE RACIOCINIO E LÓGICA / EXERCICIOS DE PRECISÃO	JOGO DE RACIOCINIO E LOGICA (Continuação) / PING-PONG (Pedido do aluno)
<p>Motricidade Fina e Grossa: Trabalho de Coordenação motora: Raquete - Pulso; Noção espacial dos diferentes espaços.</p> <p>1ºs 45' min: Jogo de Badminton sem condicionantes, e posteriormente com condicionantes: "Zona fogo" e "zona saudavel" - Só podiamos jogar na zona saudavel. 2ºs 45' min: Jogo de Ping-Pong - Livre; Jogo de Ping-Pong com as mesmas condicionantes que Badminton.</p>	<p>1ºs 45 min: Jogo de raciocinio e lógica (Cut the Rope). O jogo consiste em encontrar uma forma de entregar o "rebuçado" ao "Sapo", tendo pelo meio, diversos obstáculos.</p> <p>2ºs 45 min: <u>Numa fase inicial</u>, jogo de precisão, com lançamentos de várias bolas (de basquetebol, futebol, esponja, andebol entre outras) de forma a colocar os objetos abaixo (Cones grandes / Cones pequenos: Diferenciação de pontos) e <u>numa fase final</u>, 1vs1 com o mesmo objetivo com passividade do Professor.</p>	<p>1ºs 45 min: Continuação do Jogo de raciocinio e lógica (Cut the Rope).</p> <p>2ºs 45 min: <u>Numa fase inicial</u>, jogo condicionado (Sem deixar cair a bola, passar um para o outro, cada um na ponta da mesa; Sem deixar cair bola no chão - Passes na zona de jogo.)</p> <p><u>Numa fase final</u>, jogo livre.</p>
<p>Promover a coordenação motora do aluno Relação - Raquete-Pulso / Noção Espacial nas diferentes modalidades e noção do tamanho-peso das diferentes raquetes.</p>	<p>Promover o raciocinio lógico e mental do aluno, bem como, a sua capacidade em executar mais do que uma tarefa, com objetivos distintos. Promover a precisão motora e perceptiva do aluno.</p>	<p>Promover e verificar a evolução do raciocinio lógico e mental do aluno, bem como, a sua capacidade em executar mais do que uma tarefa, com objetivos distintos. Promover o desenvolvimento da motricidade fina e grossa.</p>
<p>Gosta de fazer "truques" com a bola e a raquete.</p>	<p>Gosta de Jogar jogos. Adora o contato com as bolas, assim como, o seu manuseamento.</p>	<p>Gosta de Jogar jogos. Adora Ping-Pong: Pedido do aluno, pois tem uma mesa em casa.</p>
<p>Professor- Aluno</p>	<p>Professor- Aluno</p>	<p>Professor- Aluno</p>

Anexo 10.1 - Anexos do Plano de Intervenção (Motricidade Geral - Basquetebol)

Professor: Tiago Reis



30 De Maio de 2014 | Quarta-feira

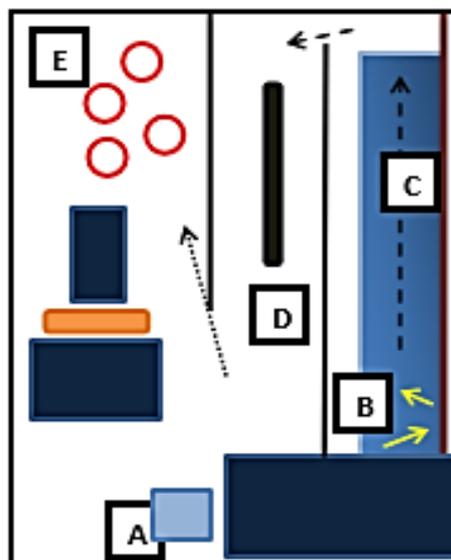
Motricidade Geral (Basquetebol) – Primeiros 45 minutos.

Motricidade Geral (Basquetebol)	
Coordenação Bilateral	Saltar no mesmo sítio- Ambos os lados sincronizados, um membro inferior de cada vez e por fim em simultâneo. (Duas bolas de Andebol, uma em cada mão. Com a palma da mão estendida)
Equilíbrio	Andar / Correr sobre as linhas do campo, com a bola na mão. Posteriormente, executa em drible (Alternando as mãos, no drible).
Corrida de Velocidade e Agilidade	Ao longo de um percurso delimitado por cones, o aluno sem bola percorre o mesmo, em velocidade. Depois de finalizar o percurso, recebe a bola em passe realizado pelo Professor e executa o lançamento. (Este percurso é feito sem bola, numa fase inicial e numa fase final, com bola.)
Coordenação dos Membros Superiores	Numa fase inicial, Largar e apanhar a bola / Lançar na vertical a bola e apanha-la. Receção: Com as duas mãos. O lançamento pode ser feito pelo aluno, bem como, pelo professor. Numa fase final, após o lançamento, executa qualquer tipo de gestos motores ao seu critério ou do professor. (Por exemplo: Lança, bate palmas e apanha a bola)

Anexo 10.2- Anexos do Plano de Intervenção (Circuito- Ginástica de Aparelhos)

Professor: Tiago Reis

CIRCUITO GINÁSTICA DE APARELHOS



Descrição

-**Ordem do Circuito:** A-B-C-D-E e assim, sucessivamente.

- Realizei este circuito com base nos desejos e gostos do aluno. Com base no referido, o circuito apresenta um carácter flexível, relativamente ao que o aluno deseja intrinsecamente ou mesmo no momento de execução.

A – Salto no minitrampolim. Numa fase inicial, executa os elementos abordados na aula, numa segunda fase usa a imaginação e cria os seus próprios saltos.

B- Sobe e desce os espaldares.

C- Corrida rápida até ao final do colchão. No final executa 5 flexões e 5 abdominais e segue para a próxima estação.

D- De forma equilibrado o aluno percorre a trave até ao seu término. Numa fase inicial, só deslocamento. Numa segunda fase, elementos de equilíbrio (Avião).

E- Após ultrapassar todos os arcos com saltos (A um pé e a dois), o aluno em corrida rápida executa a chamada ao router, com posterior salto no plinto (Longitudinal: Sente-se à vontade com o plinto nesta posição.)

Notas

-O circuito, pode ser adaptado no momento, consoante a dificuldades, desejos ou necessidades do aluno. Na realização do circuito, estarei sempre presente de forma a ajudar o aluno, bem como, promover um ambiente mais seguro para o mesmo.

Além de actividade motora, trabalharei a concentração com o aluno. Este terá que se manter concentrado para que, no final, me diga o que acha que melhorou e o que fez para o atingir.

Anexo 10.3- Anexos do Plano de Intervenção (Mapa e Envelopes – Orientação)



Anexo 10.3 (Continuação) - Anexos do Plano de Intervenção (Mapa e Envelopes – Orientação)

ENVELOPES- ORIENTAÇÃO

Envelope 1 | Letra I - Como se chama a modalidade colectiva em que o objectivo principal é : Ultrapassar com a bola nas mãos, a linha final do adversário?

Envelope 2 | Letra F - Completa a frase. G_N__TI_A D_ S_L_.

Envelope 3 | Letra E - Surf é uma modalidade Aquática ou Terrestre?

Envelope 4 | Letra X – Como se chama a modalidade em que devemos transpor a bola para o outro lado da rede?

Envelope 7 | Letra L - Liga as frases: Natação, Voleibol, Golf e Badminton.- Água, Bola, Taco e Volante.

Envelope 6 | Letra I – Em Basquetebol, por quantos jogadores é formada uma equipa? 435ou6.

Envelope 8 | Letra P - Indica um Desporto que se pratique sem bola.

Envelope 10 | Letra F – Salto em Altura é uma vertente de que modalidade?

Envelope 5 | Letra I – Legendas a Figura (Campo de Futebol; Basquetebol e Andebol)

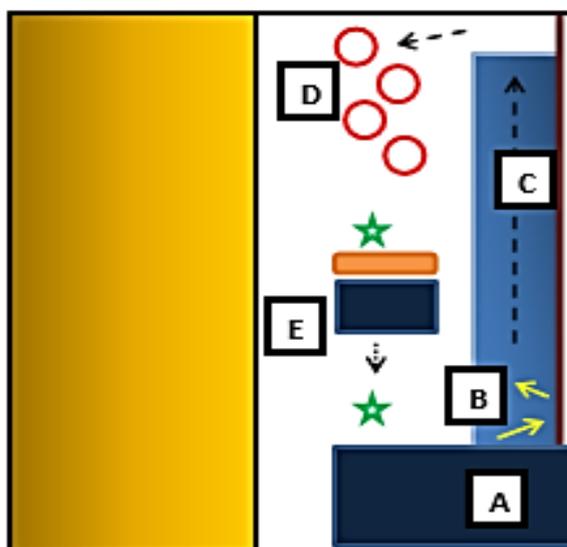
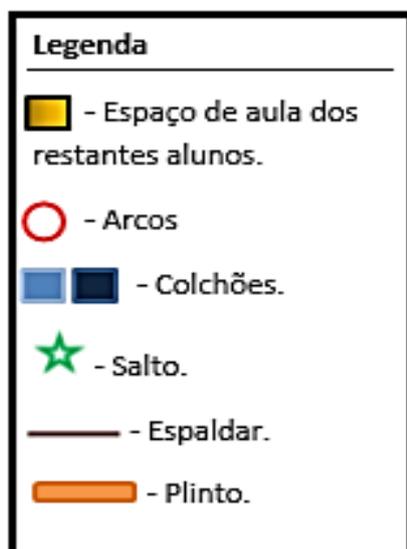
Envelope 9 | Letra E – Que gestos técnicos conheces em Ginástica de Solo?

Frase : (Nome do aluno) Fixe

Anexo 10.4 - Anexos do Plano de Intervenção (Circuito- Ginástica de Solo)

Professor: Tiago Reis

CIRCUITO GINÁSTICA DE SOLO



Descrição

-**Ordem do Circuito:** A-B-C-D-E e assim, sucessivamente.

- Realizei este circuito com base nos desejos e gostos do aluno. Com base no referido, o circuito apresenta um carácter flexível, relativamente ao que o aluno deseja intrinsecamente ou mesmo no momento de execução.

A – Desce dos colchões. Estes, encontram-se uns em cima dos outros para dar altura, de forma a promover a adrenalina de que o aluno tanto gosta.

B- Sobe e desce os espaldares.

C- Rolamentos (Frente e para trás), roda, rodada ou o que o aluno decidir executar na altura.

D- Com os pés juntos, saltar de arco em arco.

E- Apenas subir e descer o plinto. O aluno pode saltar se assim o desejar. Após o salto, executa o salto para os colchões e volta a realizar o circuito.

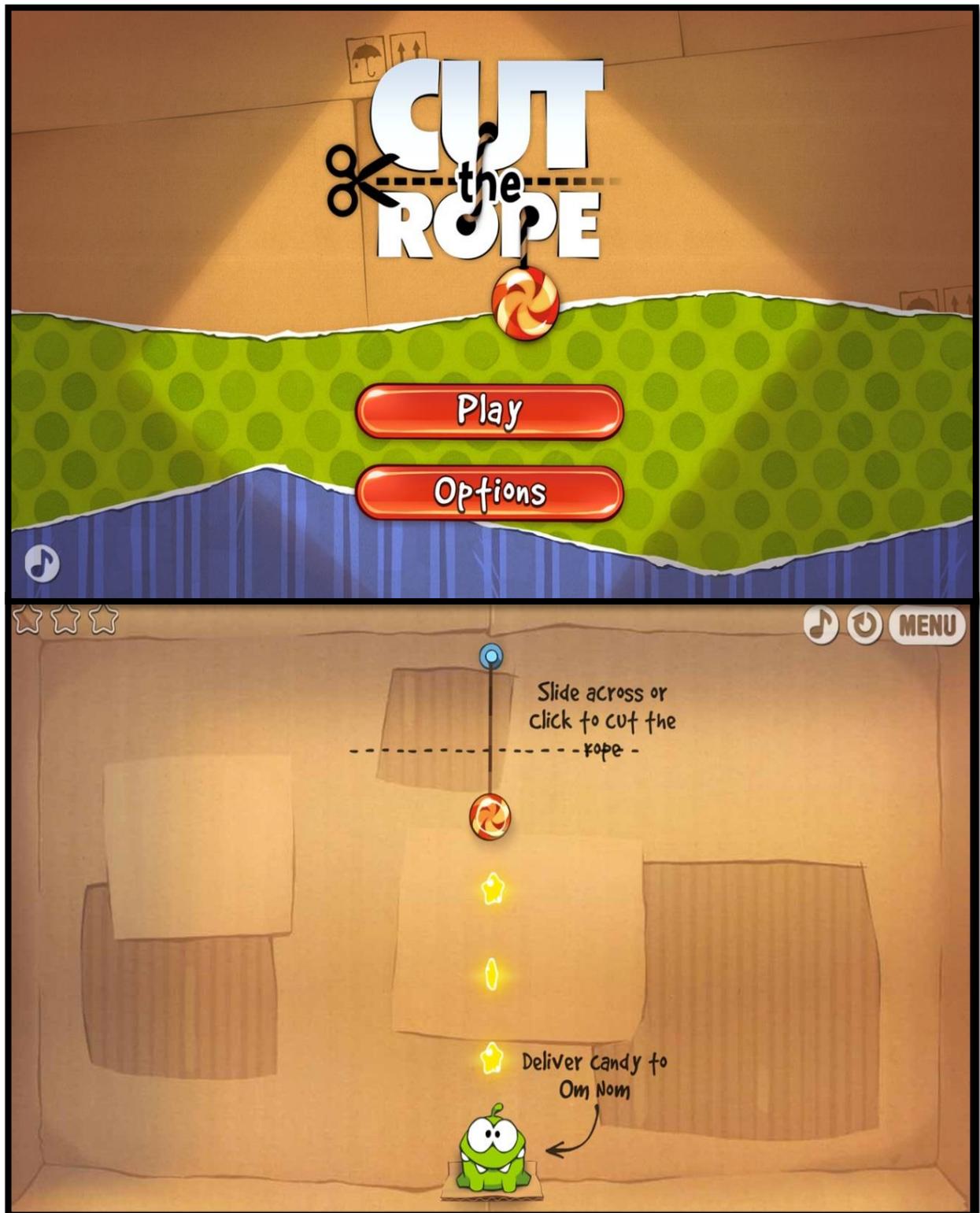
Notas

-O circuito, pode ser adaptado no momento, consoante a dificuldades, desejos ou necessidades do aluno.

- Na realização do circuito, estarei sempre presente de forma a ajudar o aluno, bem como, promover um ambiente mais seguro para o mesmo.

Além de actividade motora, trabalharei a concentração com o aluno. Este terá que se manter concentrado para que, no final, me diga quantas voltas deu ao circuito ou quantos saltos deu.

Anexo 10.5 - Anexos do Plano de Intervenção (Jogo de Raciocínio e Lógica)



Anexo 11 – Evolução da Condição física do Aluno com base na bateria de testes - Fitnessgram

Evolução da Capacidade e Condição Física do Aluno (Bateria de Testes - Fitnessgram)

					Resistência	Força				Flexibilidade				Velocidade
Fitnessgram	idade	altura	peso	IMC	Vai-vem	Abd	MS	MI (imp horiz)	Seat/reach (cm)	Ext Tronco (cm)	Ombro dir	Ombro esq	40 m	IMC = Altura x Altura
1ª Fase	16	1,80	56	17,28	24	14	15	2,25	1	15	Sim	Sim	7,50	3,24
Evolução	—	—	↑	↑ 4%	↑ 8%	↑ 14%	0%	0%	↑ 100%	↑ 33%	—	↓	—	
Fitnessgram	idade	altura	peso	IMC	Vai-vem	Abd	MS	MI (imp horiz)	Seat/reach (cm)	Ext Tronco (cm)	Ombro dir	Ombro esq	40 m	IMC = Altura x Altura
2ª Fase	16	1,80	58	17,90	26	16	15	2,25	2,0	20	Sim	Não	7,50	3,24

	Dentro da Zona Saudável de Aptidão Física (ZSAF)
	Ligeiramente fora da ZSAF
	Fora da ZSAF

Reflexões e Conclusões do Plano de Intervenção

Relação com o Aluno:

Dia: 23 de Abril de 2014 | Quarta – Feira.

O aluno chegou à sala de professores já com um sorriso na cara. Foi-lhe explicado o trabalho que iria realizar comigo, a partir desse dia, enquanto professor de Educação Física do mesmo. O aluno depois de entender o que iria fazer, reagiu de forma positiva esboçando um sorriso, sendo que, naquela altura senti-o motivado.

A partir do momento em que referi que o tema seria música, o aluno ficou extremamente empolgado. Construimos assim, uma lista com várias músicas, de diversos temas musicais, todas elas, segundo os seus gostos. De seguida, tirei partido do fato de adorar Educação Visual, transmitindo-lhe o desafio de desenhar a capa do “seu CD”, com o objetivo, de promover a capacidade de expressão e construção de pensamentos, através do desenho.

Conclusões: O aluno demonstrou uma grande capacidade cognitiva, relativamente à associação e memorização, da relação: Som - Intérprete da música. (Enquanto expunha músicas ao aluno, o computador estava virado apenas para mim. Sem conseguir ver, o aluno ouvia e associava a música ao seu intérprete.)

Ao aluno, foi entregue, toda a liberdade de escolha e de atos, sendo que, através dessa liberdade, verifiquei que “vibrava” de forma entusiástica, com as músicas que colocava. Desta observação, encontrei pormenores interessantes, relativamente ao seu foco atencional. Enquanto desenhava - propositadamente coloquei uma das suas músicas preferidas – o aluno não teve qualquer tipo de reacção à música, continuando concentrado apenas e só, no desenho.

Destes comportamentos distintos, foi notória a dificuldade em expandir o seu foco atencional, ou seja, dificuldade de concentração em mais do que uma realidade.

O aluno encontrava-se alegre e empolgado.

O aluno chegou à sala de professores, muito empolgado pois tinha sido notificado, no dia anterior que, naquele tempo, iria ter actividades práticas comigo. Antes de entrar em trabalho prático com o aluno, tive uma reunião com cerca de 1 hora, o que fez com que apenas me restasse 45 a 50 minutos de prática com o aluno.

Durante a reunião, o aluno esteve sempre ao meu lado, sorridente, respeitador e sossegado (Durante curtos períodos de tempo, nomeava desportos que nunca tinha feito, e que adorava fazer, por exemplo: Golfe). Sabendo que se encontrava numa reunião, reparei que, imitava parcialmente, durante a maior parte do tempo, a minha postura. (Posição dos braços, disposição, bem como, gestos realizados). Posto isto, guardei o fator “imitação” para a parte prática.

Numa fase inicial, da parte prática, o aluno revelou um bom desempenho motor nos vários níveis: Coordenação, equilíbrio e velocidade. Apresenta ainda, dificuldades na execução de multi-tarefas, por exemplo: Em corrida, driblar em cima das linhas de campo. Assim que, transmiti o que tinha que executar, o aluno levou o seu foco atencional apenas a duas palavras “Correr e driblar” acabando por se abstrair ou não focar, no resto do exercício. (Falha de concentração: Correr em cima da linha) Fê-lo bem, posteriormente, depois de ter reforçado mais o feedback.

Na fase final da parte prática, propus jogo 1x1 ao aluno, transmitindo-lhe liberdade de escolha e desejos ao que fora proposto. O aluno, imediatamente, colocou de parte o jogo, preferindo os lançamentos. Durante os mesmos, reparei na dificuldade em coordenar o lançamento com a direcção, sendo que, rapidamente demonstrou evolução. Essa evolução nasceu através de constantes feedback’s e reforços positivos, de minha parte, ao gesto técnico. (Os Feedback’s são o fator mais importante para a evolução crescente da confiança e motivação, pois o aluno, prestava grande atenção ao que lhe era dito.)

Conclusões: O aluno demonstrou um bom desempenho motor, mas sobretudo uma grande alegria no que estava a fazer. Senti o aluno radiante com o jogo das imitações. O jogo consistia na imitação, com bola, do aluno ao professor e professor aluno. (As imitações nasciam desde a simples imitação de gestos à imitação de sons, vozes ou personagens preferidas de banda desenhada, do aluno. Tudo isto, coordenado com o seu padrão motor e a bola).

O aluno, tem uma personalidade flexível. É respeitador, reconhece o erro, e tem uma grande capacidade de esforço, ou seja, após reconhecer o erro, trabalha arduamente para o corrigir/melhorar. Nestes momentos, não consigo reparar se o aluno se encontra desmoralizado ou não, com o fato de errar várias vezes. Encontra-se tão concentrado no objectivo que, leva a relação “erro-sucesso” ao limite.

O aluno encontrava-se extremamente alegre e bem-disposto.

Dia: 7 de Maio de 2014 | Quarta – Feira.

Neste dia o aluno apresentava um nível de excitação muito grande. Questionei o aluno do porque de se sentir daquela maneira, ao que o aluno respondeu: “Gosto muito de ginástica e queria que o professor me ensinasse a fazer uns truques de “Parkour”. Em poucos segundos o aluno conseguiu contagiar-me com a sua enorme vontade, sendo que, posteriormente lhe disse que o ensinava a fazer o que queria, na parte final da aula.

Numa fase inicial, da parte prática, o aluno revelou um bom desempenho motor nos vários níveis: Coordenação e equilíbrio. Apresenta ainda, dificuldades na execução de multitarefas, por exemplo:

- ✓ Entendia o que era proposto para realizar, mas no entanto, não se concentrava num dos objetivos da aula – Criar uma sequência gímnica.
- ✓ Apresentou dificuldade em criar uma sequência sem a minha ajuda.
- ✓ Após ter ajudado o aluno, este decorou muito bem a sequência, mas sempre com o pensamento focado na parte final da aula. (Truques de Parkour)

Na fase final da parte prática, propus ao aluno que escolhesse o (s) aparelho (s) que queria trabalhar – Escolha: Minitrampolim. Assim que foi montado o aparelho, indicava ao aluno o que teria de fazer. Numa primeira parte, os elementos já abordados nas aulas, e numa segunda parte, desafios criados ao aluno (Sequencia para um Salto: rolamento a frente e à retaguarda, roda, corrida, salto em Extensão; entre outros).

No final, durante 15 minutos, enquanto ambos cantávamos (imitava e interagia com o que o aluno fazia), fomos realizando alguns movimentos de “Parkour” aproveitando a montagem de alguns aparelhos. Assim que o aluno realizava, com uma adrenalina enorme, ia corrigindo-o e dando-lhe feedbacks positivos ao seu sucesso.

(Conclusões: O aluno demonstrou um bom desempenho motor, mas sobretudo uma grande alegria no que estava a fazer. Senti o aluno radiante para com a modalidade e sobretudo na parte final da aula.

O aluno, tem uma personalidade flexível. É respeitador, reconhece o erro, e tem uma grande capacidade de esforço, ou seja, após reconhecer o erro, trabalha arduamente para o corrigir/melhorar. É notória a presença de um forte foco atencional ao que deseja realizar, abstraindo-se de tudo o resto. Precisei de insistir e reforçar os objetivos mais do que uma vez para que o aluno se foca-se mais no que era pretendido.

O aluno encontrava-se em êxtase. Muito hiperativo.

Dia: 14 de Maio de 2014 | Quarta – Feira.

Neste dia, decidi fazer uma surpresa ao aluno. Sabendo que o mesmo adora, saltos, correr, aventura e adrenalina, criei um percurso de Orientação na escola. Este percurso era constituído por cartas, em que dentro das mesmas se encontrava questões desportivas e uma letra. O objetivo final seria, após encontrar essas cartas/letras, formar a frase “segredo” (Frase- Nome do aluno é Fixe).

Assim que o aluno soube o que iria fazer, ficou extremamente entusiasmado, pronto para as encontrar todas. Começamos o percurso com a demonstração de um sentido de orientação excecional do aluno sobre o espaço escolar, sendo este fator um bom ponto de partida. Senti que, apesar de conhecer bem a Escola e a orientação das cartas no mapa, dirigia muito o olhar para mim, com a intenção de o orientar ou “confirmar” se estava a realizar as coisas corretamente. Enquanto promotor de aprendizagens e capacidade de resposta às necessidades do aluno, tentei dar poucos feedbacks (pertinentes) de forma a entregar mais autonomia e liberdade de decisão ao aluno.

Conclusões:

- ✓ O aluno conseguiu terminar o percurso mais rápido do que imaginava.
- ✓ Bom sentido de orientação espacial e respondeu bem a todas as questões presentes nas cartas.
- ✓ Apresentou dificuldades em decidir por onde procurar as cartas, sem o meu apoio.
- ✓ A maior dificuldade foi verificada na formação da frase final (Frase Segredo). O aluno esperava pelo incentivo e dicas do professor para chegar à palavra que queria – pouca autonomia, receio em errar.

O aluno encontrava-se motivado e feliz.

Dia: 15 de Maio de 2014 | Quinta – Feira.

De forma a promover mais tempo de contato com o aluno decidi, dentro de uma aula de Educação Física com a turma, realizar trabalho específico com o mesmo. Numa primeira parte da aula - interação como os colegas – Ginástica Acrobática. Numa segunda parte – Interação com o Professor – Circuito de Ginástica de Solo.

Como a modalidade que estava a ser lecionada era Ginástica, o aluno encontrava-se extremamente contente e motivado, pois é uma das suas modalidades preferidas. Verifiquei que tende a isolar-se em ginástica acrobática, receando subir ou realizar montes e desmontes com os colegas. Para combater esse fato, insisti com o aluno e os seus colegas para a realização de uma montagem em trios. Os seus colegas de turma pararam todos de fazer o que estavam a fazer e começaram de imediato a incentivar o aluno, acabando por o felicitar. A partir deste incentivo por parte dos colegas o aluno interagiu muito mais com o seu grupo.

Na segunda parte da aula, o aluno sentiu-se mais à vontade ao trabalhar no circuito de ginástica de solo, sem a interação com os colegas.

Conclusões:

- ✓ O aluno melhorou e interagiu mais com os seus colegas de turma. Evitou o isolamento, dedicando-se à prática em grupo.
-

-
- ✓ Bom desempenho motor no que toca às condicionantes técnicas dos gestos nestas duas vertentes da modalidade de ginástica.
 - ✓ Apresentou dificuldades em integrar-se no grupo e realizar os exercícios com o mesmo, sem ser incentivado.

O aluno encontrava-se motivado. Extremamente feliz após o apoio da turma.

Dia: 21 de Maio de 2014 | Quarta – Feira

O aluno chegou muito entusiasmado à sala de professores do grupo de Educação Física, cantando e gesticulando. Neste dia, foi trabalhada a motricidade grossa e fina do aluno, com as modalidades Badminton e Ping-pong (coordenação raquete-pulso, e noção do espaço das diferentes zonas de jogo destas modalidades).

O aluno, manteve-se muito ativo e divertido. Enquanto jogávamos iam falando sobre o que ele gostava, cantando e focando o trabalho perante as necessidades do aluno.

Conclusões:

- ✓ O aluno demonstrou boa coordenação relativamente à relação raquete-pulso, embora apresentasse um desempenho pouco satisfatório relativamente à noção espacial.
- ✓ Concentrava-se muito bem no jogo, mas isolava o pensamento e o seu foco relativamente às regras. (Tive necessidade de reforçar as regras, criando exercícios que o fizessem perceber o porque de não se poder jogar de certa forma, por exemplo: Zona “fogo” e Zona “Saudável” – Só podíamos jogar na zona saudável, se tocássemos na zona fogo tínhamos consequências como: Flexões, abdominais ou agachamentos.)
- ✓ *Badminton:* Pouca noção da força utilizada para atingir as diferentes zonas por mim estipuladas a atingir. *Ping-Pong:* Algumas reações fora do contexto, como: lançar a bola diretamente para o campo oposto, sem sentido e com força – como se um desejo intrínseco se tratasse, esquecendo-se do que o rodeia.

O aluno encontrava-se muito contente.

O aluno chegou novamente entusiasmado á sala de professores do grupo de Educação Física, mas desta vez um pouco menos excitado. Neste dia, propus ao aluno que realizasse no computador, exercícos de raciocínio e lógica através de um jogo de computador.

O aluno, manteve-se muito interessado e dedicado. Enquanto jogava ia reforçando o objetivo do jogo e formas mais fáceis de processar o pensamento do aluno. Com o meu apoio o aluno surpreendeu-me pela positiva, passando níveis com alguma dificuldade acrescida. Embora achasse que o jogo talvez tornasse a sua atividade monótona, os efeitos foram opostos ao meu pensamento – Devido á diversidade de níveis e novos obstáculos o aluno manteve-se cada vez mais dedicado e sobretudo feliz ao tentar ultrapassar todos os desafios.

Numa segunda parte da aula, trabalhei com o aluno a precisão e coordenação – Várias bolas de diferentes modalidades | objetivo: Deitar os marcos (cones) a baixo. Numa última parte, liberdade de jogo ou diversão com as bolas entre professor e aluno.

Conclusões:

- ✓ O aluno demonstrou uma boa capacidade mental e sobretudo de entendimento do jogo.
- ✓ Em certas alturas, surpreendeu-me com o fato de se focar perfeitamente no objetivo arranjando formas mais eficazes de atingir o objetivo sem utilizar as “jogadas padrão” que geralmente os jogos possuem.
- ✓ Tive necessidade de intervir com o aluno, de forma a ajuda-lo na sua reflexão. Por vezes, desviava-se inconscientemente do objetivo cometendo sempre o mesmo erro.
- ✓ A nível da coordenação e precisão dos lançamentos das bolas ao alvo, o aluno apresentou um desempenho satisfatório, no entanto, houve momentos em que atirava só pelo prazer de atirar e não com um objetivo em faze-lo.

O aluno encontrava-se agitado mas motivado.

O aluno chegou entusiasmadíssimo, mas ao mesmo tempo triste. Perguntei-lhe o porque não se sentir contente, ao qual o aluno respondeu “Vou ter muitas saudades, é a última aula com o professor.” O aluno continuou com o jogo no computador, exercícios de raciocínio e lógica, pois queria constatar se conseguiria avançar e ultrapassar obstáculos de maior dificuldade cognitiva.

O aluno, manteve-se muito interessado e dedicado, pois gostava do jogo. Enquanto jogava ia reforçando e ajudando em formas mais fáceis de processar o pensamento do aluno. Confirmei o sucesso do aluno. O aluno demonstra uma boa capacidade mental naquilo que realmente deseja ultrapassar. Parava para refletir e ponderar a jogada antes de a iniciar, sendo este o fato que me fez perceber que o aluno progrediu. Numa segunda parte da aula, trabalhei com o aluno consoante o seu desejo na altura, pois era o último dia que estaria com o mesmo. Após ter escolhido ping-pong, voltamos a rever as regras fundamentais do jogo, criando posteriormente jogos divertidos (Saltar enquanto jogávamos; Cantar; Com um braço atrás das costas, entre outros).

Conclusões:

- ✓ O aluno demonstrou uma boa capacidade mental e sobretudo de entendimento do jogo – Evolução no processamento do pensamento e reflexão intelectuais.
- ✓ A coordenação e capacidade de manuseamento da raquete para com a bola, melhoraram bastante. O aluno apresentou um desempenho satisfatório, no entanto, houve momentos em que continuava a atirar só pelo prazer de atirar e não com um objetivo em fazê-lo.

Segundo palavras do aluno: “Estou muito feliz”



ESTUDO CASO

Diário Motivacional do Aluno

Como sabemos, nem todos os dias conseguimos ter a mesma energia ou a mesma disposição, sendo que, este fator irá condicionar ou criar um leque de variações à nossa motivação diária. O presente documento, apresenta um carácter livre, flexível e funcional.

Objetivo: Realizar um diário com base na motivação do aluno, no seu dia-a-dia. Assim que acorda para ir para a escola, bem como, quando chega da escola. Este diário, não necessita pormenorizadamente todos os detalhes do estado emocional do aluno, apenas, de uma forma geral e sucinta, como se sente, que aspetos acha que serão importantes redigir – *por exemplo – O aluno, no dia “x”, com base na interação que teve com o mesmo, deu a entender que estava contente / feliz/ empolgado/ Excitado/ Zangado / Revoltado/ Triste entre outros, porque (...). O aluno não está interessado sobre (...) ou gostava mais de (...) ou mesmo, não parava de falar de (...).*

De uma forma geral um resumo das emoções diárias do aluno.

Enc. Educação / Professor: Prof. Ensino Especial

Nota: *Por motivos profissionais e pessoais, não consegui realizar todos os diários, relativos ao acompanhamento com o aluno.*

Dia: 30.04.2014

Diário: O aluno revelou interesse nas atividades propostas, e demonstrou uma grande alegria e bem-estar consigo próprio. Continua a revelar desempenho evolutivo no que diz respeito à sua criatividade.

Dia: 8.05.2014

Diário: O aluno chegou a sala bastante feliz, pronto para trabalhar. O aluno lê com alguma fluidez mas ainda sem a pontuação adequada. Retira o conteúdo do texto e reproduz o tema que leu. Responde, verbalmente, a questões objetivas. Contudo, tem dificuldades em construir a frase adequada, escrevendo e criando pequenos textos com ajuda, no entanto, realizou-os sem se distrair em demasia.

Dia: 13.05.2014

Diário: O aluno chegou à sala um pouco agitado e excitado. A razão aparente deste estado de espírito, segundo o mesmo, deveu-se aos novos sons vocais que conseguia fazer. Enquanto íamos dialogando, o aluno resolvia situações problemáticas simples. A nível do raciocínio lógico/matemático revela dificuldades na retenção e aplicação dos conhecimentos, no entanto, demonstra dedicação e boa disposição para trabalhar.

Dia: 17.05.2014

Diário: O aluno esteve emocionalmente estável. Demonstrou alguma agitação no início, acalmando-se posteriormente. O aluno sente-se à vontade e excitado com tecnologias, mais especificamente, com a utilização do computador. A utilização do programa *Paint* e *PowerPoint* tem promovido as suas aprendizagens.

Dia: 19.05.2014

Diário: O aluno esteve sempre bem comportado na sala, na minha companhia e dos seus lápis de pintar. Cada vez mais expressivo, o aluno demonstra um progresso no que diz respeito à capacidade de expressão do que imagina no papel. Esteve particularmente contente – Adora desenhar.

Dia: 21.05.2014

Diário: O aluno executou todas as tarefas sem qualquer tipo de agitação. Enquanto as realizava, falava muito sobre as experiências e exercícios que fizera na aula com o Professor Tiago. Música e “Parkour” eram o assunto preferido do aluno.

Dia: 1.06.2014

Diário: Executou as tarefas com alguma agitação, sempre com um, aparente discurso final de ano. Foi proposta a discussão sobre as melhorias e dificuldades que o mesmo sentiu durante este ano letivo, de forma a promover o reconhecimento das suas capacidades, bem como, auto-pensamento, crítico sobre a sua evolução. Esteve sempre sorridente.



ESTUDO CASO Diário Motivacional do Aluno

Como sabemos, nem todos os dias conseguimos ter a mesma energia ou a mesma disposição, sendo que, este fator irá condicionar ou criar um leque de variações à nossa motivação diária. O presente documento, apresenta um carácter livre, flexível e funcional.

Objetivo: Realizar um diário com base na motivação do aluno, no seu dia-a-dia. Assim que acorda para ir para a escola, bem como, quando chega da escola. Este diário, não necessita pormenorizadamente todos os detalhes do estado emocional do aluno, apenas, de uma forma geral e sucinta, como se sente, que aspetos acha que serão importantes redigir – *por exemplo – O aluno, no dia “x”, com base na interação que teve com o mesmo, deu a entender que estava contente / feliz/ empolgado/ Excitado/ Zangado / Revoltado/ Triste entre outros, porque (...). O aluno não está interessado sobre (...) ou gostava mais de (...) ou mesmo, não parava de falar de (...).*

De uma forma geral um resumo das emoções diárias do aluno.

Enc. Educação / Professor: Professora / Diretora de turma.

Dia: 29.04.2014

Diário: O aluno esteve mais agitado do que o costuma. Foi necessário ir insistindo em que realizasse a tarefa dada sem que se dispersasse com tanta frequência. O aluno está integrado numa turma que por norma é agitada também e volta e meia também aproveita as ocasiões de irrequietude para impressionar os colegas mais perturbadores. Normalmente isto sucede nas aulas de 90 minutos, em que se torna mais difícil permanecer atento num maior período de tempo.

Dia: 30.04.2014

Diário: O aluno esteve a completar a tarefa da aula interior e reagiu bem, completou-a e ainda participou numa parte da atividade desenvolvida com a turma. Esteve interessado.

Dia: 06.05.2014

Diário: O aluno acompanhou a turma e os restantes 9 anos ao cineteatro de Anadia para ver um filme alusivo à temática do 25 de abril. Na viagem esteve muito animado e divertiu-se a fazer com os colegas o percurso a pé até o destino. No teatro esteve sempre sentado ao meu lado mas muitíssimo agitado, sobretudo nas partes de maior agressão no filme, com as cenas dos tanques, dos soldados e com a linguagem mais rude (asneiras) utilizada ocasionalmente por estes. O aluno emitia muitos sons, normalmente eram tiros

e pequenos gritos, agitava os braços no ar, por vezes e ligou muitas vezes o seu telefone, embora eu sempre lhe fosse lembrando que não era permitido. A sua agitação levou a que eu estivesse constantemente atenta e a chamá-lo à razão. No final, voltou com os colegas para a escola, foi mais rápido e sempre bem animado. Disse-me que gostou muito.

Dia: 07.05.2014

Diário: Realizou a tarefa proposta com interesse, porém com alguma agitação, lá mais para o final da aula.

Dia: 13.05.2014

Diário: Completou o trabalho anterior com interesse mas foi sendo precisa a minha intervenção por várias vezes para que se concentrasse devidamente. Estava agitado.

Dia: 14.05.2014

Diário: Acompanhou, com agrado, os colegas num exercício de audição. Normalmente gosta de o fazer, reage bem. No final da aula já esteve mais irrequieto, batendo com as mãos na carteira para chamar a atenção dos colegas mais irrequietos.

Dia: 20.05.2014

Diário: Esteve atento mas voltou a não querer ir uma parte da aula para a sala da professora de Educação Especial como combinado. Esteve bastante agitado, Cheguei a “ralhar” com ele, insistindo para que se acalmasse e completasse a sua tarefa. As intervenções despropositadas dos colegas parecem levá-lo também a querer destacar-se pela irrequietude.

Dia: 21.05.2014

Diário: Esteve bem, mais sossegado que no dia anterior e quando solicitado tentava responder às minhas solicitações.

Dia: 29.05.2014

Diário: Executou a tarefa com alguma agitação.

Dia: 03.06.2014

Diário: Hoje o aluno esteve muito barulhento, insistia em bater com os lápis na parede e no seu estojo, tive que retirar os lápis para que se aquietasse. Reparei que sempre que ele fazia esses barulhos, olhava para trás para os colegas para se certificar que estes o estavam a “observar” e a gostar do barulho.



ESTUDO CASO Diário Motivacional do Aluno

Como sabemos, nem todos os dias conseguimos ter a mesma energia ou a mesma disposição, sendo que, este fator irá condicionar ou criar um leque de variações à nossa motivação diária. O presente documento, apresenta um carácter livre, flexível e funcional.

Objetivo: Realizar um diário com base na motivação do aluno, no seu dia-a-dia. Assim que acorda para ir para a escola, bem como, quando chega da escola. Este diário, não necessita pormenorizadamente todos os detalhes do estado emocional do aluno, apenas, de uma forma geral e sucinta, como se sente, que aspetos acha que serão importantes redigir – *por exemplo – O aluno, no dia “x”, com base na interação que teve com o mesmo, deu a entender que estava contente / feliz/ empolgado/ Excitado/ Zangado / Revoltado/ Triste entre outros, porque (...). O aluno não está interessado sobre (...) ou gostava mais de (...) ou mesmo, não parava de falar de (...).*

De uma forma geral um resumo das emoções diárias do aluno.

| Enc. Educação / Professor: Enc. Educação.

Dia: 29.04.2014

Diário: O meu filho, veio da escola um pouco agitado e focou-se no seu interesse atual, a música. Não queria falar sobre mais nada.

Dia: 30.04.2014

Diário: O meu filho, veio da Escola muito feliz, sempre a falar na aula com o prof. Tiago e com expetativas para a próxima já combinada com o professor. Esteve muito mais participativo, mesmo nas tarefas de casa.

Dia: 02.05.2014

Diário: Hoje está muito feliz pois foi o Pai que o foi buscar a escola.

Dia: 05.05.2014

Diário: O meu filho, hoje veio muito calmo da escola.

Dia: 6.05.2014

Diário: Hoje, não teve aula de E.F. e veio um pouco agitado, mas julgo que, a ida ao cinema com a turma o deixou um pouco excitado

Dia: 7.05.2014

Diário: Hoje o meu filho, percebeu que, mais uma vez não levou o saco para o Desporto e deixou-o um pouco perturbado por isso, mas veio feliz.

Dia: 8.05.2014

Diário: Veio muito feliz da escola.

Dia: 13.05.2014

Diário: Agora tem um novo interessa na música. “Fazer sons” com a boca?

Dia: 20.05.2014

Diário: O meu filho como tem vindo a ser hábito, vem muito feliz.

Dia: 21.05.2014

Diário: Hoje, chegou muito feliz com o que fez com o professor.

Dia: 28.05.2014

Diário: Hoje, disse-me que a aula de ginástica foi “brutal”. Muito bem.

Dia: 29.05.2014

Diário: Muito contente, o nosso menino.

Dia: 2.06.2014

Diário: Hoje, veio com um trabalho que fez na escola, um palco com todos os instrumentos, delirante. Já só pensa nas despedidas.